

Livro Negro de Padre Dinis – II

(continuação dos *Mistérios de Lisboa*)

de Camilo Castelo Branco

XXVI

Quinze dias depois, o visconde recebeu em sua casa o hóspede do marquês de Alençon. A duquesa de Cliton, da janela fronteira ao palácio do visconde, vira entrar o cavalheiro com um laçao. Voltou-se para seu marido, que passeava na sala, e disse:

– Vê com o óculo quem entrou no pátio do nosso visconde.

O duque demorou-se um instante na observação:

– É o cavalheiro que ele esperava ontem. O tal picardo, que viaja há doze anos. Naturalmente tê-lo-emos por cá hoje. Vou cumprimentá-lo.

– Mas não te demores, não? Habitaste-me a não poder estar sem ti... Vês os resultados? Não te deixo viver para os teus amigos!

– É doce a escravidão. Se não queres que eu vá...

– Vai, meu filho... Eu estou gracejando...

– Não queria que fosse uma graça ao teu egoísmo... Vê tu, até das algemas sou avarento.

– Então não vás... Amanhã... Não temos obrigação de saber se o tal senhor chegou, sem que o visconde, ou alguém, nos participe. Mandemos buscar a nossa filha, e repartamos por ela os nossos beijos... Mas o primeiro e teu...

Branca beijou-o. O duque respondeu com o silêncio e imobilidade melancólica da indiferença.

– Não és meu amigo?

– Muito teu amigo.

– Em amor... já me não falas...

– Não te disse eu tudo?

– E eu... sinto tanto que dizer-te!

– Diz, Branca...

– Não tens adivinhado o meu coração? É preciso que eu to diga?

– É... Do teu coração, está tudo por dizer... Não está ele morto?

– Não... revive... amo-te...

– É tarde, Branca!

– Tarde! que horrível palavra é essa! Tarde!

– Ressuscitas quando eu morro...

– Não me amas?

– Não. Estimo-te.

– Desmereci do que era, duque? Não sou...

– És o que foste. Vejo-te como te via. És uma necessidade da minha existência; mas... eu é que sou outro homem. Gastou-me o infortúnio... Pensei muito, chorei muito, acendi no coração uma lavareda que devia queimá-lo... Cansei! Não achas tão natural este fim, quando o principio tão desgraçado foi? As forças do homem são limitadas. Estimo-te; mas o entusiasmo, a vertigem, o suave doer da paixão passou do tormento à morte. Aqui tens o meu estado... é lamentável!

– E o meu? Duas dores insuportáveis... O remorso... e a consciência de que não sou amada, quando te amo...

– Não chores, Branca... A amizade não te satisfaz? Aprende comigo, minha irmã. Queixei-me eu, quando me ofereceste unicamente um afecto de amiga?

– Tens razão... mas a vida assim não se sustenta...

– Sustenta. Eu não te darei ocasião de ambicionares um gozo, que o não tenhas. Farei que os prazeres te persigam...

– Não os quero... Torno a ser desgraçada... Torno para as minhas trevas...

– Tua filha não te será um alívio, como o está sendo para mim? Vivamos para Elisa... Convençamo-nos de que somos responsáveis pela felicidade dela, por isso mesmo que temos uma experiência amarga do que é a desgraça. A minha filha é para mim a glória depois do martírio. Porque não há-de ser para ti um favor de Deus, que te fez mártir de um amor impossível?

– Impossível, não... que o sinto!...

– Que o sentes!... E extraordinária a tua expansão, aos onze meses de casada!... Longo foi o sono da tua alma!... Não era mais feliz, acreditando-te; mas... não te acredito, Branca...

– Não me acreditas!... Minto-te vilmente! Respeita-me, ao menos, duque!

– Minha amiga, que mais respeito pode tributar um homem a sua mulher? Até os teus delírios por Lacroze respeitei! Até esses quis minorar, contando-te os serviços que fiz a esse desconhecido! A tua tranquilidade reapareceu, quando eu te assegurei que esse homem não morrera! Reviveste com ele!... Isto é muito lisonjeiro para a vaidade e para o amor de um marido!

– Não me compreendes! E impossível que não! É verdade... senti-me outra com a notícia da vida desse homem... E porque eu não queria a responsabilidade da sua morte. Imaginei-o feliz, esquecido, e a sua imagem deixou de perseguir-me. Sendo ele feliz, o meu voto estava desfeito... Não viria pedir-me contas de uma perfídia...

– Perfídia!

– Perfídia, sim porque na mão desse homem existiu, e existirá uma carta em que lhe juro ser sua, ou morrer na violência de ser doutro... Não viste a face generosa da minha alma nesta alegria que a tua notícia me deu!...

– Branca! não nos impacientemos... Estas práticas são penosas e estéreis... Nada de passado... Vive-se sem coração? Vive, porque tu, minha mulher, e mãe de minha filha, não sentiste a precisão de o ter... Vivamos assim... Ninguém dirá que nos não amamos como duas crianças... O mundo, os nossos hóspedes, os nossos criados, ignoram as longas horas de silêncio que vivemos em face um do outro... Valha-nos a hipocrisia do infortúnio...

A duquesa caiu num sofá, soluçando. O duque entrou no quarto de sua filha, e trouxe-a, depositando-a nos braços de sua mulher.

– É tudo o que temos, Branca! Permita o céu que as nossas lágrimas lhe sejam desconto nas que ela há-de chorar.

O duque chegou à janela, e viu o visconde que lhe acenava das ameias do castelo com uma bandeira. A par com ele estava o hóspede.

– O visconde chama-me, Branca... Volto logo.

Branca derramou copiosas lágrimas na face de Elisa. Assaltada por um vago presságio, ergueu-se com ela, e sentia ânsias mortais. Queria encontrar o que era que a apavorava, e não via a sombra negra que lhe passava sobre o coração.

– Dai-me luz, meu Deus! aclarai-me este pressentimento! Que fiz eu, para tanto? Eu era ainda ontem feliz! Meu marido não é meu inimigo... Dá-me todos os seus momentos, sem fastio nem azedume! Que desventuras posso eu recear...

.....

O duque chegara ao solar de Armagnac. O visconde e d'Auvergne vieram recebê-lo ao pátio.

– Tem-me contado celebridades da África o meu peregrino sem concha nem bordão – disse o visconde.

– Há lá muitas – respondeu o duque.

– Também visitastes a África?

– Estive no Egipto, com o imperador, comandando um regimento de cavalaria.

– Admirastes, portanto, as ruínas de Racoudak, os fustes dispersos do Hipódromo, da coluna de Pompeu e das agulhas de Cleópatra. Napoleão respeitou esses restos; mas os Ingleses, em mil oitocentos e três, declararam guerra sem quartel aos monumentos que tingiram de sangue... Não falemos em cousas tristes... Como está a senhora duquesa?

– Restabelecida. Agradeço-vos muito a delicadeza de vos interromperdes para honrá-la com o vosso cuidado. Vejo que os nossos sítios não vos desaprazem.

– Há aqui belezas selvagens que me fazem lembrar as regiões inóspitas da Capadócia. O que lá não há são cavalheiros que nos fazem esquecer a delicada pontualidade de Londres, e os cordiais afagos de Paris. Sois vós que dais o brilho a esta natureza, que veste de luto, aos olhos de um quase desterrado no seio de sua pátria. Não sei como encontrarei a Picardia, mas, quando a abandonei, era triste. Mas triste é ainda, porque já lá não encontro mãe; e minhas irmãs hão-de abraçar-me frias e receosas como quem abraça um estrangeiro... Cá estou nas cousas tristes... Dizei-me, senhor duque, a vida de casado é boa? Vou resolvido a descansar nos braços de uma mulher... Aconselhai-me... se dão conselhos em matéria tão melindrosa...

– Não quereis servir-me de exemplo? Creio que sois feliz.

– Sou feliz; mas nem por isso me dou como exemplo.

– Quem encontrar mulher com os atributos da vossa, não pode reçar o arrependimento.

– Decerto, não...

– A dificuldade é colher essas raras flores que a mão de Deus semeia entre os espinhos da terra... Previno a vossa resposta, senhor duque.

– Não será difícil encontrá-la com as vossas qualidades pessoais.

– Porventura conhecei-las?

– Calculo-as, tendes trinta anos?

– Trinta anos... que importam os anos?

– Na vossa idade, todas as ambições são nobres, a vida é toda de coração; o espírito não desce ao baixo tremedal dos vícios infamantes, e, portanto, o que vos garante uma feliz escolha é o puro paladar que ainda tendes para estremar, entre todas, a mulher digna de vós.

– Animais-me a procurá-la...

– Pois, sim – atalhou o visconde –, havemos de casar ao mesmo tempo... Jantas connosco, duque?

– Não posso; a duquesa espera-me. O cavalheiro de Auvergne, se não estiver a o, dignar-se-á honrar-me com a sua companhia esta noite?

– Decididamente... – respondeu o visconde.

Ao fim da tarde, desciam os cavalheiros de Armagnac em direcção a Cliton. A duquesa, violentada pela etiqueta, predispunha-se com fingido ar de graça, que os sucessos de manhã não lhe concediam a afabilidade natural.

O duque saíra a recebê-los na alameda que mediava entre o palácio e o portão da quinta. Branca, distraidamente através de uma vidraça, reparou no aspecto de celebrado

cavalheiro.

Ao primeiro lance de olhos, sentiu correr-lhe nas veias um gelo de morte. Firmou a vista como quem quer desmentir-se o terror de uma apreensão. Aqui os lábios oscilaram uma palavra tremida como um gemido de angustiosa surpresa: DEUS! E o cavalheiro, sobre quem os olhos pávidos de Branca se fixavam na imobilidade do pasmo, aproximava-se... Outra palavra ainda: LACROZE! E, como espavorida, fugiu para a sua câmara num ímpeto de doida. Aí, quando dobrava os joelhos em aflitiva súplica, a face bateu no pavimento, e a luz fugiu dos olhos à desgraçada.

A ama de Elisa, ao estrépito da queda, acudiu do quarto próximo. Tomou-a nos braços, lançou-a sobre o leito, desapertou-lhe os vestidos, fez-lhe respirar um antiespasmódico de felizes resultados nos frequentes delíquios da duquesa.

Queria chamar o duque; e não podia deixá-la só. Na indecisão, tocou uma campainha e esperou. Branca abriu os olhos, e acenou à criada que não chamasse alguém. Um escudeiro veio dizer-lhe que era esperada na sala. A criada respondeu que era impossível ir.

O duque entrou no quarto.

– Que tiveste, Branca?... Não respondes?

– Foi um desmaio – respondeu a criada.

– Agora mesmo?

– Vim encontrá-la caída aqui no chão.

– Mas eu nunca a vi assim! Com os olhos abertos, e sem responder-me!... Minha filha, que sentes? A tua cabeça tem fogo! Corram a chamar um médico!... Eu volto já...

O duque entrou na sala, onde os hóspedes o esperavam

– Senhor de Auvergne, a duquesa acaba de sofrer um ataque cerebral.

– Decerto! – exclamou d’Auvergne, escondendo o sobressalto.

– Talvez exageres, duque! Será um desses desmaios passageiros do seu costume.

– Não é... Tem os olhos injectados de sangue, e a cabeça é uma brasa viva...

Desculpai-me, cavalheiros...

– Se me permitis – disse d’Auvergne –, demorar-me-ei até me retirar com segurança de que não é funesto o padecimento da senhora duquesa.

– Obrigado, cavalheiro... ficai com o visconde; eu volto logo que possa.

Na ausência do duque, o suposto viajante perguntou ao visconde:

– Esta senhora costuma sofrer estes acessos de sangue à cabeça?

– Não tanto: sofria uns acidentes sem consequência; mas há mais de seis meses que se não repetem.

– E antes dos seis meses sofria-os com frequência?

– Quase todos os dias.

– Consequências de algum sofrimento moral?

– Penso que sim: causas complicadíssimas...

– E essas causas com o tempo não desaparecem?

– A julgar pelos efeitos...

– Sabeis, senhor visconde, que me não parece feliz o duque? Acho naquela fisionomia um toque especial de amargura, uma aridez que as lágrimas costumam deixar por onde passam! Não sei se é de ser triste; mas tenho uma intuição miraculosa para me não enganar com os que sofrem. Este homem não é feliz.

– Adivinhastes, senhor de Auvergne.

– Bem me parecia a mim! Se eu visse a fisionomia dela, confirmava plenamente a minha certeza com a infalibilidade que a duquesa me daria, suposto que ajuizar de uma mulher pelo semblante é difícil empenho... Conheceis há muito esta senhora?

– Conheço-a desde criança: vi-a crescer na Vendeia, onde estava refugiada com

seu pai, e convivemos em Paris, onde ela casou com o duque.

– Deveis, portanto, saber se ela casou espontaneamente com o vosso amigo...

– Porque me fazeis semelhante pergunta?

– Por uma curiosidade que não é de todo vã. Não escrevo novelas nem tragédias, mas gosto de imaginá-las... pensão de quem guarda em si o doloroso assunto de muitas... Fiz-vos esta pergunta, que retiro se não é discreta, porque me interessa na sorte destes quase desconhecidos, e queria pelos antecedentes tirar uma consequência, que aditaria aos meus apontamentos de infortúnios alheios. Não há muito que eu encontrei na Alemanha um homem tão tenebroso que parecia ter ajustado à face uma máscara de ferro. Simpatizei com aquela catadura que apavorava os outros. Relacionei-me. E a primeira cousa que lhe disse foi uma audácia, que ele poderia ter-me recebido com uma cutilada. Perguntei-lhe se fora atraído por mulher. Fixou-me com ferocidade e respondeu-me: «Fui.» Dias depois era meu amigo, porque eu lhe arrancara pouco a pouco, não os espinhos, que isso era impossível; mas os segredos do coração, esses sim. Soube que era parisiense, que amara a filha de um gentil-homem, sendo ele simples tenente, que por causa dela fora expatriado, servindo a pátria, que tivera dela uma promessa sagrada de ser sua ou morrer, amando-o, que, por fim, essa mulher casara e vivia feliz. Eis aí porque o pobre homem sofria diabolicamente! Sabeis a filosofia do conto? Foi que eu pude, com a minha filosofia, insuflar-lhe certo sentimento de dignidade que o amor lhe fizera perder: o que não aconteceria jamais, se eu tivesse o arrojo de interrogá-lo.

– Como se chamava esse homem? Podeis dizer o seu nome?

– Digo: era o marechal Ernesto de Lacroze.

– Lacroze!

– Conheceis o meu amigo?

– Não; tenho uma vaga ideia desse nome. E o nome dela sabeis-lo?

– O meu amigo teve a demasiada honra de o não proferir. Sabê-lo-eis vós?

– Eu... decerto, não... Vou pedir-vos um distinto favor...

– Falai, visconde.

– Não pronuncieis o nome do vosso amigo nesta casa.

– Por Deus, que me dá que pensar a vossa recomendação! Andai com lealdade neste mistério! A apostar que a duquesa de Cliton é a...

– Silêncio, que vem o duque... – atalhou o visconde.

– Não vos disse eu?

– Pois que é, senhor duque?

– Vai ser sangrada minha mulher... É uma congestão cerebral.

– Pobre senhora!... Retiro-me vivamente magoado. Permitireis que eu tenha o cuidado de saber das suas melhoras?

– Ela vos agradecerá, e desde já vos beijo as mãos por tantas atenções, senhor de Auvergne.

O duque voltou para ao pé do leito de sua mulher. Estava febril e desacordada. Murmurava, delirando, palavras ininteligíveis: duas só o duque pudera, mais de uma vez, ouvir distintas: *perdão* e *Lacroze*. Os cabelos eriçaram-se-lhe, e o coração estremeceu-lhe no peito, como varado pela faísca de um raio. Colou o ouvido aos lábios da febricitante, e só duas palavras, claras e vibrantes, como gritos de amor suplicante: *perdão* e *Lacroze*. Mandou retirar o médico, o capelão, e os criados da câmara. Ficou só com ela, escutando ansioso o balbuciar do delírio. Sempre as mesmas palavras. As últimas levou as mãos à cabeça, como se as fontes, arquejantes de lume, se lhe partissem. Branca abriu os olhos espavoridos e estendeu-lhe a mão. O duque retirou a sua, cruzou os braços, e contemplou-a com o primeiro sorriso de demónio que rebentava

naqueles lábios. Os olhos da duquesa cerraram-se outra vez, e o delírio continuou.

Afastemos a vista deste drama de indizível agonia, e vamos ao palácio do visconde de Armagnac.

Aí, há outro que prende muito àquele.

–...Tendes, pois, a certeza de que Branca de Clermont foi violentada a casar-se com o duque? – perguntou o hóspede.

– Tenho.

– Recebeu ela efectivamente uma carta de Lacroze moribundo?

– Recebeu: já vos disse que o sei do próprio duque.

– E durante dois anos não recebeu outra?

– Mais nenhuma: julgou-o morto.

– E ainda assim, casou violentada, podendo-se julgar exonerada do seu juramento?

– Sim... violentada.

– Sois testemunha dos sofrimentos que vieram amargurar a vida do duque?

– Fui. Vejo-vos cada vez mais solícito em profundar a vida do próximo!

– Não é em vão... Ora, dizei-me se a vossa bondade é tanta como a minha curiosidade: desde que tempo Branca de Clermont aparenta mais resignação ou menos tristeza?

– Desde que o duque lhe afiançou a existência do marechal Lacroze.

– Como explicais vós esse fenómeno?

– De duas maneiras: uma que lhe é muito lisonjeira: outra, bem pouco lisonjeira a seu marido. Ou a duquesa se julga aliviada da culpa indirecta na morte de Lacroze; ou tem esperanças de encontrá-lo um dia para *lhe provar* que o não esqueceu.

– A segunda hipótese é bem desonrosa para ela. Sois amigo dessa senhora?

– Verdadeiramente amigo.

– Não a enobreceis muito com uma das vossas explicações...

– É uma conjectura por que me não responsabilizo. A mulher, susceptível de uma falta, não é por isso indigna da minha estima. Sou francês *né malin*, como diz o poeta.

– Sois, portanto, amigo dela, senhor visconde... Quereis fazer-lhe um grande serviço?

– É desnecessária a resposta, cavalheiro.

– Entregar-lhe-eis uma carta do marechal Lacroze.

– Chamais a essa comissão um grande serviço?

– E: garanto-vos a certeza com a minha palavra de honra, segunda vez que a ofereço com segurança. Aceitais?

– Aceito; mas preveni-me das consequências.

– Levareis uma completa tranquilidade à duquesa. Livrá-la-eis de uma congestão cerebral, que pode amanhã repetir-se e matá-la.

– Serei o portador dessa carta.

– Dar-vo-la-ei amanhã: ireis entregar-lha, só a ela, entendeis?

XXVII

Na manhã do dia imediato, o visconde de Armagnac foi recebido no quarto da duquesa. Seu marido repousava da constante vigília que tivera ao pé do leito dela. O médico, seguro do triunfo sobre a morte repentina que fugira diante da lanceta, garantia, em nome da ciência, e particularmente com o seu nome, a convalescença da duquesa.

Branca estendeu a mão, trémula de misterioso receio, ao visconde. Consultava-o com os olhos pávidos, porque não ousava articular um som.

O médico foi chamado ao quarto do duque, e o visconde, por não perder o ensejo, sem preparar a enferma, deu-lhe a carta:

– De quem? – exclamou Branca, purpureando-se outra vez do sangue que lhe enturgescia as artérias temporais.

– Vereis – respondeu o visconde, retirando-se.

A duquesa, trémula e assustada de uma surpresa, abriu a carta. Debruçou-se para chegar a um castiçal. Viu que eram poucas as linhas, e animou-se a lê-la. Era isto:

Ninguém sabe, excepto vós, que sou Ernesto Lacroze. Não receeis a minha presença. Não venho pedir-vos contas de um juramento. Sou feliz; mais feliz que vós, duquesa. Sei a vossa história. Sou vosso amigo. Recebei-me com indiferença. Não reveleis o mais ligeiro indicio de surpresa. Não vos comprometo. Creio que é inocente o prazer de ouvir-vos. O passado não tem nada connosco.

Lacroze.

O seu primeiro acto foi queimar esta carta. Depois embrulhou as cinzas num lenço, que lançou num jarro de água. Pegou do jarro e ocultou-o debaixo do leito. Em todas estas acções havia uma simplicidade de idiota, uma precaução tão fora do natural em casos tais.

Tocou uma campainha. Fez chamar por uma criada o visconde, que passeava na saleta próxima.

– Quem vos entregou esta carta?

– O cavalheiro de Auvergne.

– Disse-vos de quem era?

– Disse...

– Acreditais o que ele vos disse?

– Porque não hei-de acreditar?!

– Sabeis se a carta tem resposta?

– Perguntais-mo a mim, senhora duquesa? Eu ignoro o conteúdo dessa carta. Disseram-me que era ela para vós um grande bem; não quis sindicar a natureza desse benefício. Enganaram-me?

– Não, visconde... Disseram a verdade...

– Como vos sentis?

– Melhor... muito melhor. Tenciono levantar-me brevemente. Já vistes meu marido?

– Ainda não.

– Ide vê-lo... Sede seu amigo... O infeliz precisa de consolações... As minhas são inúteis... Não me abandonou um instante, em toda a noite! Que anjo aquele!... Olhai, visconde... dissei-lhe que me ame...

– Será necessário dizer-lho? Que mais provas quereis, senhora duquesa? Quantos maridos tendes visto com tanto carinho? Quem poderia esperar tanto de um homem, rapaz de fogosas paixões, ansioso de um amor que lhe tendes negado com uma cruel ingenuidade?

– Hoje não, visconde! Há muito que o amo. Se soubésseis em que... momento a minha alma ressurgiu no seu abismo, para ver a luz, para afagar a nova esperança que me vai mentindo como todas as outras...

– Sei tudo, senhora duquesa... e por tudo saber, espero muito... Esperemos ambos uma nova primavera no coração do duque... Não me esqueça dizer-vos, senhora duquesa, que o hóspede, sem vos conhecer, representa entre nós um extraordinário amigo da vossa felicidade. O que ele pensa a vosso respeito, denuncia nele uma importante missão a cumprir. As perguntas que me fez, desde ontem, as revelações completas da vossa história infantil com Lacroze, o desfecho da carta, que tive o prazer de entregar-vos, tudo me induz a crer que este homem preveniu alguma grande fatalidade que vos ameaçava.

– Qual?... Dizei, visconde...

– Qual, não sei eu dizer-vos. Não existia um vosso juramento escrito a Ernesto Lacroze?

– Existia... Mas eu tive como certa a morte dele.

– Mas ele não teria como certo o vosso engano. A que desatinos o arrastaria uma paixão? Com que intenções voltaria esse homem à França?

– Pois sabeis onde ele está? – perguntou a duquesa, entendendo que o visconde se referia ao seu hóspede.

– Não sei, decerto; suponho que está na Alemanha, onde há três meses estava. Devo acreditar que d’Auvergne veio a Angoulême encarregado por Lacroze. Este homem, desde que eu lhe falei na violência do vosso casamento, transfigurou-se. Não sei que aspereza tinham as suas palavras, que não têm agora! Não posso bem compreender a solicitude de um estranho neste objecto! Mas sei que ele existe... Podereis vós saber mais que eu; mas não vos peço confidências...

O duque entrou com o médico. Branca deu-lhe a mão com pressurosa ânsia. Levou-a ao coração, e do coração aos lábios, que queimavam ainda.

– Parece-me muito melhor, Branca – disse o duque, afagando-lhe a face.

– Muito melhor. Se me abriesses aquela janela... Queria ver-te à luz do dia... Este clarão faz-te tão pálido...

– Não consinto que se abram as janelas – disse o doutor, abanando o pescoço na gravata dogmática.

– Não estou doente, minha filha. A palidez é a minha cor natural. Como está o teu hóspede, visconde?

– Bom: não é necessário dizer-te que te envia os seus respeitosos cuidados pela saúde da senhora duquesa.

– Parece-me um perfeito cavalheiro! Deve-me uma simpatia dessas muito raras que me cativam. Acho-o apurado nesta finura de sentimentos que se depuram no infortúnio. Tem uma fisionomia de inteligência que te há-de maravilhar, Branca. O que não terá passado por aquele homem! Aos trinta anos, cabelos e bigode, semeados de cãs, é coisa extraordinária!

– Não é tanto assim – atalhou solenemente o doutor –; esses casos são frequentes: pertencem à organização, e não têm nada com o espírito. São atributos hereditários de que muita gente moça tira partido para se afectar mártir de paixões; mas a ciência ri-se desses actores de tragédia.

– Achais, portanto, doutor, que os cabelos brancos do cavalheiro de Auvergne são

hereditários, como um vínculo? Então não sabeis o que podem paixões...

– Já por lá passei, senhor duque. Fui rapaz, grande tributário da loucura; mas não posso dar-me como exemplo na especialidade dos cabelos brancos, porque sinto dizer-vos que aos dezoito anos era calvo. O que posso assegurar-vos, é que o meu chinó de tempos a tempos fazia-se de uma cor extravagante. Se isto era efeito das paixões, não sei; mas creio que não; salvo se os proprietários legítimos dos cabelos se apaixonavam, e reflectiam a sua dor no meu chinó.

O duque e o visconde riram-se. Branca parecia não ouvir o médico.

– Perdeste uma rajada de espírito do doutor... – disse o duque a Branca.

– Perdi? Ele me indemnizará, porque o seu espírito é sempre fecundo.

– Graças, senhora duquesa. Querem convencer-me de que o hóspede do senhor visconde é um velho de trinta anos, que anda por cá fugido dos romances negros de Radcliffe!! Queiram dizer-me: não é ele em Angoulême o hóspede do marquês de Alençon?

– Justamente – respondeu o duque.

– Já falei com esse cavalheiro, e não simpatizei com aquela cara! Teve a audácia de perguntar-me qual era o médico que mais serviços fizera à medicina. Respondi-lhe com Haller, Blumembach, Brown, Hoffmann, etc., etc., e ele, depois que me ouviu com desdenhoso sorriso, replicou que o médico mais prestante à humanidade tinha sido Molière! Deu-me vontade de o ver atacado do ataque apopléctico de que morreu o seu favorito *médico*, para vingança da ultrajada medicina!

– Sois cruel, doutor! – atalhou o visconde, motejando a indignada seriedade do doutor. – E que mais vos pareceu o fautor do Molière?

– Pareceu-me um homem célebre! E original! Responde a dormir, e fala sonhando. Desconfio que seja sonâmbulo. Diz o marquês que o sente passear no quarto às quatro horas da manhã. Das duas, uma: lunático ou poeta, que é um pouco pior. Tende cuidado com ele, senhor visconde! Se é poeta, desfazei-vos dessa fazenda, que, desde André Chénier, tem avaria. Eu tenho um filho com essa vocação; mas prezo-me de vos dizer que pude materializá-lo, fazendo-o médico, e casando-o depois.

– Achais, portanto, que o casamento materializa?

– Não, senhor duque, quando se tem a felicidade de encontrar, em vez de uma mulher de carne e osso, no rigor anatómico, se encontra um anjo, como vossa esposa, no rigor metafísico.

– Agradecida, amável doutor... – murmurou a duquesa com um forçado sorriso.

– O que vós não podeis explicar – tornou o visconde – é o erguer-se de d’Auvergne às três horas da manhã.

– E ainda menos certas qualidades que ele tem, exclusivas das damas.

– Exclusivas das damas! Isso é originalíssimo! Esclarecei-me esse artigo, porque eu pensava que tinha hospedado um homem! Que tem ele impróprio de um homem?

– Chora. Já viram chorar um homem? O marquês de Alençon, na melhor boa-fé, contou-me que o tal picardo chorava, sem ninguém o molestar!

– É assim que se explicam os cabelos brancos!... – atalhou o duque.

– Cá em fisiologia, não se explicam as coisas tão depressa. Não há relação nenhuma entre a sensibilidade moral e as raízes capilares. Os tegumentos de cabeça ou pericrânio não comunicam através da abóbada encefálica...

– Olhai que falais com franceses, doutor. Nós não vos entendemos o vosso grego, se é que falais grego, abusando da nossa ignorância para nos fulminardes com um fragmento das *Filípicas* de Demóstenes.

– Sois muito instruído, senhor visconde, para me não compreenderdes. Dizia eu...

– Não digais mais nada... – interrompeu o duque. – Chamam-nos para o almoço.

Não te convido, visconde, porque és esperado em casa. Dá um abraço em d’Auvergne, e diz-lhe que me honre de tarde com a sua vinda. Se a duquesa não estiver pior, não importa que ele a cumprimente no meu quarto. Permites, Branca?

– A tua vontade, meu amigo.

Quem avaliará a alma desta mulher, respondendo a seu marido? Que poder da vontade sobre as lágrimas! O que pode esconder-se no coração! Que profundos golpes, recebidos surdamente, sem transudarem sangue no rosto!

Outra vez sozinha, Branca recordava as palavras de Lacroze. O anjo da sua infância, o fantasma de seis anos, a sombra implacável, sempre erguida entre ela e uma felicidade, em vão, pedida a Deus, ia erguer-se, na realidade, diante de si.

Lacroze era o homem que envelhecera aos trinta anos, a devorar-se em vigílias dolorosas, a desafiar com as suas lágrimas um sorriso ímpio! Este infeliz, farto de dores, talvez só no mundo, morto para todas as esperanças, escreve uma carta à mulher que se deixou arrastar, e diz-lhe que é seu amigo! Branca recua aos dias mais claros da sua vida, e vê lá esse homem, cheio de vida, sonhador de glórias, mas todas elas do coração. Concentra-se na situação real da sua dor, e sabe que vai ser acusada por esses cabelos brancos, por essa rugas intempestivas, embora os lábios piedosamente cerrados não profiram a acusação da pérfida!

E, a par desta imagem, o anjo de Deus coloca-lhe a do duque de Cliton, resignado mártir que bebeu o cálix da ingratidão, oferecido por sua mulher! E bem diverso o prisma por que ela hoje o vê! O amor, contrariado pelo marasmo da alma de seu marido, renasce-lhe como na infância, dulcifica-lhe a existência como um presente do céu, condoído do seu padecer, e pesa-lhe como tardio remorso, porque souou tarde a hora desse amor, não esposado pelo duque.

Estas duas imagens, como dois punhais que devem encontrar-se nas pontas, entram-lhe no coração. Há aí no seio dessa pobre mulher o problema de uma agonia, compatível com a vida, sendo muitas vezes a morte o resultado de uma dor instantânea! Se lhe vedes a face, espanta-vos a serenidade! Se lhe contais as pulsações, vereis que o sangue não circula, que as extremidades pertencem ao túmulo pelo frio que as congela! Vede, porém, que todo o sangue e fogo regurgitam e fervem no seio de Branca. Que ânsias não vão ali! Quem se julgaria desgraçado ao pé daquela?

XXVIII

À noite foi anunciado o visconde e d'Auvergne.

Branca, inferior ao estudo em que empregara a vontade, desde manhã, entrou num tremor, imperceptível a seu marido. O que ele notou, foi a extrema alvura e o frio instantâneo em que ficou a mão de Branca, interposta nas dele, quando d'Auvergne se fez anunciar.

– Que repentino frio! – disse o duque.

– Estou continuamente... nestas alternativas... – balbuciou a duquesa, em som quase abafado.

– Não te custa a apresentação de d'Auvergne no teu quarto?

– Como quiseres...

– Desejava dar-lhe esta distinção, porque me parece que é digno dela.

– Pois, sim... que venha...

– Mas... que agitação a tua!... Se não estás disposta...

– Estou... isto é o meu sentimento ordinário... Diz-lhe que entre; mas... espera, meu filho, se vires que dou sinais de muito incomodada, faz que se retirem.

– Sim; tencionava fazê-lo.

O duque saíra do quarto. Branca levantou as mãos e soluçou duas palavras, que eram a mais expressiva história da sua alma naquele indizível aperto: *Coragem, Senhor!*

O duque entrou com o cavalheiro pelo braço. A distância do leito, d'Auvergne parou, fixou os olhos no chão, sentiu uma paralisia enervar-lhe as pernas, e uma sensação atroz que a sua vontade de ferro não escondia. Era froixa a luz do quarto, e o duque não reparou no aspecto do hóspede, e, pela transição repentina da claridade para a quase escuridão do quarto, também não viu o de Branca.

– O cavalheiro de Auvergne, que temos a honra de contar no número dos amigos desta casa – disse o duque, tomando a mão do viajante, e aproximando-o do leito.

– Tive a felicidade – balbuciou d'Auvergne, como um novel das salas, apresentado à mulher que ama em segredo – de ser recebido com tanta distinção... que... começo desde já... a interessar-me no pronto restabelecimento da senhora duquesa.

Branca respondeu uma confusa mistura de sons.

O visconde de Armagnac dizia, com a sua consciência:

– Que cumprimento tão vulgar o dele! Não parece cousa sua.

O duque achou muito natural o titubear do cavalheiro, e o imperceptível murmúrio de Branca. Como quer que fosse, os olhos do cavalheiro tinham uma expressão terrível; essa todos a viram; mas, principalmente o duque, reputou-a à impressão da luz artificial. A ansiedade de Branca era a mesma em que ele a deixara. Quem reparou com mais crítica, nos semblantes de ambos, foi o visconde.

– Não esperáveis encontrar, cavalheiro, este aspecto funeral, no quarto de uma pessoa viva... – disse o duque.

– É a luz em que eu mais vejo. Muitas vezes por prazer, acendo castiçais, e imagino-me na eterna noite polar. Não sei porque a imaginação quer pouco à luz do Sol: expande-se mais ao clarão da Lua, e povoa mais luminosos os seus sonhos nas trevas cerradas. Tenho conhecido grandes génios que corrigem a obra do Criador, mudando o dia em noite, e respirando o ar da vida à hora em que os assassinos meditam o crime. Eu não sou grande nem pequeno génio; mas tenho cousas de que me não enfatuo, porque as não teria decerto se pudesse gozar tranquilamente os dias, e dormir com a placidez do idiota as noites.

– Se dissésseis isso ao médico da senhora duquesa – atalhou o visconde –,

fulminava-vos com um raio em grego, que é pior que o feixe de Júpiter Tonante.

– Pois o médico da senhora duquesa é inimigo das trevas?

– Não pode transigir com a ideia de que vos ergais às três horas da noite, e passeis como um sonâmbulo.

– Sabe muito da minha vida o doutor Diafoirus destas aldeias.

– Foi o marquês de Alençon que o informou. Também declara o mesmo, em nome da ciência, que os vossos cabelos brancos são hereditários.

– Serão... não me oponho à ciência do vosso doutor, que eu não deixo de prezar muito desde que ele me fez uma larga exposição das reformas médicas desde Hipócrates até ele; e muito mais o respeito desde que o vi restituir à senhora duquesa uma saúde tão preciosa.

– Muito agradecida... O doutor é um pobre homem...

– Vejo que é rico de boa ciência, e arrependo-me de o ter flagelado com alusões de Molière. Enquanto às minhas vigílias ou aos meus passeios de sonâmbulo, hei-de consultá-lo, na certeza de que me manda tomar ópio desde um grão até ao infinito. Para cabelos brancos, hereditários ou adquiridos, talvez que o ilustre doutor me receite qualquer pomada de invenção sua, que deve exceder os cálculos químicos do perfumador Birotteau, que foi na minha infância o meu fornecedor de óleo de prolongar a mocidade, que me não serviu de nada.

O duque sorria-se, olhando para sua mulher, como convidando-a a rir-se também das facécias arguciosas de d’Auvergne. Branca sorria-se, e a lividez cadavérica do rosto purpleava-se.

– A vossa mocidade – disse o duque – tem sido proveitosamente consumida. As riquezas do espírito, adquiridas em viagens, valem bem a pena de sacrificar-lhes os negros cabelos e as faces rosadas.

– Pois sinto-me pobre, senhor duque. Mais pobre do que saí dos braços de minha mãe. A minha riqueza era o coração; e esse ficou-me em pedaços por sobre um chão inóspito, onde nenhuma lágrima descerá sobre eles... Eis aqui uma proposição que faria endoudecer, em honra da medicina, o vosso doutor! Se eu lhe dissesse que estou aqui sem coração, o bom do homem apresentava-me como uma variedade à Academia Médica de Paris! Tende a bondade de lhe não dizer que me falta esta víscera.

Riram-se todos, excepto Branca.

D’Auvergne continuou:

– Eu penso que me tornaria importuno, senhor duque, aceitando um convite, que vós me fazeis, à exposição das amarguras associadas à minha mocidade. Importuno, sim, porque ao pé do leito de uma dama enferma não se falam tristezas que o coração de uma senhora recebe sempre num valor superior ao que elas têm. E de propósito que tenho conduzido a conversação ao estilo jocoso, que não sei se é das salas, mas ao menos deve ser a dos quartos em que há doentes a distrair. Pela primeira vez que tenho a honra de ser um dos privilegiados na apresentação à Sr^a Duquesa, não queria retirar-me com o remorso de ter-lhe falado demasiadamente ao sentimento. Desgraças de homens contam-se a homens, e eu, por maldito vezo de lamentar-me, associo sempre uma página de lamúrias infantis a cada página das minhas viagens. Pior seria ainda se me tornasse fastidioso... Sr^a Duquesa, retiro-me, porque a visita do hóspede não deve ser mais extensa que a do médico...

– Não me incomodais, senhor... – disse a duquesa.

– A polidez tem mártires, e eu não quero inscrever-vos no martirologio.

– Demorai-vos, Sr. d’Auvergne... – disse o duque.

– O vosso pedido seria uma ordem, se eu não tivesse de partir esta noite para Nantes...

- Partis?! – interrompeu, maravilhado, o visconde.
- Parto, sim... Sou obrigado...
- Não tínheis dito nada!
- Resolução posterior às minhas penúltimas tenções. Foi uma reminiscência improvisa...
- E voltais? – perguntou o duque de Cliton, com interesse afectuoso.
- Brevemente, se qualquer fatalidade me não impedir. Não me despeço ainda dos cavalheiros obsequiosos; e, na minha volta a Angoulême, espero ter o prazer de encontrar a Sr^a Duquesa mais disposta que hoje a ouvir um gárrulo viajante...
- Não vos dei algum sinal de indisposição, Sr. d’Auvergne...
- Decerto, não... Foi uma injustiça à vossa delicadeza; mas... perdoai-me, Sr^a Duquesa.
- Saiu com o visconde, O duque, voltando de acompanhá-los, perguntou a Branca:
- Estiveste contrafeita, minha amiga? Não instei que ele se demorasse, porque te vi inquieta.
- Fizeste bem... estive sempre em estado de não o ouvir...
- Notei o teu silêncio e a tua seriedade, quando eu e o visconde tanto chiste lhe achámos...
- Não pude gozar convosco... pareceu-me que era mais para entristecer que para alegrar o que ele dizia.
- Viste-o pela sua verdadeira face. Este homem converte em galhofa o seu infortúnio, enquanto a mim. Conheceu que a sociedade era frívola e folgazã; recebeu talvez uma gargalhada, quando pedia compaixão, e hoje, por decoro a si próprio, dá-se em espectáculo de riso... A desgraça tem os seus histriões. Ainda assim, eu penso que lhe sondei o coração. Há ali uma grande dor. Se um dia lhe merecermos a confiança do seu passado, verás que a mão da Providência é pródiga em repartir frutos amaldiçoados por nós, por ele, e por muitos, que sabem, como ele, grudar à face uma máscara de bronze.
- Neste momento, chegaram de Angoulême as *Gazetas Nacionais*, subscritadas ao duque de Cliton.
- Leu os títulos de alguns artigos distraidamente, e devorou com os olhos cintilantes o seguinte:

SUSPEITA DE DESERÇÃO

Nápoles, 28 de Agosto de 1807

«Desapareceu há vinte dias do exército francês o marechal Ernesto Lacroze. Suspeitou-se, ao primeiro intuito, que se suicidara, por isso que, desde um ano a esta parte, dava sinais dessa intenção, por várias cartas que lhe foram abertas, por ordem superior, onde se despedia de alguns amigos, e especialmente de sua mãe e irmãs. Esta conjectura é em parte destruída por informações colhidas nos portos de mar. Diz-se ter passado o canal de Inglaterra, um homem com todos os sinais do marechal Lacroze, suposto que os seus trajas o não denunciasses. Pediram-se para Londres informações que devem assegurar-nos de uma infame deserção ou de um lamentável suicídio. E forçoso confessar que Lacroze era um valente soldado. Nas memoráveis batalhas que deu, e continua a dar a Europa à França, a valentia de Lacroze era uma vertigem que muitos explicaram pelo desejo da morte, no campo da honra. Morto ou desertor, a França perdeu um

filho, que amaldiçoará se ele a renegou, e cobriria de loiros a sua campa, se o cadáver pudesse ser restituído ao seio de sua mãe, que lhe não foi bastarda.»

Branca reparou na agitação do duque.

– Alguma noticia triste?

– Não, filha.

– Vi-te tão comovido, quando lias...

– São as participações do quartel-general de Itália... Não posso ler, sem comoção, coisas de guerra.

– Tens saudades desses tempos?

– As vezes, tenho... Lá é que a vida tem emoções.

– Fortes de mais...

– Brinca-se com a morte, e habitua-se a gente a abraçar os companheiros sobre o fosso, onde uma bala os derruba, e outro cadáver vem cobri-los. Morrer por cá, nesta preguiçosa agonia, de minuto em minuto, isto é que é cruelmente insípido... Eu volto já... Vou ao meu escritório escrever algumas cartas.

O duque de Cliton, lendo, outra vez, o artigo da *Gazeta Nacional*, perguntava-se como era possível semelhante suicídio! Pedira a Napoleão a licença de Lacroze, e essa licença fora-lhe concedida. Vira-o depois promovido a marechal, na ordem do dia. O que deu lugar ao suicídio mais provável, pelos precedentes, que a deserção pela simples semelhança de um homem que passara no estreito de Inglaterra? Se os sofrimentos o levaram a tal extremo, foi decerto o casamento de Branca. A infeliz, quando o soubesse, julgar-se-ia, mais do que nunca, responsável pela sua morte! Se ela sentira alívio na certeza de que ele vivia, que terrível lhe não seria agora a noticia do suicídio como efeito de uma paixão invencível, de uma perfídia que deu em terra com a coragem do mais valente filho de França!

O duque de Cliton, convencido da morte de Lacroze, chorava. Naquela grande alma, dava-se um tributo de compaixão para as dores estranhas. A morte ou a desonra de um rival doeu-lhe tanto como a de um amigo. E poderoso rival era aquele que, de longe, fizera do seu leito nupcial um leito de espinhos, e estendera, entre ele e Branca, a mão do espectro, que lhe algemara a ela os lábios, para não proferirem a palavra «amor», e lhe esmagara a ele o coração, para que esse sentimento, embora tarde, não pudesse gerar-se no fel de desprezo, que bebera a longos sorvos...

O duque fechou o jornal num sobrescrito, e endereçou-o ao visconde de Armagnac, com a marca – *confidencial*.

O cavalheiro Auvergne despedia-se do visconde, quando a carta chegou.

– *Confidencial!* – leu o visconde com espanto. – Esperai um pouco... não monteis a cavalo sem que eu veja esta carta, que deve ser alguma coisa horrível! Se quereis ver que a carta à duquesa foi vista... Esperai... Um jornal... que é isto? *Suspeita de deserção... Nápoles... Desapareceu há vinte dias do exército francês o marechal Ernesto Lacroze...*

O visconde leu até final.

– Que dizeis a isto cavalheiro?

– Que é o que me perguntais?

– Desertou ou suicidou-se Lacroze?

– Perguntais-mo a mim, que estou tão longe dele como vós!

– Penso que poderíeis responder-me... visto que teríeis dele uma missão, que decerto não seria participar a Branca o seu suicídio.

– Sei que lhe participava que morrera ao menos para ela. Não sei mais nada com

que possa satisfazer a vossa ansiedade. Se morreu, seja-lhe a terra leve. Se desertou, seja-lhe pesada a ignominia. Adeus, meu querido Sr. Visconde, que é noite, e eu não conheço bem o caminho.

– Um meu laçao acompanha-vos.

– Tenho o meu, visconde. Lá iremos dar, guiados pelas estrelas, que não serviram só para os monarcas pretos. Até de volta.

O visconde ficou enleado com o jornal na mão. Tudo aquilo pareceu-lhe misterioso, e o cavalheiro da Picardia, enquanto a ele, reflectindo duas horas seriamente nos precedentes, era o próprio marechal Lacroze.

Rapaz pouco reflectido, inimigo de calcular futuros, romanesco, bom de coração, poeta, fatalista, e um pouco doido, sabendo guardar as aparências, o visconde de Armagnac, convencido de que fora o portador de uma carta de Lacroze para Branca, ainda assim não previu o desfecho do drama que estava em cena. Pensou duas horas, mas adormeceu depois. O velho amigo de D. Pedro da Silva devia ser isto em rapaz.

XXIX

Correram dias aflitivos para o duque de Cliton. O constante pensar no trágico fim de Lacroze apurou-lhe o espírito até à superstição, enfermidade das almas em demasia túbias, e das mais esforçadas e entusiastas. A ideia fixa incorporou-se em espectro, que o atribulava em sonhos. O ponto negro visitava-o primeiro que a luz do dia: era como um centro de trevas; pouco e pouco alargava-se como a nuvem torva que traz no bojo a tempestade; envolvia-lhe a alma num espesso manto de terror: e prendendo a visão dos sonhos à imagem febril da vigília, convertera-lhe a existência em noite infinita, em pesadelo incomportável, em terror de assassino que Deus puniu com o remorso.

É que a desgraça de um ano debilitara aquele espírito até lhe enervar a fortaleza do juízo e a consciência do falso. Tornara-se como orgânico o seu sofrimento moral. Tem-se visto, e ele é um exemplo, a desgraça destituir o homem de senso comum: um revés de malogrado crime requintar a virtude até ao fanatismo: uma dor intensa reduzir o incrédulo à ridícula fraqueza do visionário.

Este fenómeno deu-se no filho do dominicano de Santarém.

Os terrores pueris de Branca, em outro tempo convencida da morte do seu perseguido amante, produzem agora efeitos semelhantes em seu marido.

O duque de Cliton oculta de sua mulher a trágica noticia da *Gazeta Nacional*; mas espera todos os dias que ela receba uma carta de Lacroze escrita entre a desesperação e o suicídio. Essa carta virá abismar o coração de Branca no inferno do remorso, e impeli-la de um só abalo à sepultura.

Depois, o duque repara mais que nunca na melancolia tétrica de sua mulher. E o pressentimento! – disse ele. – É a alma que contempla, silenciosa, a mortalha que se avizinha.

O visconde de Armagnac não podia revelar ao duque as suspeitas. Seria consolar uma aflição com a demência. Seria levar àquele homem uma surpresa de incalculáveis efeitos. Seria colocar Branca na precisão de mostrar a carta que recebera. Seria desonrar-se a ele próprio, por isso que denuncia o homem de quem voluntariamente se fizera intermediário para uma mulher casada.

O visconde limitava-se a dizer que parecia impossível o suicídio de Lacroze. Discorria, ainda mesmo provado o suicídio, com a desempoadada filosofia do tempo, querendo provar ao seu amigo: primeiro, que nada havia de comum entre o marechal Lacroze e o duque de Cliton; segundo, que o seu casamento com Branca não era uma traição a um amigo, por isso que nem ao menos o conhecia; terceiro, que nenhuma responsabilidade lhe vinha da loucura de um homem fraco que se suicida; quarto, que não era de espírito cultivado deixar-se embair de aparições fantásticas; afora quinto, sexto, sétimo, oitavo, e último, que o marechal Lacroze poderia muito bem suicidar-se por causa de algumas libras perdidas ao jogo. Todos estes artigos, se não eram reforçados por convincentes textos de Diderot e de Helvetius, vinham perfumados de uma subtileza sarcástica, e de um gracejo tão azado para destruir preconceitos, que foi pena não ter o duque nascido com uma alma digna do século do visconde.

Vinte dias, amargurados como dissemos, corriam para o duque, para Branca, e talvez para o visconde, apesar da sua filosofia, quando o cavalheiro d'Auvergne chegou a Angoulême.

Esta nova foi dada em Cliron pelo médico, que vinha ainda mais maravilhado do hóspede do marquês de Alençon. Contava ele que o vira entrar em costume espanhol, extravagante vestido, se não era um insulto à França, na ocasião em que os franceses declaravam guerra aos bárbaros da Península. Dizia mais que o vira sem bigode, com a

cabeça nua de cabelos, tonsura absurda e fradesca numa época em que as cabeleiras de cachos saudavam a época do grande rei e eram a paixão mais proeminente do espírito do século. A vista disto, era legítimo o espanto do doutor.

O visconde apressou-se a procurar o cavalheiro em Angoulême. Era preciso que ele lhe definisse a sua posição.

Encontrou-o com a mesma afabilidade triste, com a mesma fleuma imperturbável.

– Cavalheiro d’Auvergne – disse o visconde, a sós com ele –, não sei se vos deva dar este nome.

– Dai-me qualquer outro, se o não achais eufónico.

– Vós não sois d’Auvergne... Sois Ernesto Lacroze.

– Tende a bondade de ver que não descorei. Sou Ernesto Lacroze. Quem vo-lo disse? Sabe-o alguém mais?

– Disse-mo as vossas confidências, o encargo que tomei de uma carta para Branca, a noticia do suicídio ou deserção do marechal Lacroze, a febre cerebral da duquesa, que vos vira através dos vidros, a vossa perturbação e a dela, quando lhe fostes apresentado.

– Deveríeis ter-me conhecido com menos provas. O duque sabe quem sou?

– Não: quem lho diria? Eu? Estou comprometido de mais para cometer imprudência tal. Devo acreditar que não tomais a Cliton.

– Torno.

– As vossas intenções quais são?

– Não tenho nenhuma.

– Há sempre um plano, quando se abandona um posto importante no exército, quando se falsifica um nome, quando um homem se apresenta desfigurado em casa da mulher que amou.

– Não tenho algum plano, já tive a honra de vo-lo dizer. Sigo uma inspiração superior. Ando atrás da felicidade.

– E esperais encontrá-la? Seguis de todos os caminhos o mais tortuoso... salvo se a vossa felicidade consiste no infortúnio dos outros.

– Não, visconde. Já tendes uma prova do contrário. Destes uma carta à duquesa de Cliton, e ela, desde que a recebeu, sentiu uma paz, um alívio, que não sentiria sem ela. A estas horas estaria talvez morta ou doida. Vistes que a minha presença não a agitou de modo que se denunciasse. Passados os primeiros momentos da minha apresentação, Branca ouvia-me tranquila, revelava a sã consciência de quem é absolvido de um crime, sorria com o agrado espontâneo, que não vereis nunca florir nos lábios da mulher atormentada pelas ironias do seu verdugo.

– Mas a que vindes, senhor?

– Já vos disse, visconde. Cego de sofrimento, venho, cego, atrás da felicidade. Se a não encontrar...

– Sim, se a não encontrardes, que fareis?

– Retiro-me, desenganado, sem deixar após mim vestígios de que o mais infeliz dos homens aí passou.

– Tencionais pedir contas a Branca da sua deslealdade?

– Não, porque essa deslealdade não existe. Branca de Clermont julgou-me morto, e não podia fazer o juramento de morrer comigo, porque a sua vida era de seu pai e da sociedade...

– Mas...

– Falai, visconde... Bem vedes que não medito as respostas...

– Parecem-me impuras as vossas intenções. Seguis um expediente que pode satisfazer-vos o coração... e saciar-vos a sede de uma vingança.

– Não me faleis em vingança, que me ofendeis; nem inventeis expedientes impuros que ultrajais a mulher do vosso amigo. Aqui nesta alma, senhor, há a nobreza do filho do povo. Não vos imponho a minha dignidade como marechal. Estais falando com um servo mercenário de França que deve umas dragonas ao seu valor, e pisou aos pés essas dragonas, julgando-se ainda assim muito honrado sem elas.

– Eu não quis ultrajar-vos, Lacroze. Acreditai que não senti ainda uma afeição tão ardente por outro homem. Tenho, porventura instado de mais em compreender-vos, porque vos quero poupar a um desenlace fúnebre, quero velar a honra de um amigo, interesse-me em que a duquesa se emancipe de um jugo de ferro que a traz de rastos; quero, enfim, salvar-me de uma imputação infame, que me sen o prémio dos serviços que vos fiz, se o desfecho deste enredo extraordinário for tal como eu o prevejo.

– Que prevedes?

– Que sereis fraco ao pé daquela mulher. Que vos alucinareis, quando ela estiver perdida. Que a forçareis a morrer involuntariamente.

– Não morrerá. A sua vida há-de irradiar-se por tudo que a rodeia. Eu viverei dela também, com a consolação de lhe ter sido um irmão, quando devera, segundo a ordem do mundo, ser-lhe um algoz.

– Tencionais conviver muito com ela?

– Todo o tempo que eu possa. Virei a Angoulême de meses a meses, e procurá-la-ei como se tivesse nela o resumo de todas as afeições que perdi, pai, mãe, irmãs e amigos.

– E, nessa convivência, não receais ser conhecido pelo duque?

– Não, visconde: ninguém me conhece; e quando me conhecessem, o duque de Cliton estender-me-ia a sua mão, dizendo: «És um infeliz honrado.»

– Vedes as coisas pelo melhor prisma! Eu sou pessimista, suposto que a experiência me não tenha feito misantropo.

– Quando este prisma se quebrar, o fio que me prende à vida quebrará também. Deixai-me resvalar ao abismo por um desfiladeiro de rosas. Tenho saldadas as minhas contas com o mundo. Espero a convicção de que tudo se acabou para mim. Nesse momento, a notícia da *Gazeta Nacional* será a preexistência do suicídio do corpo, que a alma já não existia, quando me noticiaram morto.

– E não vos pesa a desonra da deserção que vos imputam?

– Já me não pesa nada. Quem não tem brios para acolher os louros, já os não tem para se doer dos insultos imerecidos. Deixai cair essa nódoa na minha face. Um dia, e cedo ele vem, o meu sangue a lavar. Terminemos a elegia, meu caro visconde. Por último, fazeis-me um serviço, que vos suplico em nome da vossa honra?

– Dizei, Lacroze...

– Não me descubrais.

– Por Deus! É necessário lembrar-me a minha honra?!

– Dou-vos direito a que me digais: «Abandonai Cliton», no momento em que virdes a duquesa necessitada desse meu sacrifício. Hei-de obedecer-vos, e vós me dareis um derradeiro abraço com as lágrimas nos olhos.

– Aceito a condição; mas não basta essa... Não direis nunca à duquesa que eu vos conheço, nem uma só palavra que lhe suscite uma desconfiança.

– Vede que tenho de mentir, cavalheiro.

– E eu não minto ao duque? Não minto a ela? Não desminto o meu carácter, ocultando o vosso nome perigoso?

– Tendes razão... Mentirei, visconde! Farei mais: não me aproveitarei da vossa hospedagem. Virei de Angoulême a Cliton. A nossa convivência ser-vos-ia desairosa, se uma imprevista fatalidade acontecesse. Aceitai esta terceira condição.

– Não aceito, porque continuo a receber-vos, perante o mundo, como Luís d’Auvergne e, perante a minha consciência, como um digno amigo.

XXX

A duquesa de Cliton passeava no jardim, quando Ernesto Lacroze atravessou a alameda.

O duque vira-o chegar da janela do visconde, e saíra com o seu amigo, maravilhado de não ter sido primeiramente procurado.

Branca viu Lacroze: quis refugiar-se nos caramanchões, sem pensar no fim da fuga. Lacroze também a vira e apeou. Sereno e respeitoso como quem, pela segunda vez, encontra uma pessoa como a duquesa de Cliton, caminhou para ela.

Branca mal se sustinha. Desmaiada de uma alvura mortal, mais transparente ainda que a da estátua em que encontrara um apoio, aceitou, tremendo, a mão que se lhe oferecia, trémula também.

– Não devo perder um momento, Sr^a Duquesa. Estamos sós... Ninguém nos escuta? – disse ele, olhando em redor.

– Ninguém...

– Tendes compreendido o que eu quero ser para vós?

– Um amigo...

Um amigo... justamente um amigo... Não vos acuso, porque vos não amo, Branca de Clermont. Não vos acuso, porque não tenho direito algum para tanto. Sei que fostes um anjo, e a Providência, que vos fez mártir, quer que eu seja o vosso juiz. Não vos encontro culpada. Ninguém faria mais do que fizestes. Honrastes com um sofrimento continuado as cinzas de Ernesto, que julgastes morto. Sei-o, Branca; não preciso que as vossas lágrimas mo digam. Nenhum homem foi mais amado do que eu. Violentaram-vos a roçar-me nos lábios a esponja de um fel em que encontrei doçura. Se vos esqueci... se a vossa imagem se desvaneceu no dia em que me vi sem alma, é porque a mão de Deus interveio no grande heroísmo que devíamos praticar, vós morrendo mil vezes, e eu morrendo uma só. Foi a mão de Deus que me susteve o braço: não me suicidei, porque era necessário que eu viesse dizer-vos: «Branca, não tenhas remorsos; morri perdoando-te.» E quem vo-lo viria dizer, Sr^a Duquesa!? Ninguém, porque a minha exclamação não subiria do coração aos lábios, que morreriam honrados pelo segredo... Vim eu... Pedi à morte uma espera de alguns dias... Foi generosa, porque me tem suspenso pelos cabelos... Concedeu-mos... Está na vossa presença o homem que a sociedade insultaria se o conhecesse. O algoz, que vos perseguiu talvez na sombra pavorosa de um espectro, vem aqui pedir lágrimas de amizade e não de sangue. Chorais... pois sim: mas sejam essas as ultimas lágrimas. Ao pé de um amigo, não se chora. O amante já não existe. O amor é impossível entre nós. Não receeis que uma vingança infame, um plano vil, venha um dia infamar estas palavras... Branca... o coração não vos diz que tendes diante de vós um homem que não pode trair-se?... Respondei...

– Acredito-vos, Ernesto...

– Pois então encontrei a felicidade que persigo desde a infância... A fé, a crença, é tudo o que podíeis dar-me... Eis aqui o primeiro momento feliz da minha vida!

– Que tencionais fazer, senhor?

– Que tenciono fazer!...

– Não receais ser descoberto, e... depois... afrontado, caluniado... no inocente fim que vos traz aqui...

– Não receio...

– E depois... falastes em suicídio... suicídio, meu Deus!... Não fareis tal, Ernesto!... Pede-vo-lo uma amiga... Não consentirei... Devereis viver... Não sei o que

vos digo... Tenho mais ânimo do que é possível... A mão oculta de Deus... devo crer que me ampara nesta vida... não sei para que martírio... com que devo ganhar o Céu... Ernesto... meu marido... brevemente aqui estará... Viu-vos entrar... Por quem sois... nem uma palavra que vos denuncie... Eu tremo por vós... de mim... à custa de sofrer, estou esquecida... sinto dobrarem-se-me os joelhos diante de vós... Sois um homem que tem a visível protecção do Céu... Não sejais nunca indigno dela... Não faleis mais em suicídio... Olhai que há na Terra um dom superior a tudo... é a amizade... Dou-vo-la, porque posso... porque não é crime... porque morrerei, sorrindo às injúrias, se tivesse de ser apedrejada, porque vos estimo... Era impossível não vos estimar, Ernesto!... Não posso... Entremos em casa... Eu preciso de repouso, antes que meu marido entre... senão atraíçoo-vos.

– Vejo que vos atormento, senhora... Vai-me fugindo o instante de gozo... A vossa perturbação manda-me retirar... Não podereis nunca ver-me como se vê um amigo, sem mais precedentes que os da amizade... sem outros compromissos, que não sejam os de uma simpatia imaculada?...

– Poderei... hei-de poder... não vos retireis, sem que eu fique na certeza... de que sereis feliz... vivendo para o amor de um anjo, que vos mereça sacrificar-lhe a amizade de Branca... vossa irmã... porque eu não posso ser outra coisa... meu Deus!

– Não me deis explicações dos vossos deveres, duquesa. Acabais de ver a minha alma... Se um dia me falardes de um amor renascido do que morreu há um ano, hei-de repelir-vos... Se fósseis mulher fraca, das que não podem confiar em si, Ernesto seria a fortaleza do vosso pundonor... um olhar dele queimaria de vergonha a vossa face...

– São palavras novas para mim... mas eu vo-las agradeço, Ernesto...

O marechal Lacroze entrou numa sala. Branca separou-se, ocultando-se aos olhos das criadas. Fechou-se no seu quarto, para enxugar os vestígios das lágrimas, e elas rebentaram-lhe mais copiosas.

– Valei-me, Deus de misericórdia! – exclama ela, abafando os soluços, que a não deixariam, momentos depois, mostrar-se serena na presença de seu marido.

Lacroze respirava em ânsias de uma felicidade incompreensível para os que a não tiverem encontrado à beira da sepultura, cavada pela mão suicida.

Um quarto de hora depois, entrava a duquesa na sala. Trazia a filhinha ao colo. Lacroze, com um sorriso de extremo afago, tomou-lhe dos braços Elisa. Beijou-a. Mirou-a com expressão de amor. A criancinha sorriu-lhe e balbuciava os primeiros sons com que se entra na vida. O duque de Cliton veio encontrá-los nesta situação, e riram-se-lhe os olhos de prazer de pai, quando viu o hóspede embebido nos risos inocentes da criança...

– Bem-vindo, cavalheiro. Vi-vos entrar. O visconde que estava comigo, vem aí. Já sabia da reforma capilar que fizestes. Gostava mais de vos ver com o vosso bigode meio grisalho e com a vossa cabeleira de jornalista revolucionário.

– Cortei o bigode e a cabeleira, para evitar trabalhos e mortificações ao vosso doutor.

– Pois aumentastes-lhos! O homem viu-vos ontem, e apareceu aqui a transpirar bagas de suor e de espanto! Não pode conceber a causa da amputação que fizestes à cabeleira no século que saúda o reinado do grande rei, como ele diz em estilo de cronista.

– Sou o perseguidor inexorável do pobre médico! Cuidando que o folgava de estudiosas canseiras acerca dos cabelos hereditários, aumento-lhe a inquietação do espírito! É minha vítima o vosso médico, Sr^a Duquesa. Que entendeis que eu deva fazer para dar-lhe uma plena satisfação dos meus actos?

– Concordai com ele...

– Em que a medicina explica perfeitamente os cabelos brancos...

– Justamente, e não andeis vestido à espanhola.

– Pois até o mortificam os meus vestidos? Vejo que estou debaixo das baterias epigramáticas do ilustre mestre em sangrias e tisanas! Prometo captar a sua benevolência na primeira ocasião...

– Tende-la propicia, que ele aí está na sala próxima... – disse o duque, rindo muito.

Branca, sorrindo, nunca fora tão bela. As rosas da face tingiram-se-lhe sobre o pálido coado. Os olhos reflectiam extraordinária alegria, transição misteriosa que será sempre um problema, como muitos outros fenómenos do coração da mulher.

Com efeito, entrava o médico. Deu de face com a seriedade cómica do suposto d’Auvergne, e franziu a testa, piscando os olhos esverdeados e felinos.

– Belas aparências, Sr^a Duquesa! – disse ele, congratulando-se da cura. – Vejamos o pulso... Como passou o Sr. d’Auvergne, desde ontem?

– Por enquanto, meu caro, Sr. Doutor, à prova de medicina.

– Isso é bom. E o espírito à prova de suadouros lacrimosos?

– Esse sofre, na suposição de que vos tem sido causa de profundas cogitações científicas. Os meus bigodes, os meus cabelos, os meus trajes aragoneses molestam a vossa curiosidade, e eu soffro, tornando-me causa de inquietações, dignas de melhor assunto.

– Pois, Sr. d’Auvergne, eu perdoo-vos o mal que me tendes feito, se me disserdes que afecção moral vos embranqueceu o ex-bigode, porque trago entre mãos um *Tratado das Paixões*, e poderia com a vossa noticia enriquecê-lo muito.

– Eu vos digo, senhor, o que é verdade, a respeito dos meus cabelos brancos, que são outros tantos alfinetes que vos picam a curiosidade científica. Quando meu pai morreu, foi aberto o seu testamento. Encomendava a sua alma a Deus, perdoava aos médicos para que Deus lhe perdoasse, e acabava por me fazer herdeiro dos seus cabelos brancos. *Ergo*, como diz o Dr. Tomás Diafoirus, os meus cabelos brancos são hereditários. Honra, louvor e glória à vossa explicação, doutor.

O ornamento medicinal de Angoulême mordeu o beijo inferior, e não achou de pronto epigrama condigno. Branca sustinha o riso para não vexar o doutor desmastreado. O duque, porém, fazendo coro com o visconde, que acabava de chegar, ria desentoadamente.

Lacroze prosseguiu noutro tom:

– Creio que sois um sábio, doutor. Acabo de presenciar, na cura pronta da Sr^a Duquesa, o triunfo da medicina. Não posso esconder a veneração que me inspiram as vossas cãs e a vossa ciência. Quero falar-vos com a seriedade que se vos deve, suposto que a feição predominante da vossa afortunada índole é a galhofa. Quero-vos para o número dos que me vêm pelos olhos da benevolência, e não daqueles que me observam pelos da sátira maliciosa. Se quereis efectivamente escrever o *Tratado das Paixões*, eu felicito desde já a minha pátria, porque vai ser um excelente livro, e o coração humano um verdadeiro intérprete. Se o meu depoimento, em artigo de cabelos brancos, vos interessa, escrevei lá, doutor, que encontrastes um dia um homem que chorava, quando os outros riam: que velava quando os felizes sonhavam; que aberrava dos atributos da mocidade, envelhecendo quando os outros floresciaam. Se me perguntais os efeitos psicológicos, a causa moral desta revolução física, dir-vos-ei com a segurança do homem verdadeiro, que não foi o ódio, nem a ambição roedora, nem o verme da vingança impossível, nem a perda de uma fortuna dissipada, nem a desonra adquirida em hábitos infames. Dou-vos uma simples palavra, que tem a significação de um grande livro: SAUDADE. Aqui tendes a minha vida, e o lema que poderá um dia dar-vos a

solução da minha morte. A saudade é, pois, um flagelo que abre nas carnes estes sulcos que vedes. As lágrimas não contidas no coração, caem dos olhos donde a luz vai fugindo, ao passo que a noite infinita da desesperação vem descendo. Onde elas caem, nunca mais viçou a flor da alegria. A lividez da velhice extemporânea nunca se confunde com o inverno da vida. Estou que a alma é o relógio onde batem as horas que marcam a decadência do homem. A caducidade é a corda que estalou. Acreditais, doutor, que a vida eterna é o mármore amassado em lágrimas, quando a respiração dentro do peito é tardia, o sangue é frio nas artérias, e os arquejos do coração são violentos como os lampejos de uma luz que se apaga. Não sei falar-vos a linguagem da ciência; mas a verdade rude, como eu posso dizê-la, é esta. Ficareis, porventura, fazendo de mim o juízo injusto que vos têm merecido as minhas excentricidades?

Ouviam-no todos comovidos. As lágrimas irresistíveis que chorava Branca tinham desculpa. A sua verdadeira significação quem melhor a conhecia era o visconde. O duque ouvira-o com a seriedade melancólica do dorido que vai nos voos expansivos de uma dor alheia. A simpatia por aquele homem lançava-lhe raízes no coração cada vez mais fundas. Era assim que ele precisava de encontrar um confidente, porque o visconde, seu único amigo para a confidência de dissabores misteriosos, não o compreendia bem, ou não tinha no coração a ferida que recebe o bálsamo das alheias penas.

O próprio médico também sentiu um extraordinário dó pelas tocantes confissões do cavalheiro d’Auvergne.

É que a solenidade dolorosa com que eram ditas impunha uma respeitosa atenção à própria incredulidade, ao resfriado coração do médico, que só conhece respeitável a patologia do corpo, ao cínico de risos injuriosos que perverteu o espírito entre perversos, ou achou-se sem alma para conceber o sofrimento nobre.

À pergunta de Lacroze, respondeu o médico:

– As vossas excentricidades, cavalheiro, têm uma dolorosa significação. Não quero entrar nela, porque a tenha adivinhado. No principio da vida, tivestes uma esperança: morta, como todas, ficou a saudade. A saudade não coube na alma que a recebeu. O vaso quebrou-se, e a saudade ficou, alimentando-se nas lágrimas... e depois... já agora deixai que o velho acabe o seu recado, falando a linguagem da infância... e depois as lágrimas exauriram-se; a flor fanou-se; e as faces do homem mirraram-se com ela. Parece que vos vejo admirada da elevação poética dos meus cinquenta e cinco anos, Sr^a Duquesa! Olhai que eu nem sempre falei em cáusticos, decoctos e sangrias. Também tive coisas que se não davam com a medicina; mas vi o meu amigo Gilbert morrer no Hotel Dieu; meu pai tinha visto morrer de fome Malfilâtre; e entendi que esvoaçar nas regiões do ideal era cair no lençol da misericórdia, deixando lá em cima todos os fôlegos do coração do poeta. Embrutecei-me por um esforço de vontade. Fiz-me médico para matar ilusões sobre a discussão de um cadáver. Despi-me das galas emprestadas pela natureza, que abandona os excelentes filhos que produz, e vesti a sotaina de aprendiz de uma ciência que ainda hoje é para mim uma sinecura, com muitos cuidados para a consciência. Ora, Sr. d’Auvergne, aqui tendes a minha biografia em troca da vossa. Perdoai-me os epigramas saborosos com que vos desforçastes, e perdoai-me vós os reparos inofensivos que as vossas lágrimas, as vossas vigílias e os vossos bigodes me suscitaram indiscretamente.

A intimativa melancólica do doutor causou pasmo ao duque, afeito a julgá-lo um homem todo arte, todo matéria, incapaz de entender enfermidades do espírito, enfatuado das suas zombeteiras alusões.

Estabeleceu-se a boa harmonia entre o doutor e d’Auvergne, passaram algumas horas em conversação de sentimento. Branca, reanimada pela confiança, e superior aos

pressentimentos funestos, que a cada instante a entristeciam, falou com a alma também abalada, mas com o juízo necessário para a não deixar expandir-se em sinceridades molestas a seu marido.

D'Auvergne, horas depois, quis retirar-se. O duque impediu-o com extremos de bom amigo. Sentou-se à mesa de Branca, ostentou a alegria de um parente, no seio de sua família, longo tempo separada, e experimentou acessos de prazer a cada prova que a duquesa lhe dava duma doce quietação de espírito.

À hora do crepúsculo, passearam juntos no jardim. Despediram-se, cerrada a noite, com a condição de se reunirem, no dia seguinte, para um longo passeio a cavalo. Branca não desfez o prazer do duque. Era a primeira vez que se prestava, sem ser rogada, a esse gozo. A infeliz cavava insensivelmente uma pá de terra no seu abismo. O visconde de Armagnac, também convidado, ia mais longe com a vista penetrante do presságio, e via lá uma nuvem.

Fizeram o passeio aprazível. A duquesa ia risonha; o duque, animado com a conversação agradável do seu hóspede, sempre triste, não tinha coisa que mais ocupasse o coração fascinado pela eloquência da dor, pelo talento que se impunha com modéstia, fazendo-se apreciar em coisas do espírito, somente.

Alguns minutos, Lacroze foi a par de Branca. O visconde e o marido, para fatigarem os cavalos inquietos, galopavam numa esplanada.

– Dizei-me que sois feliz, Branca! – disse Lacroze com veemência.

– Quanto posso sê-lo nas minhas circunstâncias.

– Está tranquila a vossa alma?

– Está.

– Nada receais de mim?

– Nada... nada receio...

– Conseguireis ter em mim a segurança de irmã?

– Hei-de conseguir.

– Não a tendes por ora?

– É cedo ainda... o coração por enquanto sonha... Será uma fraqueza... mas que quereis? Eu sou Branca de Clermont, e vós sois Ernesto Lacroze... Não sei que mais possa dizer-vos...

– Isso é muito... Mas é necessário que essas duas pessoas não existam. Conheço-vos, apenas, duquesa de Cliton, há menos de trinta dias. Vós conheceis d'Auvergne, não há mais tempo. Não nos convém outra situação...

– Decerto, não... Juro-vos que não é preciso lembrar-me a situação que me convém.

Voltou o duque, sofrendo as rédeas ao cavalo indomável. O visconde, a par com ele, trazia os olhos fixos na fisionomia purpurina de Branca.

Recolheram a jantar. O duque instou com o hóspede para que pernoitasse ali, como prova duma eterna aliança de amizade. Esta prova, tão pequena, para tamanha aliança, pareceu misteriosa a Lacroze. Não sabemos o que ele profetizou deste facto realmente impossível, apesar dos desejos dele. Achou no convite uma ingenuidade patriarcal. Reparou na duquesa, que não pôde ocultar uma opressão aflitiva como um vaticínio de maior desgraça.

Para Lacroze, o vínculo de tais relações não lhe instigava o escrúpulo da desonra: mas para a duquesa havia ali alguma cousa atrozmente infame para a que fora amante de Lacroze, e era hoje esposa do homem que acolhia com inocente affecto o que fora seu rival, e poderia, na opinião do mundo, ser também hoje... A palavra era horrível! Nem a imaginação da infeliz senhora podia concebê-la!

À meia-noite, Lacroze recolheu-se ao seu quarto. Recopilava as sensações do dia.

Pedia ao futuro ilações do presente. Calculava os abalos que poderiam acordá-lo do êxtase feliz. Julgava-se feliz. Julgava-se só debaixo do tecto de Branca, para saborear algumas horas de reminiscências acerbadas, à mistura com as emoções suavíssimas daquele dia.

Foi interrompido por uma voz:

– Estais ainda a pé?

– Sois vós, duque? Entrai...

XXXI

– Imaginei isto mesmo... – disse o duque. – Lembrou-me que o sono não vos visitaria, segundo o seu costume, e, como bom hospedeiro, venho trazer-vo-lo. Quereis conversar, d’Auvergne?

– Conversava comigo, por não ter com quem... Calculai quanto me será agradável a vossa companhia!

– Acreditais que sou vosso verdadeiro amigo?

– Tais são as provas de estima, que não posso duvidar...

– Não citeis provas de estima. Tenho sido convosco delicado, e mais nada. A amizade, qual eu a sinto, significa-se com outras provas... Um verdadeiro amigo não é o hóspede que recebemos em nossa casa, que sentamos à nossa mesa, e agasalhamos nos nossos lençóis. O verdadeiro amigo é o confidente que recebemos no coração. Estes são muito raros. O acaso depara-nos um: ao passo que nos esforçamos inutilmente se o procuramos. Um tal amigo, ao menos para mim, há-de ter sofrido muito, há-de ter perdoado todas as afrontas, há-de ter bebido um cálix de fel sem gemer uma queixa. Sois vós. E depois, há mais alguma coisa a desejar num verdadeiro amigo. Quero-lhe a inteligência, para saber, com a história do coração extinto, arrancar lágrimas àqueles que ainda têm alguma. O sofrimento do imbecil tem a inércia que não comove, é surdo para os gritos alheios, é estéril de consolações para si e para os outros. Vós tendes uma história de infortúnios, e uma eloquência apurada neles. Se não tendes coração, ficou-vos o que Deus não tira ao mártir: é o poder do exemplo para o martírio. Dizei-me, agora: não vos sou repugnante? Podeis ser meu amigo, sem desmentir com o tempo que hoje mo digais por uma simples formalidade?

Lacroze lutava com a honra para responder. O seu silêncio era um golpe, uma quase afronta ao desafio do duque.

– Vou responder-vos, não sou indigno das vossas confidências; mas, se me perguntais se me sinto pela amizade extrema com direito a elas, respondo-vos que não. Eu não posso ter amigos. Para estes há muito a dar do coração... Já vo-lo disse: não tenho já o estímulo que gera as simpatias imperecedouras... Posso ser, para o duque de Cliton, um cofre dos seus segredos: mas não ousarei nunca mentir-lhe propondo-me como seu amigo, com as virtudes indispensáveis a tal parentesco.. Um verdadeiro amigo não é só o homem que sofreu, e diz com palavras comovidas a sua história àquele que pode contar-lhe outra. Energia de alma, sentimentos vividos, simpatia ardente, riquezas do coração são essas as que retribuem uma confiança. Se as procurais em mim, duque, eu não as tenho. Depois que principiei a responder-vos, sinto-me tocado duma sensação estranha. Entre mim e vós, há alguma coisa misteriosa que nos repele... Se me julgais extraordinário, prestai ouvidos a este prejuízo... Nunca tivestes nenhum?

– Muitos... acredito até que eles são uma forçosa condição da desgraça...

– São: digo-vos que são... Mas, ouvi, duque.. Esperai .. É possível a ressurreição da crença, que eu sinto às vezes, estremecer no seu sepulcro... Reviverá um dia? Há fenómenos! O vosso contacto... pode ser que me salve... Se eu puder ter um irmão, sereis vos.

– Não me surpreendeis, d’Auvergne... Estais no vosso carácter... Consenti, porém, que eu vos chame amigo, enquanto não posso chamar-vos irmão...

– Pois, sim... Vede que a resposta é acelerada... Eu ouço em mim a profecia dum milagre... Nunca me julgareis indigno de qualquer revelação... Sois desgraçado, duque?

– Sou.

– Também uma saudade?

- Não... Uma paixão recebida com desprezo... e depois acolhida com piedade...
- Mas *acolhida*... Que mais querieis?
- Uma alma que se queimasse no fogo da minha... um sentimento que achasse fria sempre a adoração que eu lhe consagrava... uma mulher ambiciosa dos meus carinhos ... queria encontrar um delírio onde achei uma reflexão de gelo... uma zombaria, que era um sorriso injurioso: mas, pior ainda, eram lágrimas saudosas por outro homem...
- E esse homem oprimia-vos com o seu triunfo?...
- Não. Esse homem sofreu também por sua mulher... julgou-se atraído... e suicidou-se. Ouvistes falar do suicídio do marechal Lacroze?
- Ouvi; mas também falam duma deserção.
- Não creio nela. Lacroze não desertava; morria de uma bala, ou inclinava-se na ponta da sua espada, que não era capaz duma infâmia.
- Conhecestes Lacroze?
- Uma vaga recordação deste nome. Militou comigo no Egipto. Levantei-o ferido no assalto de Alexandria.. Foi ele quem me recordou este facto, porque eu levantei três oficiais feridos, e não sei qual era Lacroze.
- Foi ele que vo-lo recordou! Tivestes portanto ocasião de vê-lo depois da conquista do Egipto.
- Vê-lo não... Escreveu-me há um ano, pedindo o meu patrocínio para voltar à França. Fui, apenas li a sua carta, ao imperador. Consegui a licença, obtive a promoção desse homem, que não conhecia como meu rival, fiz que a sua família recebesse seis mil francos por ano; mas fui atraído! Lacroze não voltou à pátria...
- Pois se fizestes tanto em favor desse homem – interrompeu Lacroze violentando com impossível serenidade os assaltos do coração denunciados no semblante – não tendes a consciência de terdes feito quanto podíeis?
- Tenho; mas as torturas daquele homem pesam-me, porque fui eu que quebrei os vínculos que prendiam desde a infância dois corações! Fiz dois entes desgraçados, sem aproveitar um instante de felicidade.
- Imaginai, Sr. Duque, uma hipótese que pode aliviar o vosso pesar, parecido com um remorso, mas que não deve passar de compaixão... Imaginai que Lacroze voltava à França, e não tinha a honra necessária para renunciar os seus direitos ao coração duma senhora casada, que lhe prometera não o ser... Porventura, fizera-lhe ela tal promessa?
- Fez.
- Pois bem: imaginai que esse homem encontrava no coração da Sr^a Duquesa disposições para o crime, e vilmente vingativo ou cegamente apaixonado, aproveitava o infame partido que a fragilidade duma mulher lhe dava.
- Essa hipótese é atroz!
- E; mas nem por isso deixa de ser trivial. Dizei-me, senhor: qual das duas situações escolheríeis: a real, ou a imaginária? Daríeis pelo remorso de ter desligado duas almas a desonra de ser punido vendo-as outra vez ligadas?
- Ligadas?!... Não!... Havia de separá-las com um punhal!
- Teríeis, depois, o remorso do assassino para consolar o da violência ao coração da mulher que vos repeliu! Confessai que serieis muito mais desgraçado!
- Incomparavelmente mais!...
- Pois então agradecei ao acaso ou à Providência o suicídio do marechal Lacroze. Deixai-o dormir, que não acordará jamais para amaldiçoar-vos. A vossa honra e a tranquilidade de vossa mulher precisavam do sacrifício desse homem. Foi ao encontro da morte, quando ela caminhava para ele... Não é justificado o vosso sofrimento. Eu tenho, em poucas horas, presenciado que a duquesa de Cliton procura sempre a sua felicidade no vosso sorriso. Juraria que ela vos ama, porque me parece que vejo até ao

fundo do seu coração...

– Ama!...

– Ama? Tendes disso alguma convicção?

– Tenho.

– Santo Deus! Que mais ambicionais?

– Uma alma com que responder ao tardio amor de Branca... Eu também morri! Mataram-me despezos... e depois os remorsos... e ultimamente um desalento desesperado.

– Não tendes uma filha? Pedi àquele anjo uma nova alma. Vivei muito para ela... Pelo contacto com a inocência recuai aos vossos primeiros anos... Sede supersticioso com a felicidade assim como o sois com a desgraça.

– Podeis muito, d’Auvergne! Há um elemento estranho na minha alma... Principio a crer que tendes alguma coisa de sobrenatural!

– Não sonheis, duque! Eu sou um miserável barro, amassado na lama, endurecido ao fogo do inferno, feito pedaços pelo calcanhar de todos, e esperando a minha hora de voar em pó no vento que leva da Terra a memória do justo e do amaldiçoado... Sr. Duque, tenho horas de profundo sofrimento... são as minhas infernais intermitentes... costume suportá-las em silêncio... Concedei-me a franqueza...

O duque de Cliton compreendeu-o. Apertou-lhe a mão que não comprimiu a sua, e retirou-se.

Ernesto Lacroze não mentira. Atacava-o a vertigem de uma demência periódica. Os efeitos dela eram a imobilidade; mas o aspecto era terrível. Não sabemos como essas agonias se dizem. Era uma sessão de duas horas; o prelúdio duma demência eterna: a recordação do paroxismo que sentira todas as vezes que tentara contra a vida. Se punha a mão no peito, é porque aí sentia uma pontada que o não deixava respirar. A fisiologia explicará o fenómeno? Não. Mas eu já vi, sobre um cadáver, as membranas dum coração laceradas. Imagino que se dava esse trabalho de morte no peito ainda arquejante de Ernesto Lacroze. Poderia responsabilizar-me por esta ideia perante a ciência, porque a ciência é o método de não saber nada, fora do tacto, da conjectura e do microscópio.

XXXII

A afeição do duque a d'Auvergne, desde essa noite, converteu-se numa espécie de idolatria, de cegueira, de fanatismo! Falava dele com fêrvido entusiasmo a Branca, e deleitava-se escrevendo-lhe nos dias em que o não esperava.

As visitas de Lacroze eram frequentes. As do visconde de Armagnac eram menos assíduas que no principio. O duque explicara por um mal-entendido ciúme a irregularidade do visconde. Branca, porém, começava a suspeitar um mistério, qualquer que fosse, nas faltas do seu constante hóspede de todas as noites.

D'Auvergne fizera a sua residência nos subúrbios de Angoulême, durante o Outono, para depois continuar a sua peregrinação sem roteiro.

O duque instava-o para ser seu hóspede; quisera interessar a duquesa neste seu desejo, e encontrara uma resistência que ele não soube explicar-se: «Querem talvez privar-me de um amigo, porque me vêem menos infeliz! Seria muito que me negasse este inocente gozo quem me negou o coração!» Foi este o mudo juízo que o duque fez da reserva de Branca.

E a infeliz compreendeu-o, adivinhou-o, e não balbuciou uma palavra em sua defesa. A presença de Lacroze era um prazer misturado de amarguras. Queria-o ao pé de si, como irmão; mas a cada momento, desaparecia a bela quimera do parentesco fictício, e vinha o amante desmentir as ilusões do irmão. As vezes, desejava-o longe de si, sem que uma fatalidade o impelisse; outras vezes, a ideia de que era impossível vê-lo sempre, atormentava-a. Via-o feliz, julgava-o erradamente pela aparência, e não queria contribuir de novo para a aniquilação dum prazer sem mácula. Desejava-lhe uma afeição que o restituisse ao passado, e, ao mesmo tempo, ouvia, sem pesar, a consciência que lhe dizia que para tal homem era estéril o amor doutra mulher.

No palácio de Cliton, deu-se um baile, solenizando os vinte e nove anos do duque.

Mulheres formosas, como anjos, reparavam com interesse na frialdade insociável de d'Auvergne. A nomeada encarregara-se de celebrizá-lo pela língua liberal do médico e pelos elogios do marquês de Alençon.

Era misterioso e triste. Estes dois atributos, tão importunos na sociedade com mulheres francas e alegres, davam a d'Auvergne a importância que não tinha o visconde, que dizia tudo que sabia de si, e timbrava de ser o primeiro gracejador.

Lacroze, por informações do duque, sabia o apreço em que uma provocante beleza de Angoulême o tinha. Por mais distinta em formosura, não levava vantagens sobre as outras, que o discutiam com censuras despeitosas, e acabavam por se confessarem reciprocamente que desejavam conhecer o homem célebre.

Lacroze suspeitou que o seu desdém poderia ser traduzido de modo que Branca fosse a vítima. Estremando-a dentre todas, para a simples cortesia do salão, encontrando-lhe, muitas vezes, um olhar equívoco, e talvez comentado pela sátira das mais amestradas em inteligência de olhos, Lacroze afivelou a máscara moral, e disse, sorrindo, ao duque, em presença de sua mulher, que não era insensível ao olhar fulminante da lânguida viscondessa de Namur que viera de Angoulême.

A duquesa estimou esta resolução, que não ousava aconselhar-lhe, porque temia comprometer a sua dignidade, lembrando a Lacroze que a sociedade poderia reparar nos seus assíduos cuidados para com ela. Branca não queria, sequer, imaginar-se na posição duma censura. Revelando-lhe a ele semelhantes temores era o mesmo que lembrar-lhe a calúnia como cousa possível de realizar-se.

D'Auvergne achou um agradável acolhimento. Os seus lugares-comuns tinham um colorido original que não desmerecia o conceito em que era tido. Quando a frase

nebulosa e equivocada, trazida num incidente em que o assunto era o amor, veio reanimar a eloquência de Lacroze, os olhos da viscondessa elanguesciam, as pálpebras como indolentes num espasmo de voluptuosa ternura acusavam uma paixão nascente, e a mão que se lhe oferecia para a dança meio lúbrica daqueles tempos encontrava outra, que tremia, sem que o pudor significasse no rosto a pureza da sensação.

E a duquesa vira tudo. Sentiu descompassadas as pulsações no peito. Levou à face a mão para disfarçar o rubor do sangue, que lá subia em estos vertiginosos. Perguntou a si própria que sentimento era aquele: e a consciência, austera sibila que nunca mente, respondeu-lhe que era o ciúme.

O ciúme! Branca odiou-se naquele momento. Outro momento se seguiu, e reputou-se muito desgraçada. Veio, depois, a consciência inexorável, e disse-lhe ainda que a fásca saltara das cinzas, e que a sua virtude poderia ser incendiada.

Chamou o duque:

– Parece-me que o coração de d’Auvergne está ressuscitando! Seria para nós uma glória se a nossa sala fosse o sepulcro daquele Lázaro! Admira, porém, que a viscondessa de Namur tenha o milagroso poder de ressuscitá-lo!

– Não o creias, Branca. D’Auvergne não pode amar. Conversa, porque a viscondessa tem ridicularias eloquentes, que entretêm um homem que sabe interiormente rir-se dos outros, depois que tem chorado muito por si. Não o conheces ainda, Branca... Aposto que ele detesta aquela mulher...

– Não vês a animação com que ela o escuta?!

– Vejo, e não admiro. D’Auvergne força quem o ouve àquela animação. Em ti tenho eu visto admiráveis toques de pasmo quando o escutas. Não sou eu o mesmo?

A duquesa conteve-se. O que ela ia dizer era uma demência. O anjo do infortúnio inspirara-lhe uma ideia maldita. Quis encarregar o duque de levar-lhe, da sua parte, os parabéns!

A virtude, porém, não podia gemer muito tempo no coração daquela mulher entre as garras do crime. A reacção venceu. Branca, afastada da sala, chorou no seio de sua filha. Os lábios, colados aos da inocência, murmuravam uma oração, que devia ser ouvida no céu. A duquesa entrou, outra vez, na sala, e recebeu os costumados respeitos de Lacroze, sem um sinal de fugitivo ressentimento.

O duque veio ao encontro de ambos.

– Posso dar-vos os parabéns, d’Auvergne?

– Não zombeis com o infortúnio, duque...

– Eu e a duquesa reparámos na vossa influência sobre as requebradas visagens da viscondessa.

– E uma excelente faladora. Tem o coração como não sei que flor: arde assim que se lhe toca.

– E vós... sempre o Aquiles das mulheres?

– Mas invulnerável em todos os tendões.

– Mas que fareis àquele coração queimado? – perguntou jovialmente a duquesa.

– Confiá-lo-ei aos cuidados do doutor. E um grande estudo que ele ali tem... São duas horas, duque...

– São duas horas... ah!... sim... compreendo-vos...

– Adeus... senhora duquesa, tende um feliz dia...

– Retirais-vos?

– Se não mandais o contrário.

O duque disse, a meia voz, a sua mulher:

– É a hora da sessão... Não instes, que o violentas.

Ernesto Lacroze respirou nas trevas. Meia hora depois, entrou no seu sacrário de

amarguras. Era um pequeno quarto onde as lágrimas corriam sem testemunhas.

E, ao mesmo tempo, a viscondessa das pupilas lânguidas tomava o braço à duquesa, e convidava-a a passearem numa sala desocupada.

– Minha amiga – disse ela – a vossa amizade, e o meu coração autorizam-me a uma confidência...

– Falai, minha amiga.

– D’Auvergne é um homem perigoso...

Branca estremeceu. A tibia luz da sala não a denunciou. E a viscondessa prosseguiu:

– Não concordais que d’Auvergne é um homem perigoso?

– Não sei o que chamais um homem perigoso! Eu acho que ele é um cavalheiro digno de toda a confiança, e quem lha der não corre perigo.

– Não me entendeis, duquesa... Quero dizer que se e impelida para ele por uma força irresistível. Não há segurança de corações, se ele quiser inquietá-los... Entendeis?

– Entendi, viscondessa.

– Não é preciso dizer-vos que o amo.

– Não é preciso, decerto...

– E tenho a modéstia de confessar que o encontrei de mármore! E um homem que diz, com termos delicados, a uma mulher: «Não posso amá-la.»

– Sim? E deu-se convosco esse desagradável acontecimento?!

– Deus; mas aquele homem não é o que representa. Há muito amor naquele coração. Haveis de falar-me com sinceridade... D’Auvergne ama-vos?

– Viscondessa!

Branca recuou pálida, como se a viscondessa lhe desse uma punhalada traiçoeira.

– Não vos sobressalteis, minha amiga! Estas perguntas não desonram, nem mortificam uma pessoa de boa sociedade. Acredito que não o amais. Precisava desta convicção, porque sou a primeira a dar testemunho da vossa superioridade, e não tentaria nunca entrar convosco em competência... Minha amiga, a vossa agitação mortifica-me!... Que simples cousa vos faz sofrer tanto! A quantas perguntas semelhantes eu respondi nos bailes da corte em Paris!

– Éreis solteira, viscondessa?

– Casada, minha querida duquesa... Parece que saístes ontem dum colégio de ursulinas!... Vejo que vos molesto... Vamos para a sala... d’Auvergne retirou-se, sabeis dizer-me?

– Retirou... senhora...

.....

Separaram-se.

A viscondessa disse a uma sua amiga:

– Fiz agora uma importante descoberta.

– Sim? algum escândalo! Foram-nos tomados os nossos maridos?

– Não, penso eu... E mais que tudo isso...

– Fala, que me tens sobre um vesúvio de curiosidade...

– Sabes quem faz inacessível o sombrio d’Auvergne?

– Não.

– E a duquesa...

– Bravo! Como fizeste a descoberta? Surpreendeste-os beijando-se em algum corredor como dois pombos maviosos?

– Não... consultei a duquesa, espinhou-se com a pergunta, fez caretas virtuosas,

recuou um passo segundo as prescrições da tragédia, e deu-se ares de vítima... Descobri o enigma.

– Queres roubar-lho?

– Será inútil: mas sabes tu... que o homem é fascinador como Lúcifer? Hei-de persegui-lo! E um capricho...

– Pois ele resiste-te, viscondessa?!

– Teve a petulância de me dizer que o amor tinha caído com os rabichos de Luís XV, e que as mulheres casadas do século dezanove não deviam inspirar-se da libertinagem da regência! Que tal está o *Tartufo*!? O pior é que o amo satanicamente! Se em vinte e quatro horas não arrefece a lava, faço loucura.

– Qual?

– Eu sei cá! Declaro guerra à duquesa!

.....

XXXIII

A viscondessa de Namur dava um baile oito dias depois. O fim era precisamente chamar, com pretexto honesto, d'Auvergne a sua casa.

Apareceram aí o duque e a duquesa.

Deu meia-noite, e d'Auvergne, que todos discutiam, não chegava. Perguntado o duque, respondia que se despedira dele uma hora antes em Cliton, e ficaram de encontrar-se ali. Branca respondia o mesmo as intencionadas perguntas que a viscondessa mandava fazer-lhe.

E d'Auvergne não apareceu nunca. No dia seguinte um bilhete de visita e agradecimento era entregue à viscondessa pelo guarda-portão, que o recebera do cavalheiro de Auvergne.

A viscondessa despedaçou-o, e rugiu, em todo o dia, imprecações contra o inocente marido.

A tarde, estava o duque em casa de d'Auvergne, cuidadoso da contrariedade que o privara do baile. D'Auvergne desculpou-se com uma forte febre, que o não deixava sair. Na presença do duque, recebeu uma carta anilada da viscondessa, perguntando-lhe se um grave incómodo a privara da honrosa concorrência do cavalheiro. D'Auvergne respondeu que sim, o mais respeitosa e laconicamente que lhe foi possível. Mas o portador desta carta disse à viscondessa que vira o cavalheiro sair com o duque, na direcção de Cliton. A colérica dama rasgou a carta de d'Auvergne, e vomitou contra o visconde, literato pacífico e erudito que escrevia a história da Revolução Francesa, a segunda edição correcta e aumentada dos insultos. O visconde prestava-se resignadamente a bode expiatório contanto que lhe deixassem as noites livres para cotejar os gravíssimos documentos da sua história. A dele foi escrita por um romancista francês, vinte anos depois.

A viscondessa de Namur tinha comprometido o seu amor-próprio. Os seus lapsos tinham sido causados pelas reiteradas instâncias dos pretendentes. O ídolo fora acessível em ondas de perfume: e, agora, é o ídolo que desce, e o pé desprezador de d'Auvergne passa por cima dele. O amor naquelas organizações, nasce da impudicícia e morre com a saciedade. Não há meio-termo. Transigir com as circunstâncias é enfurecer-se, é escandalizar, é odiar, sacrificando vítimas à libertinagem ofendida para aplacar-lhe as

Enquanto seu marido censura um grave erro sobre o sistema financeiro de Luís XVI, a viscondessa vem a Cliton, em ar de amiga saudosa, cumprimentar a duquesa, que se retirara do baile incomodada.

Encontra aí d'Auvergne, e maravilha-se, comicamente, de encontrar ali o enfermo, que tantos cuidados lhe dera! Este seu espanto é misturado dum sorriso pérfido, e dum relance de olhos, que faz subir a indignação ao rosto d'Auvergne.

Passou, repentinamente, a outro assunto. Falou de modas, das suas amigas de Paris, dos desgostos de Josefina com o imperador, dos boatos a respeito de divórcio, da literatura do dia, excepto da *História da Revolução Francesa* de seu marido, que, dizia ela, não entrava na literatura do dia, porque era feita de noite. Ingrata!...

Ao despedir-se, não pôde retrain o fel. A duquesa acompanhou-a até ao vestíbulo da escada. Recebeu o beijo atraído, que recompensou com repugnância, e ouviu, quase ao ouvido:

– Minha querida duquesa... tende cuidado na saúde do cavalheiro de Auvergne... não o demoreis muito, que as noites correm frias, e o ar da madrugada, suposto seja a brisa mais grata aos amantes felizes, não é das melhores temperaturas para as compleições melindrosas... Adeus, minha querida duquesa.

Branca ficou gelada. Imóvel no lugar onde a deixou a esposa do historiador da Revolução Francesa, permaneceu aí atrofiada como quem perdeu a consciência do ser físico. Voltava o duque de acompanhar à carruagem a viscondessa, e reparou na transfiguração de Branca.

– Que tens?

– Nada... que posso eu ter?

– Qualquer coisa extraordinária... diz, minha filha...

– Porque não hei-de dizer?... Esta mulher é uma infame mulher!

– Não o é ela há muito?!... Ainda agora a conheces?

– Ainda agora... E necessário que as nossas relações acabem hoje com tal mulher...

– Acabarão... Mas que é?... Que palavras te disse ela, escondendo-se de mim?...

– Que palavras seriam essas?... Foram palavras que me não esquecerão mais, enquanto eu tiver dignidade e pejo... Não me obrigues a repetir-tas...

– Falaremos, Branca... Eu não calculo qual foi o insulto... Vamos, que ficou sozinho d’Auvergne...

– Vai... mas deixa-me recolher ao meu quarto... Desculpa-me com d’Auvergne...

– Acaba de dar-se um caso extraordinário... – disse o duque a d’Auvergne. – Não sei o que a viscondessa disse à duquesa que a deixou num estado de estupor mortal! Recolheu-se, e pede-vos desculpa. Que haverá comum entre a viscondessa de Namur e minha mulher?!

– Sim... dizeis bem... que há comum entre a duquesa e a dissoluta?...

Lacroze tinha anteriormente respondido com mais precisão à pergunta do duque. Sofreu um golpe. Adivinhara tudo.

– Não sabeis – tornou ele – o que se passou entre elas?

– Não... diz a duquesa que não esquecerá as palavras que ouviu, enquanto tiver dignidade e pejo.

– Por consequência, uma infâmia!

– E acrescenta que acabaram hoje as suas relações com ela.

– Deve ter sido acerba a afronta!

– Sabê-la-ei...

– Não lha pergunteis.

– Porquê?

– Não se pode exercer uma vingança sobre mulheres, como a viscondessa, impermeáveis à vergonha... ignoraí o que ela lhe disse... Basta eu que o saiba...

– Vós?! porventura sabeis...

– Sei, duque... Não conheceis a viscondessa?... Não vos constam os seus costumes?

– Demais...

– Quando se vos disse que ela se interessava por mim, imaginastes que a curiosa libertina me queria estudar pelo amor da arte, como o vosso médico?

– Não... calculei o que era...

– Já vos disse que recebi com desprezo as franquezas dessa mulher indigna das vossas salas?

– Já... Basta... compreendi tudo... Essa mulher supõe que a duquesa é...

– Não continueis. Se sabeis tudo, calai-vos. Sobre o infame não pode estalar um chicote... não há outra vingança airosa... Meu caro duque, a hora da demência antecipa-se hoje... Adeus.

Nessa mesma noite, Ernesto Lacroze recebia esta carta, sem nome, todavia revelando, desde a primeira linha, a pessoa que lha escrevera:

Não posso crer que o cavalheiro de Auvergne seja o homem que se ostentou de bronze no baile de Cliton.

Aos trinta anos não se sustenta muito tempo a máscara, e a morte do coração é um embuste com que desviamos a atenção dos curiosos de sobre o objecto em que temos escravo o coração, com muita vida.

Fingis o que não sois.

Alguém se deixou arrebatado dum amor delirante, e, tão alto subiu, que não pode cair sem estrondo.

Não é necessário dizer-vos quem sou. E audácia e indignidade até escrever-vos; mas o pudor sucumbe ao despotismo do coração.

Há nesta mulher uma grande alma. Ódio e amor são os dois pedestais que me têm servido de trono, alteando-me ao ponto donde tudo se vê e tudo se adivinha...

Não vos digo que me deis uma escassa indemnização a todo o amor que vos dou; mas quero que me avalieis dum modo diverso daquele por que se avalia uma mulher imbecil.

Não morrestes, cavalheiro de Auvergne... E se morrestes, quem vos procurar o túmulo há-de encontrá-lo no coração da muito austera duquesa de Cliton.

Já vedes que me sobra em esperteza o que me falta em encantos para seduzir-vos.

É-me caro este desengano; mas são raros aqueles que se alcançam sem lágrimas.

Sabeis que me indigna a hipocrisia? Gosto da coragem no vício, se porventura é vício o bem empregado amor da duquesa, e a bem estudada "tartufice" do cavalheiro de Auvergne.

Sede feliz; mas não vades aos salões apregoar virtude, como é de uso no século que reprova, pela vossa boca, as liberdades da Regência.

Deixai correr o mundo. Quando vos cansardes dele, entrai na Cartuxa, cingi os rins com o cilício, e vinde a Angoulême declarar que se abriram as gargantas do inferno para as adúlteras.

Boas-noites, cavalheiro.

Resposta.

Devolvo a vossa carta, senhora viscondessa de Namur. Apresentai-vos com ela num bordel, e sereis admitida. As vossas companheiras hão-de ceder-vos a supremacia na imoralidade.

A viscondessa não corou lendo a resposta; mas chorou. As lágrimas do rancor devem ser amargas como as do ímpio que morre blasfemando! Eram assim as da viscondessa.

Deu um murro varonil sobre a mesa a que se encostara: murro foi esse que perturbou os estudos nocturnos de seu marido, e aguçou-lhe o capitulo mais intrincado, que versava sobre as notas diplomáticas da Áustria com a França.

O visconde de Namur veio, contra o seu costume, sindicado a indignação de sua mulher. Foi recebido com uma descarga de insolências, que lhe fizeram tremer as cangalhas na base do nariz. Retirou vergonhosamente. Pediu consolações a Clio. A musa estava surda, e o literato no auge da sua dor, adormeceu antes da hora costumada,

prometendo escrever um panfleto, à laia dos de Paulo Luís Courier, em que provasse que nenhum homem sensato devia casar com mulher mais nova quinze anos, pena de não escrever tranquilamente a história da sua pátria. E vingar-se-ia, assim, de sua mulher, dando à França um primor de estilo, por essa ocasião. *O felix culpa!* Ó indignação dum marido que faz prosa!

Ressonava sinceramente o erudito, quando a viscondessa, rodeada de fúrias, inventava uma vingança, pedindo-lhe a inspiração condigna.

A primeira inspirou-lhe um anjo bom: era o silêncio. A segunda, e a terceira, e a última trouxe-lhas o demónio como um presente que a fez sorrir de júbilo satânico. Era uma carta, duas cartas, trinta cartas anónimas escritas ao duque de Cliton, vexando-o pela condescendência infame com os amores de sua mulher.

Pegou da pena, e traçou as primeiras linhas. Mas o demónio astucioso lembrou-lhe que era cedo para serem acreditadas as informações, visto que d'Auvergne lhas atribuiria.

Conteve-se: esperou, e consolou-se calculando as consequências do seu legítimo desforço...

No dia imediato, Lacroze foi a Cliton. O duque saía a passeio. Branca não saía ainda do seu quarto. Lacroze retirava-se, quando a duquesa lhe fez saber que se levantava para falar-lhe.

A infeliz estava reduzida ao que era, quando Lacroze a viu, pela primeira vez, em Cliton. As horas da noite passada, contou-as minuto a minuto por acessos de atormentada febre. O colorido da saúde, a serenidade do coração escrita na branda suavidade dos olhos e do sorriso, tinham desaparecido em algumas horas. Branca, na presença de Lacroze, não podia senão soluçar, quanta mais violência se fazia.

– Que tendes, minha irmã?

– A morte... Lacroze!... Eu não posso assim viver... Deus me tire destas penas...

– Sei-as, minha querida amiga...

– Sabei-las? Vejo que me denuncio a todo o mundo... Como é que sabeis este novo sofrimento, que eu quisera ocultar de mim mesma?

– As últimas palavras da viscondessa de Namur...

– Sim, sim; mas calai-as... Que mistério, meu Deus!... Foi ela que vo-las disse, Lacroze?!

– Não, Branca... Eu sabia que essa infame, cedo ou tarde, deveria dizê-las...

– Pois bem... eu não fui que a autorizei a dizer-mas... Seríeis vós?

– Branca!...

Lacroze erguera-se impetuosamente, lívido, trémulo, desfigurado como diante duma fera que lhe mostrava nas fauces a morte inevitável.

– Ernesto! de que modo me encarais!... Até vós!... que mal vos fiz?... Não me compreenderíeis?... Eu não queria ofender-vos... lembrou-me uma loucura... imaginei que teríeis dado àquela mulher uma esperança... uma palavra que a autorizasse a caluniar-me... Mas não é possível... ela mesma me disse que vós a desprezastes... quer vingar-se... e prova a vossa inocência, vingando-se cruelmente... Perdoai-me, Ernesto... Não olheis assim para mim...

A súplica era feita quase de joelhos. As mãos de Branca apertavam com frenesi a de Ernesto. Da face dele desapareceram as sombras sinistras, e, nos olhos cavos, brilhou um novo raio de luz, a reflectir-se nas lágrimas.

– Vós perdoastes-me, Lacroze...

– Branca!... a nossa felicidade santa, sem mancha, sem remorso... foi uma mentira... E inevitável o destino... Eis-nos aqui mais desgraçados que nunca... A nossa separação é uma força que nos vem dum braço infame... um débil braço de mulher, que

vem entre nós cavar a sepultura!

– *A sepultura!*... que horrível palavra é essa!

– E a predestinação, minha irmã!... O que será sem ti, a minha vida... Deixa-me perder um momento nos sonhos do meu passado... Não cores porque ouves dos lábios deste homem a linguagem de há sete anos... Será curta a ilusão... deixa-me, em troca duma realidade atroz, estes momentos... E um amor condenado, Branca... eu sei que o é... mas não sei condenar-me a mim. Tão pequena tem sido a expiação para que eu possa julgar-me impuro! Depois de tantos anos de martírio, haverá quem me roce uma esponja de fel nos lábios, que deixam sair a pedaços o coração! Não poderei eu dizer que te amo, se não tenho uma pequena culpa que me envergonhe diante da honra! Não poderei apertar a mão de teu marido, com a consciência pura de que não ajunto ao descaro a ignomínia!... Posso!... tu bem sabes que posso! Entro em tua casa com a serenidade no rosto; retiro-me dos braços do duque sem que o remorso me acompanhe; medito, noite e dia, a maneira de nos salvarmos duma imprevista fatalidade sem fugirmos pela porta da desonra! E, contudo, eu serei um infame, quando o meu nome se descobrir! A minha memória seria execrada, se nesse momento eu me atirasse à sepultura, como quem cumprira neste mundo a sua missão abominável!...

– Lacroze!... podem ouvir-nos... Eu não entendo bem as vossas palavras... Delirais, meu irmão?

– Eu não deliro, Branca. Vê que vou falar-te no tom do mártir que caminha ao seu fim sem voltar a face ao mundo que deixa, e sem magoar com uma repreensão os algozes, que vão matá-lo... se é que ele vem já insensível para o cepo... Queres palavras compreensíveis?... Tens razão, Branca... No meu mundo, fala-se uma linguagem que não é a deste... Acabou tudo entre nos.

– Meu Deus! – exclamou a duquesa, erguendo as mãos em ar de súplica.

– Acabou tudo entre nós... deixa-me falar uma linguagem simples... porque não podia durar mais tempo o engano. Eu menti, sem saber que mentia. Tu eras fraca, e acreditaste-me. Pedi-te a amizade de irmã; não ma negaste. Se te pedisse o coração, negar-mo-ias; e se o passado viesse animar-te a ser uma esposa indigna, a estas horas, Branca, a nossa condenação estava proferida, e o punhal de teu marido estaria sobre o teu coração, ou o meu punhal sobre o dele. Não haverá sangue, que não seja o meu. A vítima há-de necessariamente ser sacrificada. Aquele que pode, sem infâmia, partir deste mundo... que parta. Sou eu.

– Lacroze!... que me matas!...

– Sou eu! e tu não morrerás, porque tens uma filha, que virá pedir-te as lições da desgraça; tens um marido, que te deve merecer o amor que as almas boas prodigalizam ao desvalido de todos os afectos. Julgaste-me, há muito, morto. O duque de Cliton, também, já verteu lágrimas de piedade ao desastrado fim do marechal Ernesto Lacroze...

– Não, Ernesto, meu marido não te julga morto...

– Julga, e toda a França, excepto tu e o visconde de Armagnac, me vituperou ou honrou a memória... O que podias sofrer por mim, Branca, sofreste-o já...

– Não, Lacroze... eu não poderei sobreviver-te!

– Não fales assim... que me cavas um inferno aos pés... Vê que desvirtuas a nobreza da alma que te não pertence, duquesa de Cliton. Tu não és a Branca de Clermont que se atirava cheia de confiança aos braços dum tenente, aos vinte e dois anos tão escravo da virtude como aos trinta! Esse homem caiu das esperanças, mas não caiu da honra! Duquesa, queres outra vez a simplicidade dum irmão que fala a sua irmã? Eu venho dar-te um adeus... O peregrino vem agradecer o gasalhado que lhe deram, e segue o seu caminho...

Branca sentiu a morte. Ergueu-se. Estendeu-lhe a mão gélida como a dum

cadáver, e murmurou:

– Adeus... Ernesto...

Lacroze lançou-se sobre uma cadeira. Reclinou a cabeça sobre o peito, que respirava em tumultuosos arquejos. Não saberia ele dizer se vivia.

O duque de Cliton entrava na alameda, e perguntava aos criados se d’Auvergne já tinha chegado. Respondendo-lhe afirmativamente, o duque apeou-se com velocidade, e subiu com veemente alegria a abraçar o seu único amigo, a realidade da única imagem que sua alma guardava, a par da de sua filha. A situação em que o viu, assustou-o.

– Que tendes, d’Auvergne!... A hora terrível veio hoje de dia?

– Creio que as horas terríveis vão, de hoje em diante, seguir-se umas às outras, como os elos da cadeia que vai chumbar-se num túmulo.

– Coragem, d’Auvergne! Será preciso que eu me dê como exemplo em heroísmos de infortúnio?

– Não é preciso, duque. Eu sou o mais corajoso dos homens! A vida pesa-me. Tenho o valor necessário para sacudi-la dos ombros. Verdadeiro heroísmo é isto!

– E eu tenho o direito de vos dizer que vivereis, porque, enquanto existe um amigo, não se tem sobre a existência um direito absoluto. Quem tem um amigo, não se mata... Falastes à duquesa! Talvez, não.

– Falei, e despedi-me... Ia retirar-me, deixando-vos uma carta, quando vos ouvi os passos.

– Despedir-se! Pois d’Auvergne despede-se?!

– Sim, duque.

– Por quanto tempo?

– Não sei... por muito... para sempre talvez!

– Isto é incrível! Parecéis-me ainda ontem menos infeliz! Há aqui um mistério!

Entra neste enredo a viscondessa de Namur!

– Não profaneis a língua com esse nome... Os ouvidos têm um certo pudor, que se envergonha de tal nome... Não vos dou explicações.

– Eu não consinto que vos retireis sem dar-mas. Vejo que a minha dignidade precisa delas...

– A vossa dignidade dispensa-as.

– Não, d’Auvergne! Sereis o meu algoz, se me deixais na incerteza. Se vos é violenta a explicação, respondi-me às perguntas que vou fazer-vos: Diz-se que minha mulher é vossa amante?

– Dirá. Quem o diz é uma mulher perdida; mas a calúnia virá em seu auxilio.

– Retirais para desmentir a calúnia?

– A calúnia não se desmente assim. Retiro para que o meu nome esqueça.

– Quereis convencer-me de que a vossa consciência é superior à calúnia?

– Não posso.

– Podeis. Não partireis.

– É uma violência!

– E um sacrifício que vos pede o duque de Cliton.

– E, se ele vo-lo não fizer?

– Direi que d’Auvergne receou que o tempo revelasse as provas da sua infâmia.

– Essa conclusão é duma injustiça original, senhor duque!

– Também vos não dou explicações. Optai!

– Não partirei. Agora, senhor, tendes vós coragem para afrontar a calúnia?

– Tenho-a: a coragem do desprezo.

– Que chamais vós provas da minha infâmia?

– É muito melindrosa a resposta. Se elas aparecerem, hei-de mostrar-vo-las. Vinde

dizer à duquesa que não partireis.

O duque chamou o mordomo, que atravessava um corredor:

– Dai todas as ordens para que de hoje a oito dias se dê aqui um baile. Sabeis os convites do baile passado: todos, excepto o visconde de Namur.

XXXIV

Este baile foi um insulto à viscondessa de Namur. Não era ele necessário, para que a víbora medisse melhor o salto. A sua cólera não carecia ser exacerbada.

Este imprudente passo do duque foi um degrau descido no seu abismo. O boato dos amores adúlteros da duquesa corria já: os ciúmes da viscondessa eram notórios; e a ausência desta dos salões de Cliton confirmou as suspeitas.

Indagaram os curiosos se a rejeição fora do convite, se da convidada. Concluíram da verdade que a indiscreta duquesa se denunciara excluindo de sua casa uma senhora ornamento da sociedade de Paris, e acolhida com respeito nos salões do imperador.

A opinião pública decidiu-se a favor da viscondessa. Além das razões alegadas, a respeitável opinião apresentava uma de direito costumeiro: dizia que a viscondessa tinha sobre a sua rival a vantagem de não ser hipócrita. Estava decidido.

Estes boatos não chegaram aos ouvidos do duque, e soavam já em Paris. Uma carta de Ricardo de Clermont, escrita a seu genro, recomendava-lhe que observasse de perto o procedimento de sua mulher com um tal d'Auvergne, da Picardia, viajante misterioso que *achava muito bom para a sua saúde o clima de Angoulême*.

O duque de Cliton queimou esta carta, e respondeu a seu sogro com estas palavras:

Para que me não importuneis com uma segunda carta, digo-vos que recebi a primeira. Vosso affectuoso,

Duque de Cliton.

Ernesto Lacroze criara uma reputação de conquistador. O duque de Cliton collocaram-no abaixo da resignada impudência do visconde de Namur. Este, abstracto nas lucubrações históricas nocturnas, não podia syndicar os actos «contemporâneos» de sua mulher. Aquele, sem poder dispensar-se da honra com a literatura, conduzia pelo braço o amante arrufado a sua mulher lagrimosa! Apareceram epigramas em verso. O duque recebeu o seguinte em carta de Paris:

*Savez-vous comment à Cliton
On fait présentement l'amour?
Au lieu d'un aveu tendre,
Eh bien!
On commence par prendre...
Vous m'entendez bien...*

Era uma paródia do epigrama de Blot à corte de Luís XIV. No correio imediato, recebeu outra carta de Marselha. Continha este epigrama:

Ao duque de Cliton:

*A la cour et dans le salon,
On dit assez ce que vous êtes,
Monsieur de Cliton.
A la cour et dans de salon,
On dit assez ce que vous êtes;*

*Et, quand on croit les affaires bien nettes,
Il ne faut point de tambour ni trompettes,
Monsieur de Cliton.*

Outros vieram, depois, sórdidos, asquerosos, respigados nas torpes *Memórias* de Luís XV, com aplicação às adúlteras do tempo.

O duque não desabafa um gemido. Branca nunca lhe notou uma desigualdade. D'Auvergne ignorava a existência destes infames papéis, esperando-os todos os dias.

Vieram, depois, as longas cartas, que ao mesmo tempo partiam de Borgonha, de Toulon, de Angoulême, de Nantes, e de Paris. Eram variadas as letras, mas o estilo, o mesmo. Formigava nelas a frase obscena, a sátira de alcouce, a licença desenfreada, a chocarrice ervada no veneno do impudor.

A viscondessa de Namur desenvolvera uma prodigiosa fecundidade de expressão, recrutada nos corrilhos da taberna, e na enfermaria das mulheres dissolutas desesperadas com as dores da putrefacção do corpo em vida.

Algumas dessas cartas designavam a hora em que d'Auvergne entrava em Cliton, a hora a que saía, os passeios que dera no jardim, a sós com a duquesa. Estes por menores, contados em ar de novidade importante, faziam rir o duque; mas este rir do infeliz era pior que as Lágrimas. Lá muito no reservado do coração escondia-se a vergonha. Se a face a não confessava, Deus sabe que tormentosa astúcia o brioso moço, com todo o ardor cavalheiresco dos vinte e nove anos, empregava. A confiança em sua mulher existia; o abono das virtudes de d'Auvergne não falira; mas a tranquilidade era mentirosa.

E Lacroze continuava as suas visitas regulares a Cliton. Raras vezes, porém, encontrara sozinha Branca. Esses encontros ele mesmo os prevenia, evitando-os. A duquesa abençoava o pensamento de Lacroze, que adivinhara o seu. O duque reparava no melindre do cavalheiro, que acedera ao sacrifício de ficar, encarecendo-se com privações inglórias, e cuidados na honra alheia: sujeitando-se ao violento refém em que se dera, da sua nobreza, um momento equivoca para o marido de uma mulher caluniada.

E a viscondessa de Namur desesperava dos seus ignominiosos expedientes.

O que a torturava agora, mais que o desprezo, mais que a resposta de d'Auvergne à sua carta, era a opinião pública, a mãe dos monstros em virtude e vício, a matrona sem nome nem morada certa, que hoje vos dá um beijo numa nódoa infame, e amanhã vos esgarra na face pura. Essa tal opinião, que dizem viver teúda e manteúda com a canalha ilustre, suposto arrastasse pelos cabelos a duquesa de Cliton, não entronizava a virtude da viscondessa. O que esta não queria era inspirar piedade, e a opinião pública, que respeitamos muito mas somente aqui no espaço que a palavra ocupa sobre uma tira de péssimo papel de costaneira, a tal, que por nome não perca, o mais que fazia em favor da viscondessa, era compadecer-se, reputando-se repelida pela bota do cavaleiro, não saciado ainda das bíandícias da formosa duquesa.

Este conceito ignóbil viera agravá-lo um sucesso de que muito se falou. D'Auvergne assistira a uma festividade em que o arcebispo de Angoulême solenizava a dignidade do arcediogo, a que fora elevado um irmão do marquês de Alençon.

A viscondessa estava aí, prostrada diante da cruz, devorando páginas dum livro de capa de ouro, que muitos mancebos imaginaram ser o primeiro volume do *Compadre Mateus*.

À saída do templo, Lacroze recebia do seu lacaios as rédeas do cavalo. A viscondessa passara por diante dele algumas polegadas, deixando cair o livro. O lacaios de Lacroze curvou-se para erguê-lo e o amo bradou-lhe com azedume:

– Olá! O meu lacaios não se curva diante dessa mulher!

A viscondessa fez-se cor de açafreão. Em redor muitos ouviram o insulto, e ela apenas teve o seu próprio criado que lhe levantasse o livro! Nem uma luva lançada à cara do forasteiro!

Ernesto esporeou o cavalo, e não teve a delicadeza de pedir perdão do escândalo aos ilustres primos da galante viscondessa.

Assim ultrajada, que vingança nova idearia esta mulher?

A pergunta respondeu a noite que se seguiu àquele dia.

Lacroze voltava de Cliton, onde o médico levava a noticia do acontecimento, e ouviu a detonação de dois tiros, a pequena distância. Passou por aquela prova sem estremecer. Esperou, momentos, uma dor, que denunciasse algum ferimento, e riu-se dos assassinos, e de si.

– Só eu tenho o poder de morte sobre mim! – disse com a sua consciência, e caminhou seguro, como se os dois tiros fossem uma salva de alegria à sua passagem.

No dia seguinte à tarde, uma carta, entregue por um desconhecido, avisava-o, como de pessoa amiga, que o duque de Cliton resolvera mandá-lo assassinar, porque tinha provas inequívocas da infidelidade da duquesa.

Lacroze não prestou, um segundo, fé à calúnia. Nunca ele supusera tão longe de suspeitas o duque de Cliton.

A viscondessa, sabendo que as relações continuavam inalteráveis, não descoroçoou.

Sabia que o duque de Cliton tinha um escudeiro, que tratava com distinção, porque o conhecera desde pequeno em casa do marquês de Luso, «seu cunhado».

Empregou pequenos esforços por chamá-lo a sua casa, e conseguiu convencê-lo de que se tratava de salvar a honra de seu amo, desenganando-o a respeito do desleal procedimento dum falso amigo, que recebia em sua casa. Fortaleceu as suas razões, oferecendo ouro ao escudeiro para que espionasse os menores movimentos e palavras de d’Auvergne com a duquesa. Encarregou-o de transmitir-lhas de modo que ela pudesse avisar o duque sem faltar à verdade, nem comprometê-lo, a ele escudeiro, com sua arma. Antecipou-lhe, por conta, ouro de fascinar um miserável, e deu-se os parabéns de matar a víbora da vingança que lhe mordida o seio.

O escudeiro entrou com desvelo na sua missão.

No primeiro dia, declarou que d’Auvergne estivera sempre com o duque, e algumas vezes falara com a duquesa de fugida, na presença de seu marido. Esta revelação disse a viscondessa que não valia um franco. Esperou. No segundo dia, d’Auvergne chegara a Cliton, na ausência do duque para a floresta da quinta. Falou com a duquesa em voz que ele escudeiro não pudera ouvir da sala próxima. Pouco depois, o duque entrara, e a duquesa, a título de doente, se recolhera.

Esta denúncia era importante como acessória. A viscondessa intitulou-a «flor de retórica».

A denúncia do terceiro dia é a mais detestável de todas. D’Auvergne não aparecera em Cliton! A esposa do historiador, nesse dia, verteu um tinteiro sobre o quadragésimo quinto capítulo da *História da Revolução Francesa*. O erudito suicida-se, se não tem o rascunho. Vingou-se, porém, chamando a sua mulher «douda» pela primeira vez!

Ao quarto dia, diz o escudeiro que o duque fora visitar o visconde de Armagnac, doente havia um mês, e que, na sua ausência (estilo de escudeiro) viera d’Auvergne. Acrescenta que a duquesa estivera com ele ao fogão, e que muitas vezes, pela fechadura da porta próxima a vira levar um lenço aos olhos. Diz mais que não pudera ouvir-lhe palavra; mas, em compensação, declara que a vira a ela tomar a mão de d’Auvergne, e a levava aos lábios. Por fim, declara em honra do seu amo, a quem muito preza, que

d'Auvergne tivera no colo a pequenina duquesa Elisa, e a beijara muitas vezes, dando-a depois à mãe com muito carinho. Enfim, chegara o duque e abraçara d'Auvergne.

Esta denúncia, com a outra, produziu a seguinte carta, datada em Angoulême.

Ao duque de Cliton.

Ainda que tarde, a providência quer salvar-te de maiores vergonhas.

A devassidão de tua casa é já transparente.

Cá fora, vêem-se os mistérios que lá vão entre os damascos das tuas janelas, e os rases heráldicos das tuas portas.

No dia quatro deste mês, passeavas na floresta da tua quinta, quando d'Auvergne entrou no teu palácio. E verdade, duque?

Tua mulher, quanto tu entraste, estava com d'Auvergne; mas, como a tua presença a indispunha, retirou-se doente para o seu quarto. E verdade, duque?

NQ dia cinco, d'Auvergne não foi a tua casa. E verdade, duque?

No dia seis, foste visitar o visconde de Armagnac. Tua mulher aqueceu os deliciosos pés a par com os de d'Auvergne no teu fogão da Sala das Águias. A melindrosa chorou muito. Depositou ardentes beijos na mão do teu amigo. Comprimiu-a com todo o frenesi duma santa em contemplação, e terminou o lance dando para os braços da tua 'pública forma' uma criancinha, que a opinião pública chama tua, por uma regra muito conhecida de direito, que me não lembra. Será verdade, duque?

Para sobremesa destas iguarias, um teu amigo consagra-te esta velha copia, feita por seu pai:

A la coun à la ville,
On fait à présent des cocus;
J'en connais plus de mille
Qui ne s'en fâchent même plus.
Est-ce la peine que Cliton
Lui seul fasse le furieux?
S'il est sage, il fera comme eux.
Oui, c'est chose certame
Que sa femme a fait un beau choix;
Ca....

A copla dizia:

Le sang de Lorraine
Honore ce bourgeois.

Mas o sangue dos Montfort não pode honrar-se com o do cavalleiro da Picardia.

Isto é, sobretudo, o mais escandaloso. Até breve.

Esta carta deixou o duque no torpor, no espasmo, na inacção do homem assombrado dum raio!

Ali não se via o vago discurso duma calúnia, moralizando o crime com a doutrina dos prostíbulos.

Marcavam-se factos! davam-se induções! estabeleciam-se verdades que davam margem às infâmias arguidas!

O duque entrou na câmara de sua mulher. Sentou-se. Violentou ao silêncio o coração que, lhe mandava aos lábios um interrogatório severo. Permaneceu mudo, como muitas vezes, alguns minutos. Branca deu-lhe a filhinha. Ele repeliu-a com um gesto de enfado. Era o primeiro!

– Que modo esse, meu filho! Não queres Elisa? Não a vês sorrir? Aos oito meses, é admirável!... Não lhe dizes nada?!

– Deixa-me, Branca.

– Meu Deus, que gelo nas tuas palavras!... Que é isto?

– Choras!... sempre lágrimas!... Que felicidade em chorar!...

– Escarneces-me?!

– Não...

O duque arrependera-se do azedume, que era apenas uma faísca da lavareda. Ergue-se dum ímpeto. Deixou fugir um ai agudo, um grito que fez estremecer a duquesa, e saiu do quarto.

Viera encontrar d’Auvergne, que entrava. As suas primeiras palavras foram um desnexo de disparates.

– Não estais tranquilo, duque – disse placidamente Lacroze.

– Um pouco agitado... Cousas do organismo... São estas nuvens carregadas de electricidade... Isto passa com elas...

– Como está a senhora duquesa?

– Creio que boa...

– A vossa filhinha?

– Óptima.

– Estais desfigurado! Eu não costumo encontrar-vos assim...

– Desculpai-me... E que me infeccionastes com as vossas horas de febre... Ouço o cavalo do visconde. Antes que ele chegue... Lembra-vos o nosso compromisso de três meses?... A vossa presença aqui é garantia dalguma cousa... Quando eu vos mostre as provas da vossa infâmia...

– Serei convencido de infame... Cuidado, porém, duque! Se me não convencerdes, a infâmia será vossa! Tendes algumas?

– Não. Silêncio, e coragem, senhor de Auvergne...

Entrou o visconde de Armagnac.

XXXV

As informações do escudeiro à viscondessa eram de uma esterilidade estúpida, como ela dizia.

Decorreram quinze dias, sem um sintoma favorável ao desenlace previsto pela confidente do escudeiro.

Dizia este que a doença da duquesa fora um contratempo, suposto que as visitas do cavalheiro continuavam com a maior frequência. O duque era para ele o mesmo homem, ainda que passeava, longas horas, sozinho na floresta.

A viscondessa de Namur informou-se do médico acerca da doença de Branca. Disse este que eram incómodos dum parto próximo, e estimava que o segundo não fosse tão trabalhoso como o primeiro.

Cessaram as informações. O duque, de propósito, preparava ensejos de se encontrarem sós sua mulher com d'Auvergne. Mas o escudeiro não podia espionar o que se passava na câmara da duquesa, onde o cavalheiro era familiarmente recebido.

Entre Lacroze e o duque estava a morte, sorrindo, em ar de festa, e afagando-os a ambos. Encaravam-se com aspectos sinistros, e trocavam-se raras palavras, em que não transpirava rancor, mas a ebulição do Etna, que vai exalar uma lava. Diante de Branca, mantinham a antiga jovialidade, e mascaravam quanto podiam as falsas posições. Que situação! Como é grande o homem em luta com a suspeita e a vergonha!

E Branca parece ter ouvido uma voz do céu que a chamava. Os seus olhos nunca mais choraram desde que um sarcasmo do duque lhes secara o pranto. Em seus lábios lívidos esvoaçava um sorriso angélico à feição do riso em lábios infantis, roxos da morte, mas risonhos para as alegrias do céu. Repartia entre Lacroze e o duque os mesmos raios dum olhar sem brilho, a mesma brandura de afectuoso sorriso, o mesmo carinho de expressões, tardias sim, mas tiradas do melhor da sua alma.

Falava em vaticínios de morte, e o médico afigurava-lhe as facilidades dum parto, supondo que era, naquele lance, que ela esperava perder a vida.

Lacroze, em uma dessas horas de resignado adeus ao mundo, achou-se só com Branca.

– Fizeste bem em ceder ao pedido do meu marido... disse ela – foi bom que não partisses, Lacroze, meu querido irmão, porque me verás morrer...

– Morrer!

– Ai! tu o não crês! Se Deus se condeou das minhas dores, porque me não dará o pressentimento de que elas estão no fim? Não lhe merecia eu alguma coisa pela resignação!? Deu-me o dom da profecia... Sei que morro... E tu... tu que eu pude ver no fim da vida, não ficaras muito tempo aqui... Este mundo não é o nosso... Lá é que se continuam as grandes paixões que foram calcadas pelos homens... Isto, aqui, para uns, é o ensino da felicidade futura... Eu podia ter vivido muito feliz!... Pobre, mendigando, com meus filhos nos braços; mas contigo, Ernesto, contigo!... Para outros, esta vida é o que foi para mim... um desejo incessante de me encostar ao seio de um Deus que nunca me abandonou, azedando-me as muitas lágrimas que chorei... Todas me foram doces... Não chorei nenhuma de vergonha... Nem uma só!... Deus sabe que não... e tu, também, meu amigo, e meu marido... sabê-lo-á... Olha... Ernesto... espero deixar neste mundo um grande testemunho da tua honra... Não me perguntes qual é... Sei que venho da sepultura coroar-te... se é que te não verei bem cedo na presença do Altíssimo; mas será essa coroa o distintivo do teu martírio, sem ser de espinhos... Já bastam os teus e os meus... Tanto tinha a dizer-te... Não sei o que me diz que não torno a estar só contigo... Não é possível dizer mais... Ouço os passos do duque...

Esta liberdade pareceu demasiada ao duque; e a impassível constância de d'Auvergne afigurou-se-lhe um escárnio provocante. A cólera não o venceu. Reteve-se como quem susta as fúrias dum possesso, como quem luta braço a braço com uma fera. Mas a fisionomia revelava tudo.

Ernesto Lacroze viu-lhe o coração. Ergueu-se com majestade. Tomou o braço do duque em ar de distração, conduziu-o à antecâmara, pediu-lhe uma entrevista na sala imediata, e falou com a segurança, não da coragem brutal, mas duma dignidade orgulhosa:

– Senhor duque, há vinte dias que somos suspeitos um ao outro. Que há entre nós? A honra da duquesa de Cliton está debaixo da minha tutela.

– E da minha, mais que da vossa, cavalheiro.

– Falai...

– Não tenho nada a dizer-vos. Pode suceder entre nós, dum para o outro momento, uma entrevista, de que há-de retirar-se um só, ou nenhum.

– Não aceitarei a vossa entrevista, sem que haja num de nós uma nódoa, bem visível, que deva lavar-se com sangue. Agora, se me dizeis que eu sou capaz duma infâmia, essa entrevista seja já.

– É cedo, cavalheiro. Enquanto vos chamar cavalheiro, não vos exautorro da honra.

O escudeiro das denúncias interrompeu o diálogo. Anunciava dois cavalheiros que desejavam cumprimentar o duque, seu antigo amigo.

– Subam – disse o duque.

Ao mesmo tempo, corria o médico participando que a senhora duquesa, contra todas as previsões, estava com as dores de parto, e mandava chamar o capelão para confessar-se, declarando proibida a entrada do seu quarto.

– Para confessar-se! – exclamou o duque. – Pois está perigosa?

– Não, senhor duque; mas não é possível destruir-lhe a suspeita de que morre... Deixá-la... a confissão não faz mal a ninguém...

– Mas proíbe-vos de prestar-lhe os vossos cuidados.

– Não são urgentes...

O duque entrara na sala onde era esperado, muito afastada daquela em que deixara Lacroze, passeando. Eram os marechais Berthier e Murat, camaradas de Benoit de Montfort na conquista do Egipto. Abraçaram-se com entusiasmo. O duque disse que um fatal sucesso o privava de gozar todo o prazer desta visita. Os marechais quiseram retirar-se; mas ele impediu-os, prometendo-lhes um cavalheiro interessante para entretê-los até à hora do repouso.

Disseram eles que partiriam ao nascer da Lua, e que a sua demora não excederia duas horas, porque vinham das fronteiras em marchas forçadas sobre Paris.

Falaram dos companheiros de combates. Lamentaram os mortos, e comemoraram as proezas dos bravos, que não morreram para a posteridade. Entre eles, o duque de Cliton citou o marechal Ernesto Lacroze.

– Lacroze! – exclamaram eles – suicidou-se!... era um valente soldado!

– Sei que se suicidou... – tornou o duque. – Desonraram-no com uma suspeita vil...

– De deserção!... Foi uma calúnia!...

– Mas o cadáver nunca apareceu?

– Nunca...

– Deixou família?

– A mãe que morreu de desgosto, e duas irmãs que recebem uma prestação do governo. Nunca se soube também que fim levou a herança que ele recebeu dum camarada poucos dias antes de suicidar-se. Eram cinquenta mil libras, em bom dinheiro

corrente... Dizem que as sepultara consigo...

A conversa demorou-se um quarto de hora neste assunto. O médico interrompeu-a noticiando, radiante de alegria, que a senhora duquesa acabava de dar à luz um menino. Os marechais abraçaram o pai, e deram-lhe outro abraço para a ditosa mãe. O duque, sobressaltado, queria correr ao quarto de sua mulher.

– Esperai... – disse ele – eu chamo o meu amigo... para ficar convosco... Doutor, dizei ao senhor de Auvergne que o quero apresentar a dois amigos...

D’Auvergne entrou. À sua aparição os dois hóspedes recuaram, e bradaram simultaneamente:

– O marechal Lacroze!

O duque de Cliton, ao som destas palavras, que lhe desceu com a morte ao coração, murmurou o nome que ouvira. O gelo da demência atrofiou-lhe o cérebro. Os olhos, como de cristal, imóveis, fixos na face majestosa de Lacroze, ficaram nesse espasmo da agonia que nem a morte desfigura.

Os marechais encaravam-se estupefactos. Lacroze deu alguns passos, e apertou-lhes a mão. Aproximou-se do duque.

– Espero as vossas ordens.

O duque não respondeu. Lacroze disse aos marechais:

– Tendes a bondade de entrar na sala próxima, senhores?

Os hóspedes saíram maquinalmente. Ernesto, tranquilo como a honra, disse ao duque:

– A qualquer hora, senhor, encontrar-me-eis em minha casa.

Retirou-se.

O duque de Cliton, quando saiu daquele eclipse moral, achou-se com a mão cerrada no seio, como empunhando um fantástico punhal.

XXXVI

É meia-noite.

Os marechais despedem-se do duque, abismados, em reflexões disparatadas. Julgam que seu infeliz amigo fica doudo. Depois que Lacroze se retirara, empregaram a força para conter-lhe as fúrias duma demência. Não dizia o que queria, nem a vítima que procurava. Os olhos projectavam as chamas do delírio. Os dentes rangiam no estridor da gota-coral. Os braços, como catalépticos, sacudiam-se com os punhos cerrados.

Chamam o médico, que pasma, assombrado, daquele aspecto.

Berthier quer contar-lhe o acontecimento, e o duque, rugindo um som cavernoso como o derradeiro adeus dum agonizante, leva com violência a mão à boca do marechal.

O doutor quer palpar-lhe o pulso, e o duque repele-o com uma visagem de cólera. O médico apavorado quer retirar-se: o marido de Branca segura-o pela gola com ar ameaçador, e exclama: «Retirai-vos de minha casa!»

O assistente da duquesa, não livre ainda do delicado tratamento do parto, alega que não pode sair sem completar os seus deveres de médico para com a puérpera. O duque aponta-lhe carrancudo a saída da sala, e o doutor consternado retira-se, perguntando ao escudeiro onde está d'Auvergne.

– D'Auvergne – responde o escudeiro – saiu neste momento do quarto da duquesa.

– Neste momento!?

– Sim... As criadas ficaram aterradas.

– Aterradas! porquê?!

– D'Auvergne entrou vencendo a resistência que lhe fizeram. Ajoelhou ao pé do leito da duquesa. Beijou-lhe a mão, ergueu-se, e saiu dizendo: – Espero-te na eternidade!

– Tenho compreendido tudo! – murmurou o médico. – Mas... que sonho este... – disse ele consigo. – A indignação contra mim como se explica!... Bem o suspeitava eu!... Falou a verdade pelos lábios duma infame!

A viscondessa de Namur não se enganou!...

E saiu, receando chamar a si a cólera mais expressiva do duque.

Os marechais, taciturnos diante do filho de Silvina, que arquejava sobre uma cadeira, estenderam-lhe as mãos em despedida. O duque recebeu-lhas, sem murmurar uma palavra. Eles saíram, e o desgraçado ergueu-se. Puxou os cordões duma campainha, e o escudeiro deu um passo dentro da sala.

– Lefèvre, manda preparar dois cavalos... Hás-de seguir-me.

O criado retirava-se.

– Vem cá... O médico saiu?

– Há momentos, pouco depois do senhor de Auvergne... que saiu do quarto da senhora duquesa...

– Mentos! Esse homem saiu desta sala.

– Se concedeis uma liberdade ao vosso velho criado, dir-vos-ei senhor duque, que d'Auvergne desta sala foi ao quarto da senhora duquesa.

– Viste?

– Viram as criadas... e dizem que o cavalheiro ajoelhara, beijando a mão...

– Cala-te! Prepara os cavalos... Vem cá... Entra no quarto de Branca, e diz de minha ordem, às criadas, que se retirem... Quero as minhas pistolas nos coldres... Vem cá... A ama de minha filha Elisa que venha aqui... Depressa...

O duque atravessou alguns corredores. O castiçal caiu-lhe das mãos... Palpando nas trevas, achou-se no seu quarto. Abriu um gavetão. Correu as mãos sobre alguns papéis, querendo reconhecer pelo tacto alguns que encontrou. Eram dois rolos, cuja inscrição o duque viu a um raio da Lua que se coava no postigo duma portada. Cada rolo tinha sua marca: *cem mil francos: títulos do Banco de Inglaterra*.

Arrancou com precipitação a gaveta: estendeu o braço no espaço que ela ocupava; puxou uma pequena gaveta de segredo, e tomou um de quatro frascos de vidro. Leu ao clarão da Lua a inscrição; dizia: *ácido sulfúrico*.

Entrou na sala, onde era esperado pela ama da duquesa Elisa.

– Minha filha?

– Dorme.

– Saia com ela para Armagnac, imediatamente. O visconde que me espere.

A ama não ousou balbuciar uma reflexão. O duque tinha o pavor do inferno nos olhos.

– O meu escudeiro?

– Pronto, senhor duque.

– Os cavalos?

– Vou aparelhá-los...

– Vai... Espera... Todos os meus criados e criadas que se retirem desta casa...

Quem é que passa naquele corredor?

– É uma criada.

– Que leva na mão?

– Um copo de água para a senhora duquesa.

– Vai buscar esse copo... Eu o levarei... Ordem terminante! todos os meus criados e criadas... todos os meus familiares dentro de duas horas não-de ter saído de minha casa.

– A estas horas! – murmurou a ama.

– Não vos peço reflexões... Quem não tiver cumprido há-de lutar com a morte...

O escudeiro entrou no quarto de Branca. Viu-a desfalecida, rodeada das suas aias, e o capelão que rezava as orações da agonia. Pronunciou com voz firme as ordens do duque. Aterraram-se as servas: menos o padre, que prosseguiu tranquilamente na sua oração.

– Não ouvis, senhor padre La Croix? – disse o escudeiro com insolência.

O padre murmurava:

Eripe me de inimicis meis, domine, ad te confugi: doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.

– Zombais das ordens do senhor duque? Eu vou dizer-lhe que as desprezais...

Educes de tribulatione animam meam, et in misericordia tua disperde inimicos meos.

Lefèvre saiu vociferando injúrias contra o sacerdote.

As criadas fugiram, sem ainda atinarem com a causa do seu terror.

O duque de Cliton, quando a ama lhe mostrava a filhinha, que vagia sobressaltada do despertar violento, afastou-a com arremesso. Estava só.

Vazou o liquido do frasco no copo da água. Parou no umbral do quarto.

O padre, de joelhos ainda, entoava:

Ad dominum cum tribularer clamavi: et exaudivit me. Domine, libera animam meam a labiis iniquis, et a lingua dolosa.

– Padre... retirai-vos.

– Deixai, senhor duque, que eu cumpra a vontade da vossa esposa moribunda...

Pedi-me que lhe assistisse até ao derradeiro alento.

– Sai, La Croix!

– Não perturbeis os derradeiros momentos desta santa. E o seu confessor que vo-lo pede.

– Retira-te, hipócrita!

O padre ergueu-se, e foi lançar-se aos pés do duque, exclamando:

– Hipócrita, não, senhor! Em nome de Deus vos juro que vossa esposa está inocente... e morta!

O duque sacudiu-o de si, lançando-o com a ponta do pé fora do quarto. Fechou a porta, e pousou o copo ao pé do crucifixo, que, entre dois castiçais, estava à cabeceira do leito.

Tomou o pulso à duquesa.

Reinava um profundo silêncio, cortado pelos guinchos das aves que respondiam das florestas remotas aos estrídulos gritos da floresta próxima.

O duque, sentado, ao pé do leito, parecia escutar a respiração de sua mulher, inclinado sobre o quase cadáver com a mão no pulso. A seus pés, estavam ainda lençóis ensanguentados, vestígios do parto efectuado duas horas antes.

Correram vinte minutos. A pêndula do relógio, na sala próxima, com seu monótono balanço, dir-se-ia o anjo da morte, soando uma pancada a cada bago de areia coado na garganta da ampulheta.

Branca estremeceu, e abriu os olhos.

Fixou seu marido, que retirava a mão do pulso.

Demorou-se nesse espasmo, como revocando a consciência da vida.

– És tu?... – disse ela, interceptando com a mão os raios vividos da luz que lhe feriam os olhos.

– Sou eu... – respondeu secamente o duque.

– Sê bem-vindo, meu esposo... A hora da despedida, tu dum lado, mas do outro... falta-me um padre... Porque não está aqui La Croix?!

– Não precisais de mais ninguém aqui, Branca de Clermont?

– Meus filhos... queria vê-los... Que rosto o teu, amigo!... Sofres mais do que eu... Tenho sede...

O duque tomou o copo da água, e ofereceu-lho. A duquesa recebeu-o sem hesitação, demorou-se alguns segundos com ele chegado aos lábios, sorrindo, e encarando o esposo, quando descerrou os lábios para beber o liquido até à última gota.

– Onde estão meus filhos? – perguntou ela carinhosamente.

– Fugiram envergonhados de sua mãe.

– E tu... não foges envergonhado de tua mulher?

– Não... a minha sensibilidade petrificou-se. Já agora, serei, até ao fim, o leal companheiro de Branca de Clermont.

– Pouco tempo o serás, meu esposo...

De repente, a duquesa leva ambas as mãos ao estômago como para arrancar uma serpente, que se lhe enrosca, cortando-lhe as carnes.

– Que dor, Santo Deus! – exclamou ela, soltando um ai convulsivo e prolongado.

O duque ergue-se, cruza os braços, e fixa, com impassível beatitude de espírito, a duquesa. Um vermelho-carmesim tinge a face dela. Os olhos cintilam, e a garganta cerra-se-lhe, como apertada por uma gonilha.

– Envenenada por ti, meu esposo! – disse ela com voz rouca, sentando-se dum salto, sacudida pela agonia lacerante.

Falta-lhe o ar. Ergue-se sobre os punhos, firmados no travesseiro, abrindo a boca para aspirar. Descai, outra vez, a refrigerar com as mãos o estômago que lhe arde, e as entranhas que se despedaçam a golpes repetidos.

– Podias dar-me outra morte... – exclamou ela –; se não querias esperar algumas horas... Estes paroxismos são dolorosos...

E o duque não se desviava uma linha da sua atitude contemplativa. Podia, pelo esverdeado do rosto, pela imobilidade do corpo, julgar-se um cadáver em pé; mas a vida revelava-se nos olhos, que giravam no fundo das órbitas, acompanhando as contorções da duquesa. Nem uma palavra.

Branca, apertando com as mãos das fontes, pendeu a cabeça fora do leito. Era a agonia do vômito, que lhe vinha em guinadas abrasando o esófago. As ânsias do coração viam-se nos arquejos do peito meio descoberto.

Opilavam-se-lhe as faces; o cintilar dos olhos era menos vivo. A córnea transparente raiou-se de sangue, e a pálpebra superior, distendida pelas contorções, parecia decompor-se em forma de membrana cor de violeta, húmida dum líquido semelhante ao sangue em putrefacção.

O suor frio transpirava da cútis entumecida, e coagulava-se em bagos, sobre o carmesim das faces, como as gotas de chuva que gelaram sobre as pétalas da rosa encarnada.

O duque via-lhe o tremor das veias do pescoço, onde o sangue repuxava como a fugir à lavareda que subia do estômago.

– Meu Deus, acabai a minha agonia!... duque, meu esposo, abrevia-me esta morte... antes um punhal...

Principiava a desfigurar-se. O escarlate desaparecera. Seguiu-se um verniz cor de barro: os músculos bucinadores retraíram-se, deixando sobressair os ossos da face apenas cobertos duma sombra verde-negra à feição do disco duma úlcera. As asas do nariz afilaram-se, como se a cartilagem que as divide se despregasse. Os lábios fenderam-se em golpes cor de chumbo, e a língua, que os humedecia, parecera tocada por um ferro em brasa. Já não tinham brilho os olhos, mas rolavam-se em vertigens, como desligados dos tendões, nas órbitas que pareciam descarnadas nos bordos. Em vinte minutos, o ácido sulfúrico fizera da formosa Branca uma horrível monstruosidade!

Vieram os vômitos. Eram tecidos membranosos que saíam envoltos em sangue. Era a membrana interna do estômago lacerada em pequenas porções. Eram as entranhas despedaçadas que se devolviam devoradas no fogo que lavrava na medula dos ossos.

E não se ouvia um grito. A agonizante coleava-se sobre o leito que rangia. Rasgava os cortinados em que fincava as mãos. Desconjuntava as articulações em posturas violentas... mas nem um brado de socorro!

E o duque parece que já tinha perdida a consciência do assassinio daquela infeliz. Não sabemos explicar o homem, se o considerarmos homem, neste momento. A alma retirara-se daquele cadáver.

Vieram as convulsões horríveis. Era o estertor.

Branca levantou o travesseiro. Tirou uma carta e ofereceu-a ao duque.

– Hás-de lê-la, meu marido... Já... não!... Logo... Agora... uma súplica... Dá-me aquela cruz...

O duque levantou a carta, que caíra da mão de Branca.

Acordou. A sua fisionomia tinha o impossível de descrever-se. Saiu do quarto precipitadamente, não ouvindo a súplica da cruz. Atravessou a casa despovoada, e não viu o sacerdote que entrou no quarto da duquesa, apenas ele saíra. Desceu ao pátio: esperavam-no os cavalos, com o escudeiro. O duque tirou da mão de Lefèvre um castiçal. Entrou num vasto armazém cheio de palha, que formava os baixos do antigo castelo de Cliton, separados por uma grossa parede do edifício fabricado cem anos antes. Chegou a luz à palha. Levantou-se uma lavareda. Montou a cavalo, com os hábitos domésticos: um farto casacão de veludo preto, e um boné do mesmo veludo,

bordado a ouro, com as armas de Cliton na copa.

O criado vestia a sua libré.

Era uma hora da noite.

O duque de Cliton galopava na encosta de Armagnac, onde encontrou o visconde que descia para Cliton, vendo as línguas de fogo que saíam do palácio.

– Que é isto, duque?

– Vamos a tua casa, meu amigo...

– Mas...

– Não te respondo a reflexão alguma... Segue-me.

XXXVII

O duque de Cliton, chegando a Armagnac, entrou na primeira sala, onde viu luz. Abriu a carta de Branca.

Leu:

«Quando o pressentimento da morte nos fala muitas vezes, não devemos desprezá-lo. Há três meses que este pressentimento me não deixa, e eu não posso ser superior ao receio que tenho de morrer sem que meu marido me possa ouvir, ou sem que eu tenha o ânimo de lhe dizer o que ele está lendo sobre a minha sepultura.

Meu marido é um anjo, tem sido um mártir, era digno de ser feliz, foi vítima, como eu, dalguma vontade superior, que eu não posso atribuir à divindade.

Eu fiz quanto humanamente se pode fazer por consolá-lo; mas as minhas consolações eram frias, quando ele precisava do meu coração, com todo o ardor da juventude, para consolar-se. Não pude, porque ele bem sabe que eu fui arrastada, e não podia fazer a felicidade que só dá o coração espontaneamente.

Ainda assim, pedi a Deus um novo coração, e fui, se não ouvida, ao menos, desde então, menos desgraçada. Converti as minhas lágrimas em abnegação de mim mesma: renunciei ao direito que tinha de ser livre; familiarizei-me com os sofrimentos de meu marido, dizendo comigo: um infeliz é para outro infeliz. Se não for eu, quem o consolará?

Enganei-me. Quando cedi a uma força que não era deste mundo, que não era minha, e disse a meu esposo, ao pai de minha filha, que o amava... encontrei-o incapaz de avaliar-me, cansado de mim, frio como um homem que nos despreza, mas delicado sempre como aquele que não sorri do coração, mas sabe a maneira de matar a esperança com um sorriso de afabilidade.

A esperança matou-me; mas, carinhoso com a sua graça de estátua que se não desfigura, chamava-me sua irmã, sua amiga, e... com isto... dava-se a sua vítima por indemnizada.

Assim vivíamos, sem a luz, sem o ar, sem sol da felicidade, quando nesta casa entrou um homem, que eu encarei com o susto de quem vê o seu algoz.

Era Ernesto Lacroze.

Não te aterre este nome, meu esposo! Ernesto Lacroze era o mensageiro de Deus. Veio dizer-me que me perdoava. Chamou-me sua irmã. Declarou-se o anjo tutelar da minha virtude, e ensinou-me a chorar com dignidade.

Chorei muito ao seu lado, e nunca os seus lábios proferiram uma palavra de queixa. Como podia ele queixar-se? O infeliz vinha despedir-se de mim, e queria perdoar-me para que o remorso não fosse depois a tribulação de toda a minha vida.

Este homem, que tu chamas o teu querido amigo, duque, é digno de o ser. A calúnia tem querido infamá-lo, mas uma convicção, que algum anjo bom te inspira, não consente que ele seja infame aos teus olhos.

Aqui tens um mártir digno de ti, pela semelhança das dores. Depois

da minha morte, não sei o que será dele. Não o abandones, porque eu creio que esse homem precisará do teu amparo, para se não deixar vencer do pensamento do suicídio, que é o seu constante pensamento.

Se é possível esta revelação indignar-te, não o despeças com desprezo do teu coração. Diz-lhe que te ensine a ser virtuoso; conta a tua filha a história desse homem, para que ela não perca a confiança na virtude, e caminhe sempre no direito caminho onde ela se encontra.

Faz que esse homem se não suicide, que tal morte viria, aos olhos do mundo, deslustrar-lhe uma vida gloriosa de padecimentos incríveis.

Não sei o que há entre nós, meu marido.

Leio a desconfiança ou desprezo nos teus olhos. Sei que a viscondessa de Namur me apregoa uma mulher aviltada até à última desonra, reflectindo em ti os meus desatinos. Perdoo à viscondessa de Namur os meus sofrimentos; mas não os teus.

As cartas anónimas vêm todos os dias. Hoje tomei a liberdade de roubar-te uma, e julguei as outras. D’Auvergne é o meu amante! Eis aqui como Deus permite que haja algozes que flagelam, sem punição neste mundo, os que devem ser mais depressa chamados à bem-aventurança. A religião é o meu amparo nestas angústias.

Eu quis dizer-te quem era d’Auvergne, mas Lacroze não mo consentiu. Se eu te dissesse, apressava-lhe a morte; porque ele protesta matar-se, quando tu o conheças, e o suspeites traidor, indigno da tua confiança...

Não sei o que está para acontecer... Lacroze acaba de dizer-me que a sua morte é necessária à minha tranquilidade... À minha tranquilidade? Ninguém me conheceu neste mundo! Quando se tem a face imaculada como a minha, pode-se dizer a um marido: “Fizeste-me perder um amigo, e eu morro, dizendo-te que não podia sobreviver-lhe.”

Reparo que foges de Lacroze. Pergunto-lhe que nova desgraça se anuncia, e ele responde-me que não há desgraças novas para nós.

Não sei o que será dele, de ti e de mim!

Cumpra-se a vontade de Deus!

Se alguma imprevista eventualidade fizer desgraçada minha filha, não a deixes abismar-se. A infeliz é a vergôntea dum tronco corroído de vermes: serão amaldiçoados os seus frutos.

Branca.

O visconde não perdia um gesto do duque, durante a leitura desta carta. Viu mudanças terríveis naquele semblante. Interrompeu-o, algumas vezes; mas um sinal de silêncio, com o braço trémulo, era a resposta.

Lida a carta o duque oscilava, fixando os olhos pávidos no visconde.

– Que é? Que mistério é este? – perguntou o visconde.

– Sou o assassino de minha mulher inocente!

– Assassino de tua mulher?

– Corre, que poderás salvá-la ainda... Envenenei-a... matei-a! Depressa, visconde... Pede-lhe de joelhos perdão... porque eu sei que vou endoudecer... Terei uma horrível morte... Não me desprezes, tu, visconde... Hei-de chamar-te da minha sepultura para me justificar perante a condenação dos homens...

– Chama-me da sepultura, e eu quebrarei a pedra para descer aos teus ossos...

Duque, só há uma condenação de Deus visível no homem... é o remorso... Melhor mil vezes te fora a morte...

O visconde correu a Cliton. O duque abriu uma janela, nem ele sabia com que fim. O clarão do incêndio deu-lhe à face um aspecto de condenado. Recuou. Não podia contemplar a sua obra. A porção do velho edifício de Cliton era presa das chamas, que, açoutadas pelos ventos, serpeavam por entre as frestas pontiagudas do velho solar dos Montforts. Pediam socorro as sinetas da capela de Cliton, e os camponeses, alarmados, convergiam das aldeias próximas com grande alarido.

O duque tinha descido para o pátio, sem intenção. Cobria-lhe a face um suor glacial. Tremia dum terror de criança. O quase esquecimento da vida, a embriaguez, o sonambulismo, a petrificação eram os caracteres significativos da demência, a não se ter antecipado o suicídio. Parece que nenhum objecto externo poderia ferir os olhos torvos daquele homem. Lefèvre viu o vulto; se lhe visse o semblante, não ousaria falar-lhe.

– Estão aqui os cavalos, senhor duque.

– Ah!... estão aí?...

E correu impetuosamente para eles. Montou com rapidez, e esporeou com frenesi na direcção de Angoulême. O criado seguiu-o.

O visconde chegara a Cliton. Atravessou a alameda por entre a multidão de povo, que viera em socorro ao toque das sinetas. O incêndio não pudera estender-se à parte do palácio onde os senhores donatários residiam. A parede que dividia o antigo do moderno era cantaria duma grossura impenetrável, que, em tempos de feudalismo, formara a fachada do castelo.

Entrou, e correu ao quarto da duquesa. Sentiu-se esvair de terror, encarando-a sem sinais alguns da mulher que vira um dia antes. Os globos dos olhos tinham saltado das suas prisões musculares, e saíam fora das órbitas. Estava de joelhos sobre a cama, amparando-se no pescoço do sacerdote, cujas forças não sustinham já o estertor convulsivo da agonizante.

O visconde queria chamá-la, porque a duquesa decerto o não vira, suposto voltasse para ele muitas vezes, na inquietação dos paroxismos, a face onde parecia terem os vermes corroído todos os sinais. Queria chamá-la, mas a surpresa não o deixava falar...

– Estais aqui, senhor visconde? – disse La Croix.

– Visconde!... – exclamou quase imperceptivelmente a duquesa – é o visconde de Armagnac? Eu já não vejo... vinde cá, meu amigo... Olhai que morte eu tive!... Não falais?...

O visconde tomou-lhe a mão, e cobriu-a de lágrimas. Branca sentiu-as, e lançou-lhe o braço em volta do pescoço.

– Chorais, meu amigo!

– O médico!... – bradou o visconde. – Onde está o médico?

– Para quê? É tudo inútil...

– O duque quer que vos salvem... Onde está o médico, padre La Croix?

– Foi expulso pelo duque.

– Chamai-o... ide... depressa...

– Não vades... – disse a duquesa. – Estou morta...

– Podeis ainda ser salva... Deixai-o ir... Senão, eu vou...

– Não... Sei que me não encontrareis viva... Olhai...

– Que é... que quereis dizer-me?

– Perdo... ..

– Perdoais?... a vosso marido? Preciso ajoelhar-me, porque é assim que ele vos manda pedir perdão... Diz que vos matara inocente...

- Diz?... Foi ele, que o disse?
- Foi... foi ele, acabando de ler, em minha casa, uma carta vossa.
- Graças, meu Deus!... Morro feliz!... Dizei-lhe que lhe perdoei...

O visconde sentiu deslaçar-se o braço que lhe cingia com violento frenesi o pescoço. Recebeu nos braços um corpo inerte, e ouviu o último suspiro de Branca. O sacerdote estava de joelhos diante do crucifixo com as mãos erguidas encostadas aos lábios.

Ouviram-se passos precipitados na sala próxima.

A porta do quarto estava aberta. O visconde voltou-se, quando os passos eram já dentro do quarto. Esperava ver o duque. Era Ernesto Lacroze.

Este homem aproximou-se do leito, ainda trémulo do estertor de Branca. Não lhe vira a face, que uma guarnição do chambre casualmente envolvera, quando caiu morta nos braços do visconde.

- Dorme? – perguntou ele.
- Se dorme!... disse o visconde.
- Sim... ou está desmaiada? – replicou Lacroze.
- Está morta – disse o padre, sem voltar o rosto à pergunta.

Ernesto descobriu-lhe a face, com uma serenidade impossível de explicar-se pelos termos com que semelhantes lances se nos afiguram. Havia ali uma dúvida naquele brando movimento, naquele silêncio inconcebível. Era o braço que se movia; mas a alma não o mandava. Essa, retraíra-se, como cerrada num túmulo de aflições. Já vistas entre duas vagas encontradas, sobre um lençol de espuma que elas deixam repelindo-se, parar um baixel, que parece entorpecido em calmaria, até que elas vêm de novo, e o despedaçam entre si? Não posso conceber doutro modo Ernesto Lacroze. Essa serenidade augusta, esse belo horrível de torpor moral, esse silêncio... era o movimento tranquilo do baixel que as duas ondas vão rolar consigo à profundidade do abismo.

O visconde não o compreendia melhor que nós. Esperava alguma pergunta, e não lhe fora feita nenhuma.

Ernesto Lacroze pusera a mão sobre o coração de Branca, e alguma coisa dissera... mas que palavra foi essa?

E saíra.

Nas escadas encontrara um vulto, que lhe disse:

- Senhor visconde!
- Não sou.
- Ah! sois o senhor de Auvergne... Fazeis favor de me dizer se ele cá está, o senhor visconde?

– Está.

– Vinha dizer-lhe que o senhor duque saiu de lá a toda a pressa, e ele recomendou-me que o não deixasse ir a sala de armas.

- O senhor duque de Cliton?... saiu a cavalo?
- Sim, senhor.
- Que caminho tomou?
- O de Angoulême.

Lacroze partiu para Angoulême.

XXXVIII

O amante de Branca de Clermont, às três horas da manhã, chegara a Angoulême. Sabia que procurava o duque de Cliton; mas não previa que vestígios deviam guiá-lo nessa busca incerta.

Achou-se numa grande cidade, sem indução alguma que lhe designasse a passagem provável do marido de Branca. Retrocedeu às portas da cidade, e perguntou se ali passara um cavaleiro.

– Dous vi eu – disse o guarda-fiscal.

– Conhecestes algum?

– Penso que os conheci ambos pelo escudeiro. Se não era o duque de Cliton, era o diabo por ele. Passou há ainda hora e meia.

Lacroze imaginou que era procurado em sua casa, num burgo distante de Angoulême um quarto de légua.

Voou impelido pela ânsia duma vingança pronta, porque VINGANÇA foi a palavra que ele disse ao ouvido do cadáver de Branca.

Em sua casa, dormiam os criados tranquilamente. Ninguém o tinha procurado. Mudou de cavalo e tornou a Angoulême.

Raiava a manhã.

Informou-se em todas as avenidas da cidade; soube que um cavaleiro com lacaio, às duas horas, passara na barreira que se abre na estrada real de Jarnac. Partiu. A duas léguas distante, viu um cavalo morto: conheceu que era o do duque. Duas horas depois, perguntava em Jarnac pelo cavaleiro. Disseram-lhe que se demorara ali comprando um cavalo, porque o seu lhe morrera, e partira duas horas antes na direcção de Rochefort, dezasseis léguas distante.

Rochefort é um porto de mar. Lacroze entendeu que o duque fugia, e perdeu, um momento, a esperança de alcançá-lo.

Em todas as povoações o informavam de que o duque passara duas horas antes: era um avanço de quatro léguas.

Além do rio Charente, está uma estalagem na orla da montanha, isolada, quase escondida pelos castanheiros seculares que lhe formavam uma abóbada de folhagem.

Ernesto Lacroze estava exausto. O vigor do ódio não acha sempre sujeitas as forças do corpo. A alma tinha a actividade da desesperação; mas a lassidão dos membros, o jejum de muitas horas, e a própria consumpção da angústia, que o tornara febril, não o deixavam, sem risco de vida, passar dali.

Lacroze atirou-se sobre uma cama, recomendando o tratamento do cavalo, que devia sair algumas horas depois.

Enquanto ele repousa, nesse meio sono, meio delírio do aturdimento do espírito e da matéria, vejamos que distância o separa da vítima.

Em onze horas, o duque de Cliton vencera vinte e cinco léguas, que tanto dista de Angoulême a Rochefort.

Em uma estalagem dos subúrbios desta cidade, chamou Lefèvre, o velho escudeiro da sua infância, e pediu-lhe os seus vestidos, trocando por eles o seu casaco de veludo, o seu boné matizado a ouro, e os seus sapatos de pele de lontra com broches de madrepérola. O escudeiro explicou a troca por um desarranjo mental na cabeça de seu pobre amo. Vestido, porém, o seu formato era de um ridículo tão insinuante, que a dona da estalagem, ao vê-lo perpassar, perguntou se algum baile carnavalesco se dava, antes de tempo, em Rochefort. Lefèvre fizera rir a estalajadeira, quando as lágrimas lhe caíram quatro a quatro. Seu amo despedira-o com estas palavras:

– Despeço-te de meu serviço, Lefèvre. Aqui tens dois mil francos. Dou-te esses cavalos em que viemos. Não nos veremos mais... Recompensa-me a estima com que te tenho tratado, não dizendo a alguém que caminho sigo. Faz a tua residência em Angoulême. Se algum dia eu precisar de ti, escrever-te-ei.

O duque entrou em Rochefort. Um navio mercantil holandês saía para Inglaterra, uma hora depois. O duque de Cliton tirara um passaporte que lhe custara dois mil francos, porque era necessário vencer, com o dinheiro, as formalidades da lei e as vigilâncias que, particularmente nessa época, sindicavam os passageiros de França para Inglaterra.

O passaporte era concedido a Sebastião de Melo, português, droguista, residente em Lisboa, que viajava para fins comerciais.

Entretanto, Lefèvre desfez-se dum cavalo que lhe era penoso na volta, e desfizera-se da túnica de veludo, que lhe dava um aspecto fúnebre de pintor grego, se pudesse trocá-la por algum outro costume que não fosse o dos aldeões onde se achava nutrindo a sincera hilaridade.

Na noite desse dia, chegou à estalagem de Charente, e exigiu, com soberana altivez, um quarto. Os estalajadeiros perguntaram-lhe se ele ali passara ao escurecer do dia anterior. Lefèvre mentiu, dizendo que não, para assim desviar suspeitas do destino de seu amo, por quem sentia ainda uma tal ou qual saudade em decadência. Dous mil francos, oitenta dum cavalo, e outros tantos em perspectiva, neutralizavam-lhe a dor da ausência. E demais Lefèvre não tinha as pieguices das organizações sentimentais.

– Queria dar-vos – disse o estalajadeiro – o quarto do sobrado que é caiado, mas está lá um senhor, que chegou aqui doente ontem à tarde, e lá está ardendo em febre. Não quer cirurgião, e eu acho que ele está mais para receber um padre, que um cirurgião. Não tendes remédio senão ficar em estoutro quarto, que também não é mau: a ceia ca vos vira...

– Não quero ceia, nem me importuneis até amanhã. Pensai-me bem o cavalo, e levai essa luz que eu quero dormir. Dizei ao alma do diabo do estafete que faça acomodar o burro, que toca as campainhas. Fechai a porta por fora, e deixai ficar meia chave para cá e meia para lá por baixo da porta. Olhai lá, os ladrões costumam atacar o vosso alpendre?

– Não, meu senhor. E cousa que não consta desde que meu avô se estabeleceu aqui, há mais de cento e catorze anos.

– Estimo muito conhecer o vosso avô. Boas-noites.

O estalajadeiro tinha ouvido o som da campainha no quarto de Lacroze.

Acudiu apressadamente, e viu-o sentado sobre o leito.

– Como estais, meu senhor?

– Estou melhor. Dai-me alguma cousa de comer.

– Tendes um caldo de galinha às vossas ordens.

– E mandai-me aparelhar o cavalo. Comeu ele bem?

– Perfeitamente. E um cavalo duma vez. Não fica a dever nada ao de um figurão que entrou há pouco. Acho que é dos tais que pesam; mas assim me Deus salve, que eu supus que não era homem destes remos pelo vestido que traz. Traz uma cousa de veludo, assim à maneira da túnica dum padre, e um boné de veludo, com muitas trapalhadas de ouro e umas armas reais no alto. Enquanto a mim, é cousa de marquês lá de Angoulême, que vai visitar as fortificações de Rochefort...

– Ele vai ou vem de Rochefort?

– Também vos não sei dizer. Ele entrou por aí dentro, quanto eu estava na cozinha, e não disse se ia ou vinha de Rochefort.

– Que idade tem?

- Deve ter pouco mais ou menos trinta anos.
- E a figura?
- É bem apessoado, e tem maneiras nobres. Os olhos são negros como azeviche, e está um pouco amarelo do cansaço da jornada.
- Veio só?
- Só com o cavalo.
- Deixais-me ver o cavalo?
- Se podeis vir cá baixo à estrebaria...
- Vou.

Lacroze, apenas viu o cavalo, encostou-se no bordo da manjedoura, e empalideceu de modo que o estalajadeiro botou-lhe a mão a um braço.

- Fez-vos mal vir cá abaixo... Tornemos para cima... Isto foi uma imprudência.
- Vamos... – disse Lacroze, desprezando o apoio que lhe dava o admirador do barrete de Lefèvre.

Entraram, outra vez, no quarto.

- Quereis ganhar cinquenta francos? – disse o amante de Branca.
- Se forem ganhos em boa consciência...
- Eu imagino que o cavalheiro que tendes em casa, é um meu amigo, e eu queria pregar-lhe uma peça...
- Sim? Então dizei lá o que quereis.
- Podeis arranjar-me o boné para eu o reconhecer?...
- Eu vos digo... Deixemo-lo adormecer; e, daqui a bocado, eu abro a porta muito devagarinho, entro no quarto, pé ante pé, e trago-vos o boné e até a tal vestimenta negra, se quiserdes ver.

– Aqui tendes cinquenta francos.

– Nada, não aceito... não vale a pena por tão pequeno serviço... Eu cuidei que era outra cousa...

– Pois então aceitai-os pelo bom tratamento que vos devo, e que não há dinheiro que o pague.

– Isso agora... enfim... como o outro que diz, mal parece a gente fazer-se rica, quando sabe Deus o que por cá vai... Vós que me dais este dinheiro é porque tendes muito; e, além disso, quando as mercês se fazem com tanta delicadeza, mau coração tem aquele que as não aceita...

– E verdade, meu amigo. Olhai lá... assim que vires que o homem dorme.

– Ora esperai... eu vou escutar no buraco da chave... e se ele rressonar...

– Ide... ide...

As feições de Lacroze estavam horrivelmente excitadas. A exaltação do ódio dá, às vezes, um belo colorido de sangue na tez pálida do sofrimento. O estalajadeiro veio encontrá-lo, curvado sobre a cama com a face escondida entre as mãos.

– Estais pior, senhor?

– Não... Dorme?

– A bom dormir; rressona como um cevado...

– E possível que ele durma? – dizia-se Lacroze. –Estarei eu enganado!... O assassino adormece!...

– Em que pensais? Parece-me que vos torna a febre...

– Não é febre... é uma irrupção de sangue causada pela fadiga... Ides buscar o boné?

– Agora mesmo... Deixai aqui ficar esta luz...

O estalajadeiro foi feliz no seu programa. Lefèvre nem um momento cortou o rressonar profundo.

– Aqui tendes o boné... e os sapatos. Não trago a gualdrapa porque a botou por cima dele, e não quero acordá-lo... Então, senhor? Parece que vos faz mal a vista destas cousas!?

– É o tal vosso amigo?

– Não... enganei-me.

– Pois sinto-o bem!... Posso ir lá pôr isto?

– Podeis...

Lacroze estava convencido de que ao pé de si estava o duque de Cliton. O cavalo era o dele. O boné com as armas de Cliton era o seu. Os sapatos de pele de lontra, com broches de madrepérola, eram semelhantes aos de Branca. Mas o assassino dormia com a tranquilidade de um justo! Que alegria não era a daquele homem que se embalara ao som dos derradeiros gritos da sua vítima!

.....

– Quereis que prepare o cavalo? – perguntou o dono da estalagem.
 – Não... não me sinto com forças, nem me atrevo a andar só por estes caminhos.
 – Tendes muito juízo; não saíreis de minha casa sem estardes restabelecido. Se quereis escrever para a vossa família o correio está lá em baixo, e lança-vos a carta na caixa de Angoulême...

– Pois sim... esperai...

Ernesto Lacroze escreveu a seguinte carta:

Meu bom visconde.

Ide a minha casa; despedi os meus criados; tomai conta dalguns mil francos, que encontrareis na minha escrivaninha, e remetei-os a minhas irmãs, em Paris, Rua de Voltaire, nº56. Queimai dois maços de cartas, que encontrareis com estas letras: B. de C. Quando receberdes estas linhas, já não vivem o duque de Cliton, e

Ernesto Lacroze.

*Ao visconde de Armagnac
 – por Angoulême.*

– Entregai esta carta ao correio, para que a lance em Angoulême. Prometeis cumprir?

– Eu vou já lá antes que ele adormeça.

.....

É meia-noite.

Ernesto Lacroze atravessa um curto corredor. Na mão esquerda leva um castiçal em que bruxuleiam os últimos lampejos duma vela. Um sopro de vento extingue-lhe a luz, quando ele ajusta o ouvido ao orifício da fechadura. Lacroze está em cerrada escuridão. Corre a mão ao longo dos alizares da porta, e encontra uma chave. Roda com ela subtilmente na fechadura, e entra no quarto. Pára, escutando a respiração, que deve guiar-lhe os passos. Depois, caminha com os braços estendidos, e encontra um obstáculo na ponta do pé. Curva-se, palpando, e depara os pés torneados dum leito. Cinge-se

ao longo desse leito. Sente-se vibrado por calefrios, e a mão direita, que traz um punhal, mal pode sustê-lo. Abre os olhos nas trevas, e vê as contorções de Branca, recorda-se da palavra «vingança», com a mão sobre o coração dum cadáver, e os terrores dissipam-se, as câibras cedem ao incêndio do rancor, o instinto nobre recua espavorido ao juramento do assassino. Estende o braço esquerdo sobre o leito... Encontra um braço nu, calcula a direcção do punhal... desce-o... Há um ranger de costelas no ferro... Um grito surdo... um segundo grito cortado na garganta pela lâmina, e o estertor duma agonia silenciosa, e os golpes sucessivos indistintamente sobre um cadáver.

Depois... era profundo o silêncio... Ernesto Lacroze sondou o pulso morto da sua vítima.

– Cumpriu-se... – murmurou com um sorriso feroz.

Seguiu-se um estrondo no pavimento. O estalajadeiro acordado por sua mulher, fitou o ouvido, e pareceu-lhe ouvir um rolar de corpo no chão.

Veio acima.

Encontrou um cadáver sobre o sobrado. Reconheceu o hóspede que lhe dera cinquenta francos.

Gritou, porque a candeia lhe caíra das mãos.

Acudiu sua mulher e criados.

Houve um grito de muitas vozes, quando viram sobre o leito a face de Lefèvre, cortada de modo que se lhe não conhecia uma só feição. Era uma úlcera toda ela.

.....

As autoridades de Angoulême declararam que não puderam reconhecer em um dos cadáveres o duque de Cliton; mas juraram que o outro era o cavalheiro de Auvergne. Porém o visconde de Armagnac, autorizado pela carta de Lacroze, declarou, suposto não visse o cadáver, que um dos mortos era o duque de Cliton.

Dez dias depois, um caixão de chumbo conduzia ao carneiro dos Montforts, na capela de Cliton, o cadáver, que foi depositado a par do de Branca de Clermont.

Elisa, duquesa de Cliton, e Artur, duque de Clermont aquela de dez meses e meio, e este com quinze dias de idade, foram conduzidos a Paris, por ordem do imperador.

Os jornais do tempo calaram a catástrofe.

O palácio de Cliton foi confiado à guarda do padre La Croix, que lhe tinha o amor de trinta anos de residência. No quarto da duquesa, porém, nunca ele entrou, nem consentiu que alguém entrasse. O copo do veneno ficou à cabeceira do leito. Os lençóis que receberam o suor da agonia, nunca foram tocados. Um raio de sol nunca penetrou aquelas trevas, que pareciam contar, com o seu silêncio fúnebre uma história horrível.

E o povo, desde esse dia, conta visões pavorosas, e ao cair da noite, foge das redondezas daquela casa, cuja capela se alumia a horas mortas, para celebrar um festim de mortos, que muitos afiançam ter visto.

XXXIX

Sebastião de Melo vaga sozinho na face do mundo.

A expiação principia.

Sobre o oceano, escrevia ele a primeira página do *Livro Negro*, seis dias depois que o seu nome era gravado sobre uma lápide mortuária.

É esta:

Existes, Providência? Onde estavas quando eu matei uma inocente? Se não tinhas forças para suster o meu braço, porque te impões à humanidade? Se as tinhas, porque não voltaste sobre os lábios do algoz o veneno que queimou as entranhas da vítima?

Que és tu, fantasma que aterra o fraco? Onde te escondes, justiça eterna, que vês impassível o estertor de um anjo que te invoca em testemunho da sua inocência?

Como é compatível a minha existência contigo, Deus! Ou eu sobre a terra com a face manchada de sangue, ou tu, no céu escarnecendo a criatura, que fizeste à tua semelhança!

Dou-te eu muita honra, criador? Das tuas mãos sai o assassino sem punição, e a mártir sem um refúgio em ti?

Se tu és o árbitro, porque envenenaste aquela inocente? Se o crime é a fatalidade, para que deste ao homem o remorso?

Desce do teu pedestal, fantasma! No dia em que tu não existires, a razão do homem expulsar-te-á das cousas humanas, e o crime não terá a coragem de te insultar como inútil juiz que não castiga, se as leis não punem!

Mas o remorso!...

Que é isto que me despedaça? Que desejo de morte é este, e que braço invisível me sustém pelos cabelos?

Eu vivo ainda! Diante de meus olhos é tudo negro. A palavra “esperança” é um insulto à minha agonia. Perdi o ser moral. Não tenho contacto nenhum com a humanidade... e vivo! e ouço uma voz que me diz: “Não morrerás, não morrerás!”

Não morrerei! Quem me proíbe?... Sou eu que não tenho a coragem de aniquilar-me! Sou eu o covarde matador! Sou eu, que perdi a memória da honra, e hei-de oferecer-me como carrasco à justiça dos homens.

Pois bem! Afastai-vos de mim, que eu só posso morrer afogado numa onda de sangue!

.....

A pena caíra-lhe da mão. A face, contraída em horríveis trejeitos, impressionara um passageiro, que o contemplava do beliche, com admiração e interesse.

– O capitão – disse o do beliche em mau francês, de modo que não podia ser ouvido por Sebastião de Melo – está acolá aquele homem a escrever com um aspecto tão carrancudo que me faz lembrar Colombo, quando se julgava perdido, e mandava ao mundo a notícia das suas descobertas dentro duma garrafa. Não me sabereis dizer se aquele mágico fala alguma língua viva? Há vinte e quatro horas que navegamos, e dou-vos a minha palavra de honra que lhe não ouvi ainda milésima fracção duma palavra de duas sílabas.

– Posso afiançar-vos que fala muitas línguas. Perguntei-lhe se queria cerveja, ou aguardente, e respondeu-me em inglês que não. Ao prático, que é francês, perguntou-lhe quantos dias tínhamos de viagem às costas de Inglaterra. A um grumete alemão, que o mandou retirar de noite da tolda, porque o viu em ar de quem quer atirar-se ao mar, disse-lhe em alemão que se calasse. O que eu não sei, é se ele fala o vosso espanhol. Português é de crer que fale, que declara o passaporte que é um comerciante de Portugal.

– Pois aquele homem é português!? Viva a península! Tende a bondade de lhe dizer... senão eu vou lá pessoalmente...

E o espanhol atirou-se fora do beliche, calçou um sapato, e dispensou o outro, que não encontrou. Sentou-se defronte de Sebastião de Melo, e pediu uma garrafa de conhaque e copos. Encheu três copos: ofereceu um ao capitão, e outro ao companheiro de viagem, que parecia indiferente ao alvoroço que o espanhol fazia, tocando tambor sobre a mesa, e acompanhando com os calcanhares o improvisado ruído das mãos.

– Companheiro! bebo à saúde de Portugal! – disse o turbulento espanhol, oferecendo o cálix a Sebastião de Melo, que lhe fez um quase imperceptível aceno de cabeça.

– Se sois português – continuou o entusiasta bebedor de conhaque –, não deveis ser indiferente à sorte da Espanha, neste momento em que se abraça com Portugal para debelarem o inimigo comum.

– Permita – disse Melo em português – que eu seja indiferente às suas ovações patrióticas, Não me importa Espanha nem Portugal.

– Se lhe não importa, nem a mim. Então bebo à sua saúde.

– Agradeço... à sua saúde, senhor! – E tocou ligeiramente no cálix.

O capitão, que os não percebia, retira-se.

– Como se chama, amigo?

– Sebastião de Melo.

– Eu sou Teodorico de Montezuma, natural deste planeta, e com esperança de encontrar brevemente um outro melhor, porque este em que vivemos não presta para nada. Houve outrora em Espanha um rei que quis reformar esta máquina, que revela bem o pouco adiantamento das artes, quando foi feita. Não conseguiu nada, e eu já agora creio que morro qualquer dia gritando o fatal HEURECA à hora da morte. O senhor sabe quem era Arquimedes?

– Penso que sei... – respondeu Sebastião de Melo, forçado a prestar atenção à verbosidade confusa do espanhol.

– Era um grande parvo, com licença de todos os matemáticos que vieram depois, não exceptuando Newton, cujas descobertas valem menos que a maçã que lhe caiu no nariz. Um homem que gasta a sua vida a devorar a paciência em conjecturas científicas devia ter um Torquemada à perna, e eu, que me honro de ser neto dum judeu que o Torquemada queimou, não se me dava de ser provisoriamente o inquisidor de todos os fazedores de livros filosóficos, científicos, didáticos, jurídicos, teológicos, e toda essa caterva de esdrúxulos, que são os algozes da razão pura com que todos viemos a este mundo, para vivermos em boa harmonia de estúpidos e selvagens. Maldito seja Guttemberg, que inventou as letras! Abençoado seja o cidadão prestante que mandou aquecer os banhos públicos com a biblioteca de Alexandria! Abençoado o Vesúvio, que absorveu Plínio, esse insolente rabiscador de latim! Maldito Homero que cantarolava em Cumas as rapsódias com que fui moído em Madrid! Abençoado Virgílio, que mandava queimar esse cáustico poético com que me abriu chagas na paciência um grande tratante frade franciscano, que teve a audácia de me dizer que a língua latina era melodiosa. Maldito vinho de Falerno, que produziu Horácio! Maldita indignação, que

produziu Juvenal! Maldito amor, que produziu Petrarca. Sobre a terra há um só homem digno das bênçãos universais: é o inventor do conhaque! *Idem*: à vossa saúde, senhor Sebastião de Melo!

Montezuma bebeu o quarto copo, e continuou:

– Que ideia faz de mim, amigo?

– A melhor possível.

– Nada de cerimónia! Se me chama pedante, vou-lhe meter cordialmente, num abraço de Eneias e Acates, de Teseu e Pirítoos duas costelas dentro. Fale sério! O senhor imagina-me o primeiro tolo de Espanha!

– Não posso fazer tal juízo... sinto, porém, não ter a disposição necessária para apreciar a sua conversação.

– Pois há-de ouvir-me, porque eu simpatizo com a sua palidez, e ando por este mundo, como o meu honrado patrício da Mancha, a verter o bálsamo da consolação nas chagas da alma. O senhor Sebastião de Melo sofre? Há-de perdoar a franqueza; mas eu vi-lhe aí há pouco nessa bela cara uns sulcos de desespero que me tocaram certa corda onde não chega a influência desmoralizadora do conhaque. O senhor há-de ser meu amigo; e, se não quer ser meu amigo, há-de conversar com os companheiros de viagem, como homem delicado. Felizmente a nossa língua é como os caracteres cuneiformes para esta gente. Podemos conversar em voz alta, na presença destes bárbaros do Norte. Ora, diga-me: deixou em terra alguma dessas raparigas de olhos azuis de Rochefort?

– Atormenta-me, senhor... Peço-lhe obsequiosamente o seu silêncio. Respeito à desgraça!

– Sim... Respeito à desgraça; mas consolação ao desgraçado.

– Não a quero.

– Nem eu lha poderei dar. Eu sei que se cavam abismos na alma, onde não chega o raio de luz de esperança. Sei que é uma loucura pôr a mão no ombro de um homem que se curva sobre a terra cavando com as mãos uma sepultura. Sei que é uma vaidade importuna querer criar um dia artificial na noite eterna do espírito. Vê que sou um homem com dois entes diversos? Vê como desaparece o riso emprestado do cinismo, quando as lágrimas saltam dos olhos deixando no coração abertas as chagas por onde saíram? Errou, se me viu pelos olhos com que o mundo me vê. Duas palavras suas disseram-me que estava defronte de mim um ente que expia as imperfeições da sociedade, uma vítima que entrou no seio dela com a auréola do martírio, uma dessas hóstias que se oferecem ao sacrifício de Moloch, que as recebe nas suas entranhas de fogo. Os seus olhos irradiam-se, Melo! Eu creio que toquei a sua alma! Está-se aí passando alguma cousa extraordinária! Crê na Providência?

– Não.

– Creia. Dous desgraçados não se aproximam, conduzidos pelo acaso. Caminhávamos a par, e encontramos-nos aqui.

– Que importa o nosso encontro? Se é desgraçado, cale-se com a sua dor, que a minha não respira.

– Eu não lhe peço confidências, nem lhas ofereço, cavalheiro. O que eu não quero é que não sejamos absolutamente estranhos um ao outro. Tem um destino qualquer?

– Nenhum.

– Seremos, portanto, companheiros neste deserto:

sabe que há um remédio no mundo para toda a casta de dores?

– Creio que não... a não ser o suicídio.

– E o suicídio lento... Morre-se com a cabeça atordoada de belas visões, e de visões do inferno. Não conhece esta arma?

– Não.

– É a embriaguez. Sebastião de Melo, habitue-se a embriaguez. Opere em si uma lenta desorganização. Alucine-se, até sair de si, até rasgar a órbita negra que o cinge. Na minha dor, que me rouba o senso íntimo da dignidade, já não há vergonha do mundo, nem medo do escárnio. Eu sou menos infeliz, sou fantasticamente ditoso, quando me sinto cair aturdido. O jogo e a devassidão não podem nada sobre mim. O ópio já me não embriaga. E isto... é o conhaque, é o álcool, é o absinto que me queima as entranhas, mas sopra uma lavareda a esquentar-me o cérebro. Sinto baterem as bossas frontais. Sinto o sangue em ebulição nas artérias. Corre-me uma faísca de fogo além do canal em que verto a morte... Que me importa? O meu espírito é outro. Os meus lábios fremem a gargalhada do desprezo pelo infortúnio dos outros. Anseiam-me desejos duma voluptuosidade calcinante. Canto não sei que fantasias que me fazem verter lágrimas deliciosas. Danço abraçado a um fantasma, a um cadáver de mulher, que arranquei dum túmulo. Refresco os meus lábios ardentes nos seus lábios de gelo. Enlaço os meus braços palpitantes de gozo aos contornos secos, descarnados, dos seus, retesos do orgasmo da morte... Isto é encantador!...

Montezuma soltou uma estridente risada, e emborcou a garrafa do conhaque.

Sebastião de Melo encarava-o com pasmo e terror.

Montezuma continuou:

– Daqui a momentos, tem diante de si o primeiro infeliz desafiando a felicidade do primeiro sonhador de venturas, que nunca lhe mentiram. E assim que morre o homem matando a dor. As roscas da serpente cairão despedaçadas!... Que importa cair exausto sobre elas!... O mundo é infame! Eu já lancei à Providência uma luva: ergueu-a um frade, que tinha o peito frio como o pedaço de mármore que Nero mandou pôr sobre o coração do seu cavalo. Explicou-me o sofrimento pela teologia! Frade maldito! Tu zombavas de mim!... O homem é o escândalo da criação! é o vilipêndio do último dia do Génesis! Ao sétimo, Jeová descansou... diz Moisés! Não descansou... arrependeu-se! Sabes tu, dizer-me, amigo, o que é a presciência divina? Pois o frade foi vencido no repto! Eu tenho a presciência de que faço um monstro, e dou ao monstro o sopro da vida! Deixemo-nos de Providência! Glória ao conhaque nas alturas!... Quantos anos tens? Não respondes?!

– Tenho trinta anos.

– E eu vinte e nove! Que sabes tu mais que eu? Ensina-me aí o antro onde se esconde a virtude! Dou-te os jardins de Armida e o palácio de Salomão, se me trazes aqui a virtude por uma orelha! Sabes tu que eu já fui virtuoso? Ora!... Que conhaque é este?! Faltam-me aqui as minhas visões... Tu afugentas a felicidade, português! És contagioso! Sai desse abatimento!... Deixa-me, que me matas com esse aspecto patibular! Não há crime que valha um remorso, porque o homem é o algoz do homem! Vê se eu tenho na frente o estigma da reprovação! Pois tens, diante de ti, o assassino de seu pai! Pergunta aos Atenienses onde está o patíbulo do parricida! Não o há... Mata-se o homem que te furta um bocado de pão! atira-se às hienas e aos tigres o homem que mata o seu inimigo... e, debaixo do céu, voga com vento próspero a tábua que conduz o parricida...

Um criado de Montezuma desceu à câmara, e tomou seu amo pelo braço, puxando-o para o beliche.

– Deixa-me! – bradou ele, repelindo-o.

O criado dirigiu-se a Sebastião de Melo:

– Peço-lhe, senhor, a mercê de retirar-se daqui... A sua presença é perigosa a este desgraçado...

Montezuma sentara-se, forçado pelo velho criado.

Sebastião de Melo passeava no tombadilho, com a barba apoiada sobre as mãos

enlaçadas.

A marinhagem, julgando-o doudo, contemplava-o com visagens de compaixão.

XL

PÁGINAS TEXTUAIS DO LIVRO NEGRO

(1809 – Grécia)

«Perguntei a Montezuma, nas costas de Inglaterra, que destino tinha. Respondeu-me:

– Nenhum. Tenho algumas onças no bolso: quando elas se acabarem, morro de fome.

– Não morrerá de fome. Como o nosso banquete é de lágrimas, seremos convivas.

– De lágrimas não. Creio que ainda me não viu chorar.

– Há-de chorar. Quando se não caí morto debaixo do golpe, vive-se para o remorso, e as lágrimas são o desafogo do homem que não perdeu o instinto do bem. Para o criminoso incorrigível, a recordação do crime é uma acusação que não ofende; mas eu vejo que Montezuma procura o esquecimento na embriaguez. Que tem conseguido?

– Nada para a alma; mas o corpo dissolve-se; as amarras que me atam ao cadafalso vão partir-se. A emancipação do mártir... é a morte.

– Do mártir! Como pode dar-se um título que só pertence ao homem que os outros flagelam injustamente?

– Posso, porque o fui, porque o sou...

Sebastião de Melo, que lhe ouvira, dias antes, uma revelação de parricida no afogo da embriaguez, não compreendeu esta queixa amarga do parricida contra a injustiça do seu remorso. Porventura aquela acusação seria um devaneio ébrio?

– Acredita na simpatia do sofrimento? Vejo que não há uma dor suprema. São todas maiores ou menores. O desgraçado encontra outro. Qual de nós o será mais?

– Não sei, Sebastião de Melo... Desde que encosto a cabeça ao seu seio, sinto-me melhor. Se é um virtuoso, sabe o segredo de suavizar os últimos dias do padecente. Dou-lhe a afeição que o condenado tem ao padre que o acompanha ao patíbulo. Vejo que me não fala em esperança. Fugir-lhe-ia, como dum impostor, se me mandasse esperar.

– E quem sabe? Eu sinto-me chamado a não sei que martírios, que me hão-de dar consolação na morte. A expiação talvez depure a alma do remorso, e a purifique como ela foi antes do crime. Quem faz uma infâmia com a certeza de que a faz, e colhe a ignominia, onde esperava colher o respeito, esse tal mata-se. Mas o crime involuntário, a vingança injusta, e o arrependimento imediato, não aconselham o suicídio, fortalecem o coração para todos os tormentos, abrem-no para refúgio de todos os infortúnios, queimam-lhe o cancro roedor pouco a pouco com o fogo vivo do remorso.

– Não compreendo as suas doutrinas, Melo... O homem que se arrasta sobre espinhos não ergue assim a face para cousas que tocam no céu. Ai há um sentimento religioso que eu não tenho. Eu não invoco Deus para as minhas dores.

– E eu caí de joelhos, invocando o perdão de um anjo... Ergui as mãos convulsas de fervor, como aos seis anos; mas a devoção dos seis anos não era a fé. O desesperado, que não tem nada na terra, quer por força que exista um Deus. A sua fé tem o frenesi do fanatismo. A sua alma, cheia das impurezas do crime, converte-se em santuário, onde deve brilhar uma luz de aliança entre o remorso e o perdão. No momento em que orava, não sei dizer-lhe o que senti... O anjo da piedade ergueu-se entre mim e o túmulo... Parece que uma voz me dizia: “Longa e arrastada será a tua existência; provarás todas

as dores; e esquecerás a tua, tomando sobre teus ombros a cruz dos outros. Terás o teu calvário, por fim; mas a tua agonia será serena como a do justo. A imagem da mulher que...”

– Falou em imagem de mulher... – disse Montezuma, ansioso pelo segredo que nunca devera ouvir-me. – Há uma mulher... e uma mortalha nos seus sofrimentos?

– Há... não me pergunte mais nada...

– Não perguntarei... Para quê? Há dores egoístas, que não se mitigam em presença doutras maiores... Basta... Sabe que não posso ouvi-lo? Há em si um toque sobrenatural, que não é esse tormento sombrio que me chamou... essa profunda chaga em que eu vi a morte... Não tente dar a paz à alma que se deleita vertiginosamente em todos os infernos... Olá – exclamou ele com ímpeto – traz-me conhaque!

.....

Pouco depois, corria ébrio a querer precipitar-se no mar. Fechámo-lo na câmara. As apóstrofes sarcásticas a Deus e aos homens, seguiram-se as gargalhadas. Depois, foi acordado dum profundo sono, quando o capitão deu ordem de desembarque.

Este homem foi o instrumento providencial que me salvou. Como se a minha dor comportasse mais angústia, recebi as suas, e compenetrei-me duma compaixão que me roubava instantes à meditação da minha vida.

Quando me ajoelhara, pedindo a Branca perdão, senti alguma cousa sobrenatural. A imagem de minha filha, visão terrível, saudade aflitiva, agonia incompreensível para o matador de sua mãe, passou entre mim e o espectro de Branca. Nos lábios de ambos voava um sorriso santo, e na minha face desceram lágrimas dum lenitivo que me fez curvá-la diante de Deus.

Eu quis revelar as minhas consolações àquele desgraçado; e não pude fazer-lhas sentir. Quis convidá-lo a uma peregrinação de sacrifícios, a uma redenção de prolongados serviços à humanidade sofredora, e consegui, apenas, fazê-lo chorar.

Acreditei que Deus mandara salvá-lo, e afugentei-o de mim, querendo impedir-lhe a embriaguez, que o reduzira ao completo marasmo do sentimento, ao idiotismo impassível, à gangrena dolorosa das entranhas, que tornaram os últimos dias da sua vida num paroxismo de dores atrozes.

No dia em que se lhe acabou a última onça, Montezuma fugiu dos subúrbios de Londres, onde vivia comigo.

Encontrei-o, passados dias, numa maca do hospital. Acompanhava-o um velho criado, que guardava religiosamente o segredo daquele homem. Visitei-o no hospital, e tentei em vão restabelecê-lo com os meus cuidados. As suas últimas horas passou-as comigo. Eis aqui as suas derradeiras palavras:

“Sebastião de Melo, aí vai o meu segredo... Não sou espanhol. Não sou Teodorico de Montezuma. Sou português. Meu pai é o conde de Viso. Sou filho bastardo, porque o conde de Viso, abandonado de sua mulher, que fizera vítima, esqueceu a desonra do abandono, fazendo uma vítima nova. Foi minha mãe, pobre mulher do povo, atirada ao monturo, a estas horas num hospital como seu filho, ou numa sepultura como tantas dessas máquinas quebradas no dia seguinte ao da libertinagem.

O conde foi, talvez, violentado a receber-me em sua casa, no Minho. Primeiro, deu-me a consideração de um criado: depois, por uma indisposição com os presuntivos herdeiros, chamou-me filho.

Há onze anos que eu amei a primeira e última mulher. Era muito nobre, mas pobre. Pedi a meu pai alguns meios de subsistência. Negou-mos, e disse que o meu futuro era O convento.

Desde esse dia, concentrei um profundo ódio a meu pai. A ferocidade do seu carácter desvendou-se. Não houve desprezo que eu não sofresse, porque a mulher que eu amava era sobrinha dum homem que lhe roubara a mulher, e nunca mais voltara a Portugal.

Fui expulso de casa, e cheguei a pedir um bocado de pão aos meus criados. A vergonha não me deixava erguer os olhos para essa mulher, que nunca penetrou as amarguras do moço de dezoito anos, cheio de brios, orgulhoso do seu nascimento, e obrigado a deitar-se na cama dum criado, a ocultar de seu pai.

Lancei-me de joelhos aos pés deste homem, pedindo-lhe um quinhão na mesa dos seus criados.

Mandou-me entrar num convento, ou sair da sua presença. Eu tinha fome, sede e frio. Aceitei o convento.

Aí, Sebastião de Melo, numa cela de Tibães, durante o ano de noviciado, perverti-me! A solidão, o pungente desprezo com que as minhas lágrimas eram recebidas, o mudo escárnio daqueles frades, que repartiam o tempo entre a devassidão e o culto pago a ouro, converteram o meu padecimento surdo em entranhado rancor a meu pai.

Nunca mais tive notícias dessa mulher, que eu julguei esquecida de quem tão pouco valia aos olhos de seu pai. Ninguém me consentia que eu pronunciasse o nome dela. Os meus companheiros de noviciado galhofavam do meu sentimento, e saltavam, alta noite, os muros da cerca para semear o grão da desonra nas aldeias vizinhas.

Ao cabo dum ano, disseram-me que estava designado o dia para a profissão.

Escrevi a meu pai, pedindo-lhe licença para assentar praça. Respondeu-me que seria simples cometa ou soldado raso.

Resolvi ser frade, porque pouco importava que a minha mortalha fosse um hábito ou uma túnica.

Na véspera da profissão dobravam os sinos das igrejas circunvizinhas. Disseram-me que morrera Adelina, e pedira que o seu cadáver fosse enterrado na igreja de Tibães.

Pouco, depois, fui chamado à portaria e recebi quatro linhas:

Parece-me que serei sepultada no dia da tua profissão. Terás uma companheira toda a vida no mosteiro. Pede a Deus, sobre a minha sepultura, o descanso da tua amiga.

Não pude diluir nas lágrimas o fel do coração. O ódio estava aqui. O algoz daquela mulher era meu pai. A vingança já não era por afrontas feitas a mim.

Fugi do mosteiro: não assisti aos responsos de Adelina... A hora em que foi sepultada... meu pai tinha uma bala no coração... E desde esse dia... há onze anos...”

O filho do conde de Viso contorceu-se nos trances finais alguns minutos, e expirou, repelindo uma cruz que eu lhe cheguei ao coração.»

XLI

Sebastião de Melo data as suas páginas até 1814.

São cinco anos de peregrinação, sem repouso. Vive entre os monges de 5. Bruno na Itália; com os coptas na Arménia; com os soldados feridos, na guerra da independência, na Grécia; com os selvagens nos sertões da Ásia; com os árabes no deserto, onde passara os últimos dias felizes da vida.

Em toda a parte, a morte se lhe apresenta com um sorriso. A guerra, a peste e a fome respeitam este homem que o dedo de Deus tinha assinalado.

Do duque de Cliton, não há feição nenhuma em Sebastião de Melo. As barbas cobrem-lhe o peito. O bronzeado pelo sol dos desertos perdeu o tipo europeu.

Em Calecute encontra o visconde de Namur, que viaja estudando a velha Índia para erguer, com outro trabalho histórico, a segunda coluna à perpetuidade do seu nome. O visconde pede-lhe esclarecimentos do Japão, e dá-lhe em troca um exemplar da sua *História da Revolução Francesa*.

– Vejo que sois um sábio – diz Sebastião de Melo.

– Trabalho em honra da pátria.

– E da vossa. De que departamento sois?

– De Charente.

– Conheci na África um militar desse departamento. Chamava-se de Montfort.

– Que depois foi duque de Cliton no Império. Esse homem foi assassinado pelo suposto amante de sua mulher.

– Quem era o suposto amante de sua mulher?

– O marechal Lacroze, que viveu em Angoulême com um nome suposto.

– Ainda vive esse Lacroze?

– Não: suicidou-se, ao pé do cadáver do duque.

– Do cadáver do duque!... Há a certeza...

– De que ele se suicidou? A prova é que o duque está enterrado na capela de Cliton, ao pé da mulher que ele envenenou, e o marechal Lacroze está sepultado em Angoulême, no carneiro do marquês de Alençon.

– Tinha filhos, o duque?

– Tinha dois. Um, que é o duque de Clermont, nasceu na mesma noite em que a mãe foi envenenada. A filha, mais velha um ano, segundo diz minha mulher, que não me ocupo dessas insignificâncias de casamentos, partos e óbitos, é duquesa de Cliton, e não há ainda um ano que eu a vi, em Paris.

– Vivem em Paris os filhos do duque?

– Vivem, na companhia de parentes. Vejo-vos muito interessado nestas minudências... Quereis escrever algum romance? Em que adiantamento está a literatura na Tartária? Creio que já me dissestes que éreis tártaro...

– Em muito atraso... Não há por lá espíritos laboriosos como o vosso.

– Vejo que falais correctamente o francês! Sempre cuidei que na Tartária o francês era uma língua morta... Porque não traduzis a minha história, que eu prometo-vos uma medalha de honra da Sociedade Histórica de França?!

– Traduzirei a vossa historia...

Estas revelações foram as primeiras que o filho de Silvina recebeu de França. Concebeu que o assassinado com o seu nome foi o seu escudeiro. O fantasma de Lacroze perseguiu-o, na febre constante das suas vigílias, com o punhal que ferira o suposto marido de Branca. Queria odiar a memória do homem que sentira o gozo infernal de matá-lo, e não podia. A sombra angélica de Branca era como a luz boreal, a

transluzir dentre as nuvens torvas que lhe desciam sobre o coração. A vítima, de joelhos, aparecia-lhe em sonhos, pedindo ao Senhor o perdão de Lacroze, e o alívio ao infinito remorso de seu marido.

Em 1812, Sebastião de Melo estava em Londres.

É nessa época que ele resgatava da prisão um português, preso por dívidas. E este o pirata, sócio de Alberto de Guimarães, que apregoa, em 1833, na Praça do Rossio, em Lisboa, a emancipação do povo, e a morte dos padres.

A 2 de Janeiro de 1813 entrou Sebastião de Melo em Portugal, no paquete inglês de Falmouth. Desembarcou na Foz do Douro.

O general, conde de Trancoso, achava-se então no Porto, de passagem para a capital.

Sebastião de Melo foi-lhe apresentado como suspeito negociador de Bonaparte com os jacobinos.

Interrogaram-no. As suas respostas eram concisas, e negativas. Foram-lhe examinadas as suas bagagens, e respeitaram, apenas, um livro com muitas páginas brancas.

No quartel-general do conde de Trancoso, estava um ajudante-de-ordens, que vociferava contra os revolucionários franceses que, vinte anos antes, lhe mataram seu tio, marquês de Luso.

Sebastião de Melo denunciou no rosto a emoção que este nome lhe causava.

O conde de Trancoso perguntou-lhe se conhecia o marquês de Luso.

– Conheci... mal me recordo... mas conheci-o em Paris.

– Quem é, pois, o senhor?

– Não sei quem sou. Apareço no mundo, onde me chamam Sebastião de Melo.

Não sei quem me pôs aqui.

– Que anos tem? – perguntou o marquês de Torres Vedras, que estava presente.

– Trinta e cinco anos.

– Sabe onde nasceu?

– Não sei.

– Viveu algum tempo debaixo da protecção do marques de Luso?

– Não respondo a Vossa Excelência... Não tenho do passado recordações nenhuma.

– Não ouviu nunca pronunciar o nome de Paulo de Albuquerque?

– Não me recordo.

– Que perguntas são essas!? – interrompeu o conde de Trancoso.

– Também lhe não respondo, meu caro conde. Há aqui um segredo... uma probabilidade dum estupendo encontro... queira acompanhar-me... – disse o marquês a Sebastião de Melo.

Entraram num quarto, que foi fechado pelo marquês.

– Ora atenda-me... Há-de haver trinta anos que veio a Portugal o marquês de Luso, já então casado em Paris com uma rica herdeira Susana de Montfort. Eu era amigo, desde criança, do marquês, e só deixei de ter notícias dele, quando ele e sua mulher foram vítimas da carnagem de mil setecentos e noventa e três. Disse-me ele, quando cá esteve, que fora encarregado por Paulo de Albuquerque, ministro português em Roma, da educação de um menino. Este encargo feito à hora da morte, não declara o nome dos pais do menino. Todavia, é de crer que seja muito elevado o seu nascimento, por duas razões: primeiro, Paulo de Albuquerque não se encarregava de velar a educação dum filho que não fosse de pais muito nobres, nem ele tinha outras relações; segundo, o património desse menino eram cem mil cruzados, quantia esta que só podia dispô-la a favor dum filho bastardo um dos nossos mais ricos fidalgos. Acresce mais

que o marquês, meu primo e amigo, muito queria que eu, passados dois anos, tomasse conta dessa criança, por isso que a tinha confiado a uma amásia que levava consigo de Roma para Paris, e que de modo nenhum lhe convinha conservar, para não dar azo a suspeitas de Susana, a quem devia a sua fortuna.

– Sabe Vossa Excelência como se chamava essa amásia de seu primo?

– Deixe ver se me recordo... Era Laura.

– Laura!

– Sim... Era Laura... recordo-me de ele me contar de lá uma célebre passagem dum punhal cravado num retrato, e da fuga de sua Laura com um lorde velho... Vamos ao caso; será o senhor essa criança que se chamava Sebastião?

– Sou.

– É. Se me respondesse que não, creia que passava por mentiroso. Convém-lhe que se faça saber o seu nascimento?

– Pois Vossa Excelência sabe qual ele é?

– Não: mas o pouco que sei dá-lhe entrada na roda mais distinta dos nossos fidalgos.

– Não aceito, senhor marquês, a apresentação. Serei eternamente grato a Vossa Excelência, conservando o segredo que sabe do meu nascimento.

– Conservarei; mas isso não obsta que viva connosco, guardando o seu incógnito.

Ora diga-me: qual tem sido a sua vida durante trinta e cinco anos? Tem sido feliz?

– Tenho tido alternativas, senhor marquês.

– Onde tem vivido?

– Em quase todo o mundo habitado.

– Mas a sua aparência é a de um homem que sofre ou da alma ou do corpo. Conserva ainda alguma parte do seu património?

– Conservo ainda parte do meu património, sou independente.

– Se o não fosse, e quisesse seguir a carreira militar, tinha o meu amigo uma bela ocasião de elevar-se depressa.

– Não desejo elevar-me... Agradeço a Vossa Excelência o seu patrocínio.

– Tenciona demorar-se no Porto? Isto não é terra onde se viva. Venha connosco amanhã para Lisboa.

– Irei...

– Parece-me sempre abstracto! O senhor tem alguma coisa que o incomoda! Porque não apara estas barbas de ermitão, que o fazem parecer velho?

– Pareço o que sou, senhor marquês.

– Parece o que é! Será o senhor poeta? E pena que não viesse há seis anos, que conhecia ainda o Bocage, aquele pobre tolo que não soube tirar partido nenhum dos sonetos. Era um gosto ouvi-lo glosar! Tinha abstracções assim como as suas; mas, fora disso, era um grande falador em verso, que em prosa não se dá aos poetas a liberdade de falar na nossa presença. Ora diga-me: a casa que era do meu parente e amigo marquês de Luso, dizem-me que passara a um filho bastardo do sogro?

– Creio que sim.

– Que foi feito do duque de Cliton pelo monstro coroadado... Conhece o tal duque?

– Morreu.

– Pois que esteja por lá muito tempo sem nós. Vai-se jantar, meu amigo. Há-de ter a bondade de ser nosso co-mensal.

O general entrou na sala do jantar com Sebastião de Melo pelo braço:

– Apresento-vos um cavalheiro digno da vossa amizade, camaradas.

– Chama-se? – perguntou o conde de Trancoso.

– Já tive a honra de vos dizer que era Sebastião de Melo.

– Mas a quais Melos pertence? E aos do conde de São Lourenço? Ou aos Melos do Algarve, que são ramo bastardo da muita antiga linhagem dos Melos de...

– Não temos aqui dissertação genealógica, meu caro conde – atalhou o marquês. – E um cavalheiro por cujos foros de fidalguia eu me responsabilizo, sem me comprometer com Vossa Excelência a contar-lhe a história do seu nascimento.

Sebastião de Melo atraiu pelo mistério a consideração que não teria se dissesse que era filho bastardo da casa de Lafões, ou Cadaval.

– Ora vou contar-lhes uma novidade... – disse o

conde de Trancoso. – Levamos amanhã na nossa companhia uma dama.

– Uma dama? – exclamou o marquês de Torres Vedras. – Quantas irão nas nossas bagagens!

– Não é dama de bagagem, general. Aqui estão já os nossos rapazes a sortear-se a ver qual deles será o abutre da pomba!... Não se impacientem, que ela tem mais de cinquenta anos...

– Oh diabo! Essa mulher entre guerreiros há-de parecer a mãe dos Macabeus! – disse o visconde de Monte Alegre.

– Nenhum dos senhores se lembra do conde de Viso, um velho general, que foi gentil-homem de Dona Maria I?

– Recordo-me eu – disse o marquês de Torres Vedras –; por sinal foi assassinado por um tiro na sua quinta do Minho, e nunca pôde saber-se quem o matou.

– Justamente. Pois esse homem tinha sido casado com uma bela mulher, que eu conheci, sendo eu cadete de cavalaria de Bragança. Chamava-se Silvina, e tinha mais graça que todas as três graças que os poetas da Arcádia trazem sempre nos alforges. Quando o general, há hoje bons trinta e tantos anos, foi chamado a Lisboa, depois da morte do conde de Oeiras, a boa da Silvina desapareceu com um fidalgo de província, seu vizinho, e levaram o rumo do outro mundo, porque nunca mais apareceram. O general recebeu a nova em Lisboa; e, a falar-lhes a verdade, não deixou de comer, no que se parecia muito com Vossas Excelências, que comem perfeitamente, excepto ali o senhor Melo, que é todo-ouvidos a escutar a história, sem lembrar-se que o estômago é a mais respeitável entidade que fala a esta hora...

– Eu cumpro ambas as atenções, a Vossa Excelência e ao estômago, senhor conde.

– Dizia eu... Marquês! à saúde de Vossa Excelência, e do seu amigo Sebastião de Melo... dizia eu que o conde de Viso não deu muita importância ao escândalo de sua mulher, e a prova é que, apesar dos seus cinquenta, seduziu a filha dum procurador de causas, bonita rapariga de olhos pretos, e buço castanho, que morava na Rua da Oliveira, quando o general morava nas casas do Quintela no Largo do Carmo. O conde saiu de Lisboa, e trouxe com ele um filho de dez meses de que eu fui padrinho, porque nesse tempo estava eu às ordens dele, e mereci-lhe a honra de ser o seu confidente em muitas e gloriosas asneiras de que não rezam os fastos militares do velho soldado do conde de Lippe. Minha comadre, a senhora Teresinha dos Anjos, e meu afilhado Francisco, e meu compadre general nunca mais me deram novas suas. Esta manhã estava eu no pátio examinando o meu cavalo baio, e vejo entrar uma mulher vestida de negro, com uma destas mantilhas do Porto, que arripiam as carnes ao senso comum. Pergunto-lhe o que queria, e ela duvida que eu seja o conde de Trancoso. Teimo em que sou, e ela pergunta-me se conheço Teresa dos Anjos, minha comadre. «E a senhora?» «Sou eu a desgraçada!», responde-me ela. Dou-lhes a minha palavra de honra que fiquei passado! Pois a tão linda Teresinha está reduzida a esta velhice, a esta pobreza! Conte-me lá sua vida. Ora, os senhores decerto se não interessam muito em saber a vida da mulher; mas eu resumo-lha em quatro palavras, visto que o senhor Melo tem a delicadeza de sarilhar armas para me ouvir. O general teve-a consigo três meses, e

mandou-a pentear macacos. A rapariga chegou aqui ao Porto, e deu alguns vinténs que trazia a quem lhe roubasse o filho de casa do pai. O filho nunca veio, e a mulher teve fome. Trabalhou enquanto teve vista. Diz ela que aos trinta e cinco anos estava quase cega de chorar. Escreveu ao conde, e este mandava-lhe aqui dar uma esmola, com que ela podia viver sem mendigar. Por desgraça o conde é morto, e o filho, que estava num convento para ser frade, fuge do convento no dia em que matam o pai, e nunca mais se soube dele. Desde então a minha pobre comadre pede esmola. Foi o que ela fez: vinha pedir ao seu compadre um bocadinho de pão... Não admirem estas lágrimas, senhores! Um soldado também sabe chorar. A gente vê cair ao seu lado um amigo, e não chora, porque é gloriosa a morte dum bravo em defesa da pátria; mas uma mulher que se conheceu virtuosa e bela, e nos vem depois, velha e esfarrapada, pedir uma esmola... não se pode ver sem lágrimas!... Ainda bem que o senhor Melo soube compreender a minha pena!...

– E mais alguém, senhor conde... – interrompeu o marquês. – Bem vê que nós somos sensíveis à história de sua comadre. E, então, é ela que vai connosco para Lisboa?

– É, e vou tê-la em minha casa, para que ao menos tenha pão no resto da vida.

– Senhor conde – disse Sebastião de Melo – se Vossa Excelência me concedesse uma graça...

– Diga lá, meu amigo.

– Eu vou para Lisboa, e sou um homem só. Consente que essa senhora seja minha hóspeda, visto que preciso duma administradora de casa?

– Pois não, meu caro senhor! Na sua companhia não terá de ambicionar a minha. Partiremos juntos amanhã.

.....

Sebastião de Melo vivia em Lisboa numa casa que comprara na Rua da Junqueira. A mãe do seu amigo morto num hospital de Londres, era a sua governanta. Trinta e quatro anos depois que perdera o filho, a infeliz desfalecia sempre que falava nele. O filho de Silvina guardou o segredo da sua morte, para que a pobre velha morresse na esperança de encontrá-lo, sem a consciência de ter gerado o matador de seu pai.

Teresa dos Anjos era, ainda assim, feliz. Sebastião de Melo chamava-lhe mãe, e ocupava o seu grande espírito ouvindo as repetidas histórias do seu tempo que a encanecida senhora lhe contava. Ninguém diria que eram cinquenta anos aqueles cabelos brancos; mas a decrepitude intempestiva não pudera desvanecer vestígios duma peregrina beleza.

Sebastião de Melo, contra sua vontade, era apresentado pelo marquês de Torres Vedras, e conde de Trancoso às primeiras famílias. O seu nascimento era sempre um mistério, que a sua vida excêntrica tornava mais apetitoso a curiosidade.

Alguns, menos crédulos na palavra do marquês e que sabiam a história de Teresa dos Anjos, suspeitavam que ele fosse filho do conde de Viso: mas a sua idade, que todos calculavam de quarenta anos para cima, destruía a conjectura.

Melo adquiria amigos, sem procurá-los. A sua casa seria o receptáculo dos ociosos do circulo aristocrático, se a melancolia taciturna com que os acolhia não fosse uma delicada despedida.

O seu viver era a solidão dum quarto, por cuja janela raras vezes entrou a luz do dia. Uma noite de seis anos tinha passado por aquela alma, imersa na escuridão de todas as esperanças, desmemoriada de todos os gozos que poderiam valer-lhe no desalento, saturado nesse doer continuo e monótono que é a mais amargurada das existências.

Nunca mais em seus lábios passou o sorriso, que pode ser, um instante, o esquecimento da pena, o alívio momentâneo do remorso.

Branca de Clermont vivia sempre na sua alma, e morria sempre, naquele dilacerar cruento, naqueles estorcimentos do veneno, sempre na imaginação do infeliz.

E, por isso, a luz do dia não a suportavam olhos que choravam incessantes durante a noite.

Procurava o refúgio dos livros; mas as letras de cada página casavam-se de modo que lhe davam uma legenda de condenação.

Vinham os desesperos impetuosos, os frenesis do desalento, e o duque de Cliton caía de joelhos, invocando Branca, que a dor supersticiosa lhe afigurava, sempre no derradeiro estertor, e nunca nos tempos em que a branda tristeza lhe dava à face o colorido meigo que lhe realçava a formosura. Era sempre nos paroxismos que a visão lhe apavorava os sonhos do dormir momentâneo. Era sempre, desfigurada pelo veneno, vomitando as entranhas laceradas, que a imagem da duquesa se sentava a par com ele, e lhe fazia retirar dos lábios o alimento indispensável para não cair exausto.

Muitas vezes, Teresa dos Anjos era-lhe uma consolação, porque as lágrimas desta mulher recordavam-lhe um crime que excedia a grandeza do seu.

Então o rival de Lacroze pintava-se o quadro pela face negra com que o vira, quando ofereceu a sua mulher um copo de veneno.

Queria absolver-se do crime, porque se julgou atraído pela amante dum homem que vive debaixo das suas telhas com um nome fingido. Recorda os carinhos astuciosos dessa mulher, quando se vê tão bem servida pela astúcia infame. Explica uma a uma as razões que teve de julgar-se desonrado, e quer assim convencer-se de que matou quem lhe tinha apunhalado o coração, e calcado a dignidade de homem.

Mas, depois, o fatal grito «mataste uma inocente» revoca-o à realidade cruel. A justificação do assassino não ousa balbuciar-se na presença do fantasma, e o sangue a gotejar do peito de Lacroze vem borrifar-lhe a face, em que o terror abriu o estigma do precito.

Acolhe-se então ao seio da pobre mulher, que lhe não compreende as palavras cortadas por soluços, e ajoelha diante de Cristo pedindo misericórdia para o seu benfeitor.

Sebastião de Melo, que não pôde suportar tão vagarosa agonia, porque a blasfêmia lhe vem aos lábios cansados da súplica, busca o remédio na sociedade, onde a mão do anjo da expiação devia conduzi-lo, para que aí principiasse a ser punido o homem, condenado a quinhoar do absinto de todas as mortificações alheias.

Os primeiros passos que deu nos salões foram fatídicos. A primeira mulher que lhe estendeu a mão carinhosa tinha no coração o segredo de restituir aquele homem a Deus, embora lhe custasse a vida. A sua alma seria o incensório do sacrifício, e depois voaria ao céu, a receber a coroa da que se fizera mártir para fazer um justo.

Era Francisca Valadares.

Sebastião de Melo, vendo-a, lera-lhe no olhar profético uma legenda de infortúnios.

*Se o meu coração está morto, escrevia ele, que sensação é esta?
A predestinação será este alvoroço que me vem com o sangue à face,
quando aqueles olhos me fitam com piedade?
Sabe aquela mulher o meu segredo?
Fê-la a Providência instrumento da sua vingança incessante?
Não bastam seis anos de remorso, seis mil anos de rastos, sem ter
merecido ao céu o intervalo duma esperança, que me dê bem perto a*

morte?

Branca, se me perdoaste, porque não pedes ao Senhor o fim deste cativo?

O ódio, que me fez teu algoz, não mo perdoas pela paixão com que te amei, pelo delírio que me levou ao crime, pela cegueira com que te violentei a ser minha, cuidando que te dava a felicidade!

Poderei eu amar outra mulher na face da terra? Perdoa-me esta pergunta que eu te faço à minha dor, oh filha da minha alma.

No momento em que uma afeição renasça do pó deste cadáver, que se move em contorções de desespero, eu verei na mulher que me ressuscitar a mulher que vem vingar-te, Branca!

Se ela existe, eu recebo o cálix da sua mão, contanto que a minha alma se purifique para poder encontrar-te no seio de Deus.

Será esta, diante da qual os meus olhos descem como envergonhados dum crime que a minha face denuncia?...

.....

Sebastião de Melo, como se vê, pedia à superstição o segredo desse íman que o arrastava para Francisca Valadares.

Se nos perguntais se era o amor, dir-vos-emos que sim.

Se nos pedis uma razoável explicação desse fenómeno, depois de seis anos de torturas, dar-vos-la-emos mais facilmente do que podem imaginar os que entram pouco nos abismos do seu próprio coração, e os que vivem muito longe das vicissitudes da alma.

Essa dor de seis anos, sempre intensa, aguda sempre no primeiro como no último dia, devia ter morto o duque de Cliton quinze dias depois do crime, ou devia devorar-lhe, nesse lento roer do remorso, a sensibilidade.

Como tão tarde esse coração ressurgiu do seu túmulo, isso, leitores que sentis e pensais, é que é um fenómeno que transcende a esfera onde giram estas pequenas cousas do mundo que nós vemos, palpamos, e explicamos, com grande orgulho da ciência.

Quando recorrêssemos ao maravilhoso para admirar uma nova paixão no duque de Cliton, encontraríamos a Providência como ele a encontra para julgar-se sujeito à mulher que há-de puni-lo: à mulher que deve acordar-lhe no coração martírios novos, à mulher que lhe há-de encravar bem dentro na fronte os espinhos que nasceram do túmulo de Branca, nutridos em veneno, e orvalhados dum sangue que clama justiça ao céu.

E, se esse homem se crê impellido por Francisca Valadares, como a hóstia para o altar, como o insecto para o fogo, como o penitente para o patíbulo, porque não irá ele a receber a morte como um sorriso de amor, a aniquilação como um leito de rosas, a derradeira tortura como o beneplácito do céu?

XLII

Francisca Valadares era filha do governador eleito do Brasil, Filipe Valadares.

Tinha dezoito anos. Realçava entre todas as formosuras. Impunha-se à simpatia por uma tristeza não afectada.

E explicava a sombra eterna que lhe anuviava o céu da infância, e as lágrimas constantes em que os raios dos brandos olhos se diluíam, pela voz íntima que lhe vaticinava uma morte próxima.

A sua vocação era o convento.

Seus pais, que lhe não queriam azedar a existência, torcendo-lhe a propensão, esperavam a idade, e expunham-lhe, entretanto, como em leilão de quadros, os casamentos que mais vantagens prometiam, e os mancebos mais galhardos da roda puritana em cor de sangue. Francisca não percebia essas tentações estéreis. A sua alma não tinha mesmo o presságio de que podia ser chamada a compreender outra.

O que ela queria era a solidão, e a sua amiga Cecília. Cecília era filha dum fidalgo de Trás-os-Montes, Cristóvão Coelho, que vivia em Lisboa, desde que aí fora receber seu pai, dezassete anos emparedado na Junqueira por ordem do marquês de Pombal.

Cecília não tinha a vocação monástica. Pelo contrário gostava do sol, das flores, do amor, da liberdade, da convivência. As duas ídoles diversas casaram-se em intimo enlace, porque uma tinha o que a outra não tinha, e aspiravam simultaneamente a fins diversos sem se contrariarem.

Cecília amava o filho dum judeu opulento. Azarias Pereira era um belo homem, um dissipador elegante, um rapaz que afastava de si os prejuízos de raça, cegando uns com o eclipse do ouro, e vencendo outros com a modéstia hipócrita.

Era recebido nas primeiras casas da nobreza, e especialmente na de Filipe Valadares, que devia dinheiro, sem juro, a Moisés Pereira, honrado israelita da Rua dos Fanqueiros, e pai do digno filho que hospedava em sua casa com agrado.

Pode ser que assim se explique melhor a harmonia de Cecília com Francisca.

Sebastião de Melo, impressionado da melancolia imperturbável da filha do governador do Brasil, quis avaliar de perto aquele distinto génio.

Achou-a triste e morosa na expressão, pronta a compreender palavras doloridas, curiosa de penetrar nos corações que sofrem, e tocada do semblante triste do misterioso cavalheiro.

Desde essas perguntas, os olhos de Francisca seguem Sebastião de Melo. Uma exaltação sublime anima-os quando o cavalheiro se aproxima. Nos lábios floresce-lhe um sorriso, que Sebastião de Melo não recompensa com um ar de graça.

A atracção, porém, é invencível. O filho do dominicano de Santarém é impellido para a mulher que lhe povoa os sonhos, abraçada à imagem de Branca de Clermont. Este sonho prevaleceu sobre o raciocínio do homem que via fantasmas com os olhos da razão. O providencial entrava no sonho. O anúncio de Deus fora-lhe dado. Era necessário estender o colo ao cutelo, e abençoar a expiação.

Azarias Pereira, que se intitulava amigo de Sebastião de Melo, procurou-o, como mensageiro duma feliz nova.

– *Ave Caesar!* – exclamou o judeu, abraçando-o.

– E o *crucifige eum*, depois?

– Não!... sempre *hosanna!*, como disseram os teus, e os meus, que eram todos excelentes criaturas. Sabes que as tuas barbas valem mais que as de Dom João de Castro? As matronas de Goa deram os brilhantes com o penhor de um cabelo; mas eu aposto o meu bigode, se elas davam o coração, como por cá se dá, sem teres o incómodo

de hipotecar as tuas... Sabes que és amado de Francisca Valadares?

– Não sei... e crê que não indagarei.

– Não precisas indagar... juro-te pelo Deus de Abraão, que gerou Jacob, que gerou José, que gerou... Acho que José não gerou ninguém, mesmo porque tenho cá as minhas dúvidas, por causa duma certa capa que ele deixou nas mãos duma certa mulher... Não te impacientes, Melo! Não estamos no formalizado salão de Filipe Valadares. Venho agora de perder duzentas peças em casa da condessa de Alfarela, e apresento esta cara de inspirado que tu vês, à maneira das iluminuras góticas de que falam os membros dispersos da Academia dos Humildes... Entro agora em matéria, e por isso declaro-me em intermitente de seriedade. Sabes que eu namoro a Cecília Coelho?

– Não sei.

– O homem! pois és cego?

– Não vejo bem o que me é indiferente.

– Pois fica sabendo, palavra de rabino, que namoro a cristã encantadora, e sinto-me com as melhores disposições para renegar a religião não só de meu pai Moisés Pereira, mas até a do meu vigésimo quinto avô, Lamech Pereira, tudo por obra e graça do espírito diabólico daqueles olhos agarenos, e daquele pescoço puro caucasiano, se é verdade que o Cáucaso tem melhores pescoços que Cacilhas. Dito isto, cumpre saber, como diz a *Gazeta de Lisboa*, quando cumpre mentir, que Cecília, a minha jóia de Bombaim, me disse que recebera da sua amiga Francisquinha uma espantosa confidência, começando por lhe dizer que te amava com delírio; que não tinha já coragem para cumprir a sua resolução de ser freira; que não contava com o teu amor, mas queria viver, ao menos, livre, para não ter escrúpulos de te adorar cegamente. Aqui está o que ela disse, e ao que eu não aumentei uma só palavra da minha casa. A vista disto, não te levantas dessa modorra?

– Tens falado muito, Azarias!

– E tu, creio que tens dormido! Queres que eu diga a Cecília que tive a honra de te fazer cair num sono de justo?

– Diz o que te aprouver; mas aconselha essa senhora que receba as confidências, e que se cale com elas.

– Homem, esse tom é sinistro, como o do pregoeiro das doze tábuas da lei! Tu creio que não és deste mundo! Fugiste naturalmente dum conto árabe, e andas por Lisboa com licença! Fala seriamente: que hei-de eu dizer a Cecília?

– Repete, se quiseres, fielmente a cena que presenciaste.

– Das duas, uma: amas, ou não amas?

– O meu respeito pela sua juventude é igual à minha admiração pelas peregrinas qualidades que a fazem distinta na mais selecta sociedade.

– O contrário era uma grosseria; mas esse protesto de respeito não responde ao dilema.

– Não tenho outra resposta que te dê. Olha, Azarias:

faz saber a essa senhora que serei eu o portador da resposta.

– Isso assim é mais categórico. Diz-me cá: sabes que Francisca Valadares é a mulher mais instruída da corte? Não sabias? Foi educada por um jesuíta francês, e fala-te umas poucas de línguas; mas não é sempre, porque, muitos dias, a tenho eu visto sem fazer despesa de uma só palavra como *Fó, Tsong, Tsi*, que é chinês. Disseram-me que tu falavas chinês? Eu da China só conheço o chá. A propósito de chá, hei-de levar-te uma noite a uma roda muito diferente desta gente que conheces. Tu tens cara de quem estuda a sociedade, e hás-de gostar de conhecer a muito nobre bacalhoeira retirada, a senhora Dona Anacleta dos Remédios, que dá excelentes bailes, e apresenta a cara mais fresca, mais romã, mais provocante do globo! Passa-se lá sofrivelmente, quando se não tem

mais nada. A minha família é muito de lá, e a boa da bacalhoeira é rica, e tem bom gosto. As filhas tocam piano, dançam como fadas o minuete da corte e têm requebros capazes de dar em terra com a reputação dum padre jesuíta, em pleno espírito de Malagrida. Aceitas o convite?

– Irei.

– Vamos hoje? Hoje não, que há sarau em casa dos Valadares. Dá-me um conselho. Se Cristóvão Coelho me não der a filha, que hei-de eu fazer?

– Não entendo.

– Se devo tirar-lha de casa.

– Isso seria uma infâmia.

– Dizes bem: era uma infâmia, e o povo de Lisboa era capaz de erguer-se, contra a raça israelita, como aconteceu por causa da candeia do frade de São Domingos. A verdade é que tem amargado esta meia conquista... *conquête*, dizem os Franceses. Primeiro, repeliu-me com sacrílego desdém, depois amou-me com a condição de não comprometer a tranquilidade de seu pai, que era capaz de morrer, se ela lhe desse um desgosto, emparedado, como seu avô. O emparedado é Cristóvão Coelho; olha que não é o desgosto. Fui agora incorrecto como um frade crúzio. O pior é se meu pai cumpre as ameaças que me faz todos os dias. Cada vez que aparece um credor com ordem minha, recebendo cem ou duzentas moedas, que me sugam no jogo as esponjosas marquesa de Alfarela e condessa de Picanhol, o venerando velho diz-me sempre que vai liquidar a sua fortuna, e que sai de Portugal, onde eu trabalho para a desonra das suas cãs. Vê lá tu, meu circunspecto Sebastião de Melo, se eu me vejo na precisão de ir para a Holanda, em que flagelos se não verá esta alma!

– Evita esse desgosto, não trabalhando para a desonra das cãs de teu velho pai.

– Sabes mais moral que o guardião dos frades da Graça! Encontro-te sempre imaginando que vives na Tebaida, fazendo cestos, e ensinas às pastorinhas a cartilha do Mestre Inácio daqueles tempos. Fazia-te depositário duma importantíssima confidência, se prometesses não me dardejares todos os raios de Júpiter Fulmíneo, como diz Horácio.

– Sabes tu que és um tipo moral muito semelhante ao dum homem que eu vi morrer muito desgraçado!

– Pois reza-lhe por alma, meu compassivo Melo. Queres saber a revelação?

– Dispenso-a.

– Tem paciência: é uma expansão cordial...

– Com que direito ta recebo eu, Azarias? Interessam-me tão pouco os actos da tua vida!...

– Isso é uma ironia. Não creio. Tu és grosseiro, para disparares uma artilharia de insultos sobre uma praça que arreia armas, diante desse aspecto grave, como Dom José I de bronze. Queria dizer-te, sem enfatuamento, que vais ver uma mulher que tem por mim a paixão mais douda, mais arrojada, mais impetuosa, que imaginar-se pode, depois da amante do Marco António e doutras muitas que não me lembram agora. Esta mulher, se eu quisesse uma esposa rica, seria minha; se eu quisesse uma amante, sê-lo-ia também. E a tal Anacleta, que tem os mais belos quarenta anos da era de César!...

– Concedes-me que eu me recolha ao meu escritório? Tenho cartas a responder...

– Decente despedida! Até à noite... Darei a Cecília o teu recado...

Sebastião de Melo, encerrado no seu quarto, dizia com o profundo sentimento duma verdade fatal:

«Há naquele homem um gérmen de infortúnio!»

XLIII

Quando Sebastião de Melo entrou na sala de Filipe Valadares, estava Azarias Pereira murmurando a Cecília palavras que a faziam corar de pejo ou indignação.

Quem tivesse a incivil curiosidade de fitar o ouvido a curta distância dos enamorados, ouviria este final do diálogo:

– Eu não te disse – dizia ela com cerimónia – que não dissesse a Sebastião de Melo o que Francisca me confiou?

– E eu entendi que obsequiava a tua amiga, preparando-lhe ocasião de se entender dum modo explícito com o meu amigo Melo.

– Que lhe há-de ela dizer!?

– O mesmo que te disse a ti, com mais modéstia. A verdade não fica mal em lábios duma dama de alto nascimento; e a verdade que foge ao coração esquivo em confessar-se é a que faz as santas no amor. Porque não há-de Francisquinha ser o que tu não foste para mim, Cecília? Eu tive de amolecer com lágrimas a dureza do teu seio; ainda hoje me custa horas de sofrimento um teu sorriso misericordioso, e quem sabe as amarguras inéditas...

– Inéditas! que é isso?

– As amarguras novas que têm de provar a minha coragem!

– Não falemos de nós, Azarias... Antes que Francisca entre na sala, vê se fazes com que o Melo não denuncie a tua imprudência.

– Isso é a cousa mais simples do mundo, minha adorada Cecília.

O judeu levantou-se, e foi cumprimentar Sebastião de Melo, que descrevia os costumes da Córsega a Filipe Valadares, fidalgo duma instrução tão negativa que acreditava na existência da Córsega, depois que lera, na *Gazeta de Lisboa*, que Napoleão era corso. E, suposto que ao primeiro intuito entendeu corsário e não corso, Sebastião de Melo viera capacitá-lo da existência da Córsega.

– Meu caro Melo – disse Azarias. – Se te não é penoso dar-me uma palavra...

– Vá, vá – disse Valadares –, mas depois queria que Vossa Excelência me dissesse alguma coisa do reino do Congo. As crónicas falam de meu quinto avô, que foi vizo-rei do Congo.

– Do Congo? Talvez Vossa Excelência se engane.. Creio que Portugal nunca mandou vizo-reis ao Congo.

– Então não será Congo; mas, se o não é, parece-o.

O governador nomeado do Brasil foi ver as *Décadas* de Barros, enquanto Melo, para obstar uma escandalosa gargalhada do israelita, a respeito do Congo do quinto avô de Valadares, lhe perguntou:

– Que querias?

– Por certos motivos, acho prudente que não dêes a perceber a Dona Francisca que falámos a respeito dela.

– Eu tinha já tencionado isso mesmo... Recebi tudo que me disseste como uma galhofa de moço que precisou gastar uma hora, falando sempre.

– Queres dizer que te menti?

– Não. Quero dizer que serias um hábil compositor de novelas, pela vocação que te sinto para o fantástico.

Valadares voltava com a crónica sobraçada, exclamando, com os óculos montados na ponta triangular do nariz:

– Não é Congo, é Goa! Eu logo lhe disse que as duas terras se pareciam muito. Que me diz o senhor a respeito de Goa, onde foi vizo-rei, (e aqui subia a voz uma

oitava) meu quinto avô Heitor de Valadares?

Sebastião ia responder ao neto do Heitor, quando Francisca entrou, cumprimentando de passagem os cavalheiros.

– Meu pai – disse ela –, pedia-lhe que deixasse Goa para outro dia; a mamã pede-lhe o favor de ir ao seu quarto.

– Como está a senhora? – perguntaram algumas vozes.

– Está tolhida de reumatismo; não é cousa de cuidado; mas, enquanto não vier o Estio, não pode sair da cama.

– Graças ao reumatismo de Sua Excelência – murmurou Azarias ao ouvido de Melo – estás livre de fazer a prelecção geográfica ao dono da casa.

Alguns cavalheiros tomavam chá. As jovens, que eram poucas, jogavam o xadrez e as damas, com os velhos condes e marqueses. As velhas marquesas e condessas censuravam a falta de respeito com que Azarias Pereira conversava com Cecília, prova de que, no seu tempo, aquelas práticas salvavam-se do escândalo por serem feitas sem testemunhas: o que decerto não era pior. Afora isto, uma das singularidades que muito inquietavam os olhos modestos das respeitáveis filhas das cortesãs de D. João V, era o enorme bigode e as barbas de apóstolo com que Sebastião de Melo se apresentava falando com senhoras.

Como quer que fosse, Francisca Valadares parece que não tinha medo nem repugnância às barbas do misterioso cavalheiro, com o qual se desviara um pouco das suas amigas.

– Parecem tão entretidos!... – dizia a velha condessa de Penajóia ao ouvido de uma austera fidalga de oitenta anos que fora noviça em Odivelas, e saíra sem professar porque um valido do nosso Luís XIV a obrigou a votos que não eram os da regra do patriarca S. Bernardo...

– Que dirão eles?... – responde a octogenária senhora, levando ao olho direito a sua lente de ouro, com cercadura de pérolas.

O que eles disseram nunca ela soube; mas é justo que nós o saibamos.

– Sempre triste, senhor Melo! Quando teremos, as pessoas que o estimamos, um instante de prazer por lhe vermos um sorriso de satisfação!

– As pessoas que me estimam, direi que esse sorriso é impossível... Nem fingi-lo sei, minha senhora. Também Vossa Excelência é triste; e, se o não fosse, a minha melancolia ser-lhe-ia indiferente como o é para todo o mundo.

– Mas eu nasci assim com esta disposição para tristezas sem motivo. E Vossa Excelência decerto não foi sempre o que é hoje.

– Decerto não fui.

– Algum sofrimento que não se cura com o tempo... Reveses da vida que não deixam, sequer, a esperança...

– Viu a minha alma...

– Antes a não tivesse visto... Nem sequer a esperança?

– Em Deus? Tenho-a, porque as últimas lágrimas do homem são como o último vapor do incenso, que é o mais puro, e o que mais se eleva para Deus.

– E tão rara essa linguagem nos moços deste tempo...

– E que eu pertenço a outro tempo muito remoto. Não vê Vossa Excelência que estou velho, e que vou fugindo dentre estes homens de hoje que não são os meus?

– Velho com trinta e tantos anos! Quem me dera conhecer o que podia acordá-lo desse letargo! Se fosse uma mulher, iria pedir-lhe de joelhos o seu amor para oferecer-lho. Se é Deus, pedirei com fervor lhe restaure a mocidade, antes que a solidão da velhice o veja sair deste mundo sem saudades.

– Sairei...

– E eu queria que não! Veja que celebridade tão imprópria duma mulher!... Queria vê-lo feliz!

– Recebo no coração esses compassivos desejos, minha senhora.

– Receba, receba, que é lá onde deve recebê-los... Não é já isto uma simpatia?

– É uma virtude... é o perfume da piedade... Vossa Excelência, que tem uma dor sem motivos, aprendeu a conhecer aquela que os tem. Não a tocam os sorrisos felizes, e cativam-lhe a compaixão generosa as amarguras que se não escondem. Lembrar-me-ei sempre com gratidão de que encontrei uma alma, cheia de inocência e de dó, desejando-me bens que eu já não posso gozar. É muito... disse a verdade, senhora Dona Francisca... é muito mover-lhe uma simpatia... O infeliz, no meio das esperanças que embriagam a sociedade que o rodeia, é uma nódoa, uma mortificação, uma censura acre às doçuras da mocidade. Eu sou esse infeliz. Tenho movido a curiosidade; mas a compaixão, não. Uns perguntam-me quem sou. Outros calculam a minha riqueza pelo mesquinho aparato com que vivo. Este, vaidoso da sua filosofia epicurista, manda-me viver como vive a outra gente à mercê dos acontecimentos. Aquele compraz-se em me chamar excêntrico, porque esta palavra é a grande palavra com que se explicam todas as loucuras do génio atormentado, ou todos os sofrimentos do coração que se despedaça em segredo. Aqui está o mundo que me rodeia. Encontro agora uma alma, que amanheceu ontem, e parece ansiar o seu ocaso, porque talvez da terra se levantam vapores negros, que lhe toldam os raios. É necessário encontrar um sofrimento juvenil que nos entenda o nosso, quando a corrupção entrar nos velhos. Foi Vossa Excelência com os seus dezoito anos, cercada de prazeres que porfiam felicitá-la, com uma brilhante estrada de flores diante de si, é Vossa Excelência que me vê, que me estrema entre o vulgo, que me adivinha, e vem, em duas palavras, pronunciar a história da minha alma, que eu não tenho podido escrever em muitas páginas, meditadas em tenebrosas vigílias. Foi uma consolação... nem a esta eu aspirava já... Vejo que não se fecha de todo o anel do infortúnio em volta do coração...

– Pois aí têm, senhor Melo... A desesperação não é o termo da desgraça... Tenho lido cousas que a experiência não reconhece, mas o coração diz-me que as acredite. Não há mal completo. O sofrimento é a tempestade; mas os dias seguem-se aos dias, e o Sol nasce um dia desassombrado de nuvens. O desejo da felicidade não é já de si uma esperança?

– Mas... essa flor não medra em sangue...

– Em sangue?!

– Foi uma palavra irreflectida, minha senhora... Queria dizer-lhe que há o absoluto na dor. Deus queira que a experiência nunca lhe desminta o que o seu coração aprendeu nos livros. É bom que as máximas da resignação se escrevam, para que os fracos não se valham do suicídio em dores que se remedeiam. É bom que se fechem os ouvidos a Rousseau, e se abra o coração do Evangelho. Eu o tenho feito, com ser homem criado entre incrédulos, e alimentado com o mau leite dum século que nos ensina a fatal máxima: «E nobre o morrer quando a vida nos desonra.» Desonra é a covardia quando foge à expiação... Onde vou eu divagando? Cuidei que falava com algum espírito amadurecido pela experiência... Parece-me que a sua amiga Cecília está ansiosa pela sua companhia...

– Não importa... eu sinto-me bem, sofrendo aqui...

– E eu não quero que sofra... Deixe-me exercer esta soberania sobre a sua vontade...

– Exerça, que eu preciso de sentir o seu domínio... ainda que ele me seja pesado como os grilhões dum mau pai...

– Não lhe será pesado o domínio, senhora Dona Francisca... Conselhos de amigo

só importunam os falsos amigos... Disseram que Vossa Excelência entrava num convento brevemente: é verdade?

– Assim o tenho dito contra a vontade da minha família.

– Antevê consolações na religião?

– Vou cegamente: dizem-me que lá se vive só, sem obrigação de conviver: o que me chama ao convento é o amor da solidão, o gozo do sofrimento sem testemunhas...

– E o sacrifício da sua liberdade a Deus, não?

– Não pensei ainda nesse sacrifício, e creio até que nenhuma mulher, da minha idade, entra num convento para sacrificar-se a Deus. Serei, talvez, a única freira que desde os doze anos sentiu crescer em si o vago desejo de abandonar o mundo. Quando tive uso da razão, vi que o mosteiro, e o mosteiro sem fausto, era um lugar talhado para mim.

– Quando entrar nesse segredo de angústias caladas, minha boa amiga, olhe bem em redor de si, e veja se nenhum vinculo escondido a prende ao mundo...

– Talvez me engane... mas o resultado não me será penoso mais do que mo está sendo hoje o presságio. Eu tenho um anjo que me diz que a quietação do mosteiro é muito para o meu génio: mas que uma campa no claustro será tudo para o meu completo repouso.

Francisca Valadares conheceu que as lágrimas viriam comprometer a sua inocência. Ergueu-se para disfarçá-las, e entrou com Cecília na roda das senhoras velhas, cuja honestidade já não podia sofrer, sem ruidosa murmuração, o longo entretenimento da donzela com o homem das barbas indecentes.

Filipe de Valadares tinha lançado sobre a filha os olhos de revés; mas tão longe estava ele de quinhoar no pábulo satírico das senis virtudes das fidalgas (e ele que as conhecia, melhor que o reino do Congo e a Córsega!) que não deu valor ao caso, nem pretextou um desvio a Francisca. O representante de Heitor Valadares sabia que a sua *Santa Teresa de Jesus*, como ele lhe chamava (sem saber que Teresa, antes de ser de Jesus, teve tentações de Satanás, e não sabemos se resistiu a todas), não tinha coração para homens, e muito menos para aquele cujas barbas eram o terror das mulheres, e cuja fortuna era muito duvidosa, suposto que o seu ilustre nascimento fosse afiançado por pessoas idóneas.

O circumspecto governador do Brasil, quando viu Sebastião de Melo desembaraçado da conversa da filha, aproximou-se, dando tratos à memória para lembrar-se da tal palavra parecida com o Congo. E como a reminiscência lhe não fosse propícia, infidelidade que ela tinha até na maneira de escrever Filipe, as mais das vezes, com um só *p*, e Valadares com um *l* – o pai de Francisca entendeu que devia esperá-la mais favorável, para honra sua, e falou, entretanto, noutro assunto.

– Vejo que falou muito tempo com a minha Francisca...

– Deu-me essa honra.

– Ela tem a mania dos livros. Aposto que estiveram a falar em francês?

– Não, senhor Valadares; falámos na nossa língua, que é uma excelente língua para falarem portugueses.

– Isso digo eu também; mas ela quis aprender o francês com um padre jesuíta que teve aqui por mestre e capelão. Desde que sabe o francês e o italiano, lê muitos livros, que não sei de que tratam: mas é, desde que os lê, que a tristeza anda de volta com ela, e que a ideia de se fazer freira lhe entrou mais na cabeça. Tenho-a querido casar; mas, ela não vai para aí. Todos os homens lhe desagradam, e fala a todos com fastio. Eu, logo que a vi entretida com Vossa Excelência, disse cá comigo: «Lá está ela a falar francês» porque é isso o que a entretém mais, e eu, a falar-lhe a verdade, aborreço de morte a tal língua, só porque o grande patife de Napoleão é francês... E verdade (bradou com

veemência o terrível inimigo do imperador dos Franceses) agora me lembro... é *Goa*... Que me diz Vossa Excelência a respeito de Goa?

O leitor decerto prescinde de saber o que Sebastião de Melo disse, com grande pasmo do ditoso Valadares, que teve a fortuna de recordar-se da terra que seu quinto avô governara, em grande proveito para a casa que o neto hoje possuía, e grande glória para a pátria.

XLIV

Deixai gemer os corações, que se lamentam mortos. O amor é a vida. Enquanto as artérias pulsam, e a refração da beleza corisca nos olhos, por mais cansados de lágrimas que sejam; enquanto o homem tem energia nas angústias, e saudade tormentosa que o volta para um amor passado: o coração não está morto; as pálpebras não descaem sobre os olhos que se apascentam no belo: o ideal, que se anuvia em remotas regiões, rasga um dia a fantástica mortalha, e caminha diante do proscrito da felicidade como a coluna luminosa do deserto.

O duque de Cliton amava Francisca Valadares. A larva da duquesa não era já o pesadelo de todos os seus sonhos; a solidão do seu quarto não tinha já aquela negrura que vem de longe cerrando as avenidas da esperança.

A esperança renascia!

A constância em frequentar a casa de Valadares, o estímulo que o impelia para ali, o adormecimento das suas mágoas ao som da voz imperiante de Francisca, recordaram-lhe os primeiros assomos da paixão por Branca de Clermont. Tinha sido assim aquele vê-la sempre, aquele ansiar vago do incógnito, com o qual o coração nem bem atina quando está bem perto dele, e bem presente aos olhos, a mulher que se ama.

Nunca os seus lábios balbuciaram esta confissão. O duque de Cliton condenava-se ao silêncio: porque, dizia ele, «este silêncio é talvez a expiação a que a Providência me condena».

Quer fosse prejuízo, quer a verdade fosse aquela, Sebastião de Melo, convencido de que tinha a esgotar as fezes dum novo cálix, aceitou-o.

Aceitá-lo era abrir o coração ao amor de Francisca; era insculpi-lo aí com traços de fogo, que lentamente devorassem esse resto de vida, em silenciosa angústia.

Mas a filha do governador compreendera-o, e votara-se toda à confiança dele, para que, cedo ou tarde, os lábios não receassem acusar o coração.

Decorreram seis meses assim: tormentosos para o duque, e lúcidos de esperança para Francisca Valadares.

Os murmúrios das honestas velhas conglobaram-se num boato de namoro muito enraizado entre o misterioso cavalheiro, e a dama inacessível a todos os cavalheiros que tinham uma fortuna conhecida, e um nascimento sem nuvens misteriosas.

Sebastião de Melo era segunda vez flagelado pela emulação; mas o amor-próprio de Sebastião de Melo já não era a soberba ultrajada do duque de Cliton. Oferecera-se ao martírio, e acariciava as dores pequenas que a rivalidade lhe causava. O despeito forjou calúnias. Inventaram-se infâmias a Sebastião de Melo. Deram-no como aventureiro, que soubera iludir o conde de Trancoso, e o marquês de Torres Vedras, com um nascimento fabuloso. Farejavam nos misteres mais vis o manancial da sua aparente riqueza. Diziam outros que o excêntrico das grandes barbas era um mercenário de França, emissário da revolução, sustentado por ela, até mesmo porque nunca o ouviram falar mal do imperador.

Não se lhe ocultavam estes juízos. Azarias Pereira, fiel amigo, não o deixava hoje na dúvida do que se dissera ontem.

E Sebastião de Melo recebia as afrontas com a serenidade da resignação, e não tinha uma palavra de queixa, nem se defendia da calúnia.

Francisca Valadares sabia tudo de Cecília. Chorava um dia todo, para, à noite, não verter lágrimas suspeitas na presença de Melo. Julgava-o ela ignorante dos boatos que, mais cedo que o costume, chegaram aos ouvidos fáceis de Filipe de Valadares.

Estúpido, sim; mas também, malicioso, era o nosso estudante de geografia. O

seguinte diálogo é sobeja prova para os que pensam que se não pode ser esperto, sem saber aos cinquenta e quatro anos se a Córsega é fabulosa como *A Cidade do Sol* de Campanella.

- Francisquinha, estás ainda na ideia de ser freira?
- Porquê? Meu pai quer que eu entre já no convento?
- Acho que é tempo. Eu não tardo a ir para o Brasil, e quero deixar-te arrumada...

Que dizes?

- Digo que... por enquanto... não irei, se o pai não determina o contrario.
- Pois das duas uma: casar com o conde de São Gens, ou com o marquês de Sesimbra, com um destes, ou entrar no convento.

– Não caso com nenhum desses, meu pai. Sobre o meu coração sou eu que governo.

– Isso não é modo de responder a seu pai, menina! Eu não lhe digo que case; tenho-a deixado escolher; mas não estou disposto a consentir que vá escolher entre aqueles que eu não quero que escolha.

- Eu não escolhi ninguém, meu pai.

– Não é isso o que se diz. Por aí fala-se muito na menina e em Sebastião de Melo. Este senhor dizem que é muito nobre; mas eu não sei quem é; dizem que é muito rico; mas eu nunca lhe vi o seu dinheiro, nem as suas quintas. Outros dizem que não é nobre nem rico. Seja lá o que for, não me faz conta o teu ar de graça para ele, e o de aborrecimento para todos os outros. Será tudo uma calúnia, (abrira-se a torneira da eloquência!) não duvido; mas a maneira de a fazer calar, é tu casares, ou entrases quanto antes no convento.

- Entrarei no convento.

- E, depois, não quero visitas de Sebastião de Melo às grades.

- Hei-de recebê-lo todas as vezes que me procurar. Não me importa saber quem é.

O que sei é que é muito nobre de coração, muito superior a todos os homens que conheço, tão zelador, ou mais ainda, da minha reputação que meu próprio pai. Não tenho motivos nenhuns para ultrajá-lo, e o pai também os não tem. Se o maltratar, é injusto, e terá um dia de arrepender-se duma ofensa que Sebastião de Melo há-de receber com resignação, porque... o pai não me entenderia se eu lhe dissesse como é a alma daquele homem...

– Nem quero saber... A gente não se regula por uma cabeça de dezoito anos... Sabes tu o que acaba de acontecer?

- Não sei...

- A tua amiga Cecília...

- Que fez?

- Que fez?! Fugiu a noite passada...

- Fugiu! Oh meu Deus! Com quem fugiu?

- Com Azarias Pereira...

- É crível, meu pai! Ele tinha-a pedido a Cristóvão Coelho...

– Tinha... e Cristóvão Coelho negou-lha, porque não queria sangue de judeu na sua família...

- Por isso ela se despediu ontem de mim, banhada em lágrimas!

– E queres saber mais?... O tal Azarias roubou uma antiga bacalhoeira da Conceição Velha, para poder fugir com Cecília! Quem diria o tratante que a gente admitiu no meio de nós! Honrado era o pai, que lhe devo três contos de réis, e foi há mais de dois meses não sei para que reino, e não mos pediu... Ora aí tens o que é regular-se a gente pela sua cabeça com pouco chumbo... Aquela, ainda que se case, já se não lava da nódoa...

– Deixe-me chorá-la, meu pai, que me parece que a não torno a ver... Minha pobre amiga, onde estarás tu?... Quem me dera poder abraçar-te quando todos fugiriam de ti!... Oh! Deus permita que Azarias seja digno daquele anjo!

– Não sei se é, nem se não... O caso é que o pobre pai deu-lhe um flato, que dura há vinte e quatro horas. É de crer que se vá desta!... Quem é pai, vê-se em apertos bem aflitos! O que te peço é que me poupes a velhice, e não me faças andar nas bocas do mundo...

– Pouparei, meu pai...

– Pois então, resolve o mais depressa o dia da tua entrada. Tua mãe diz que te quer falar a respeito disto mesmo.

XLV

Na noite desse dia, em casa de Filipe de Valadares, e em todas onde Cecília e Azarias eram conhecidos, não sobejou um momento para se tratar outro assunto. A fuga, agravada pela infâmia do roubo a uma amante bacalhoeira, era o burburinho constante.

Um só homem não pronunciara sobre tal sucesso uma palavra: foi Sebastião de Melo. Quando lhe deram a notícia, a impressão gelou-o, e o vaticínio, que fizera seis meses antes, assombrou-o dum prestigioso medo aos seus juízos. «Serei eu a condenação das pessoas que se aproximam destes vermes contagiosos que me roem o coração?» escrevia ele.

– Que lhe parece o acontecimento de Cecília? – perguntou-lhe Francisca.

– Foi uma desgraça!

E não é mais de crer que ela o repute uma ventura?

– Que importa o seu juízo? O abismo está coberto de flores... Lá no fundo é que se sente a dor da queda.

– Que vaticínio! que prevê?

– Alguma cousa terrível, sem significação na linguagem humana.

– Que duas punhaladas juntas eu recebi, meu caro irmão!

– Qual é a outra?

– Meu pai manda-me entrar imediatamente no convento.

Sebastião de Melo estremeceu. Sentiu um ligeiro vágado que lhe empanou momentaneamente os olhos; correu a mão pelo repentino suor da testa, e mordeu o lábio inferior, como se assim fosse necessário conter um gemido com violência.

Francisca de Valadares, como se estivesse a sós com ele, distraída de uma sociedade que a contemplava, apertou-lhe a mão, que descia da face, enxugando uma lágrima. O acto inaudito espantou os hóspedes presentes, e grande esforço fez sobre si a octogenária noviça de Odivelas, para não bradar com a sua voz gosmenta: «Menina! Isso não se faz!» ao que as outras, em coro, responderiam: «No nosso tempo, não se faziam estas cousas diante de gente!»

O incidente escandaloso passou em desmancho na boa ordem duma critica à surdina.

Sebastião de Melo leu nos olhos flamejantes dos seus detractores a censura que, no dia imediato, correria os becos lamacentos da ilustre opinião pública; e, no rubor de Francisca, viu também a reacção do juízo sobre o acto indiscreto dum aperto de mão.

– Não sofra, minha amiga. Foi uma imprudência que não terá resultados. Deixe reparar a virtude no seu delicto... Eu hei-de salvá-la da opressão em que a traz a calúnia.

– Salvar-me!... não pode, Sebastião de Melo... Não se salva assim uma mulher para quem acaba tudo... Que me importa a mim esse mundo que nos observa? Receio por si...

– Por mim?!

– Sim... porque sei que é vitima destes vis, ralados de orgulho, pisados na sua soberba, e indignos de me assustarem, porque me fazem tédio... e mais nada...

– Importa respeitá-los, Francisca... eu por mim respeito-os, quando entre eles vejo os cabelos brancos de seu pai...

– Meu pai... há-de ser o meu tirano...

– Não se exalte que nos escutam com curiosidade aquelas senhoras...

– Sebastião de Melo!... sempre discreto, sempre conselheiro de considerações à sociedade!... E muita frieza!... é quase uma ingratição...

– Hei-de contradizê-la, minha amiga... mas com palavras não...
 – Sim, sim... prove-me que me ama...
 – Que a amo, Francisca! Não lho tenho eu provado!... Que mais pode fazer um homem...

– Não sei... – disse ela com sublime entusiasmo – não sei... Mais feliz do que sou neste momento, é que não pode fazer-me, Melo... Nunca lhe ouvi essa palavra... nunca me disse que...

Filipe de Valadares chamou a filha dum sala próxima. Francisca foi aceleradamente:

– Que quer meu pai?

– A menina continua a dar escândalo a essa gente?! Não sabe que essas conversas só as têm os noivos? Isto não tem jeito. Olhe que eu, se me aperta muito, digo a esse senhor que não torne a minha casa!

– Não faça tal imprudência, meu pai, que mata sua

– Então sempre é certo...

– Que o amo? E certo: digo-lhe com toda a soberba do meu coração que é certo, e que não tenho um momento na vida que não seja dele.

– Isto ninguém o acredita! A menina é uma douda! Eu passo a fechá-la num quarto, e mando-a sangrar. Pois que diabrura tem aquele homem que deu consigo nesta tolice?

– Não tem resposta a pergunta, meu pai. Não sei o que tem, sei que o amo, que hei-de amá-lo sempre, aqui, no convento, no céu ou no inferno. Não posso já sofrer repreensões de todas essas velhas que aí estão na sala, essas mesmas que meu pai já disse que não perderam o seu tempo... Respeito meu pai, cedo-lhe os pulsos para os ferros, mas o coração não há nada que mo domine, a não ser o amor. Falo-lhe com toda esta franqueza, porque sei que vou ser freira, e não seria nunca sua filha indigna, ainda que encontrasse um perverso, onde encontrei um irmão.

– Tenho entendido... precisas de ser vigiada.

– Vigiada!... E pena que o pai me não entenda!

– Entendo, entendo às mil maravilhas. Ora, minha menina, vá até ao quarto de sua mãe, e passe lá a noite com ela, que está sozinha.

– Obedeço, meu pai.

Francisca, antes de entrar no quarto de sua mãe, entrou no seu, debulhada em lágrimas. Com a mão convulsiva, pegou na pena e escreveu estas linhas:

Meu irmão... Creio que nos não veremos mais. Se me não quer fazer desgraçada, se pode ser meu marido, eu fujo de casa. Confio-me a si como à protecção divina. Meu pai é meu algoz.

E, chamando a sua aia, confidente desde a infância dos seus dissabores, disse-lhe com febril comoção:

– Veja se pode já, já, fazer chegar este bilhete às mãos de Sebastião de Melo... Olhe... parece-me que ouço passos na escada... Vá depressa... E ele talvez que se retire.

Efectivamente era.

Melo recebeu o bilhete. A aia esperava a resposta, na incerteza de a ter. O cavalheiro escreveu com lápis na página rasgada dum agenda as seguintes linhas:

O que eu posso minha irmã, é evitar-lhe o infortúnio. Basta que eu lhe diga que sou indigno de si para restituir-lhe a tranquilidade. Anjo, não se despenhe. Viva para a virtude, mas não se sacrifique ao capricho dum

convento. Adeus. Deixo Portugal amanhã; voltarei quando souber que é feliz.

Sebastião de Melo, com a firmeza que se pode dar à consciência da expiação, entrou em sua casa, onde a extremosa Teresa dos Anjos o recebia sempre com afagos de mãe.

– Veio hoje mais cedo, meu filho! disse ela, acarinhando-o como a uma criança.

– Venho dizer-lhe adeus, por algum tempo.

– Como assim?!

– Uma carta imprevista obriga-me a fazer uma excursão à Espanha... Não chore, minha boa senhora... Se Deus quiser que eu volte, será bem cedo... Aqui lhe fica a minha casa; e tenha sempre em vista que o seu filho não quer que se prive do maior nem do menor prazer. Receba como até aqui os seus parentes e conhecidos. Não se entregue à solidão, que é o maior mal dos que sofrem, ainda que lhe pareça que é o maior bem. Há-de fazer o que lhe peço?

– E, se não nos tornarmos a ver... à hora da minha morte... direi: «Meu benfeitor... eu vou pedir por vós ao Altíssimo. »

– E não se esqueça nunca de pedir, que eu sou o mais necessitado da sua misericórdia.

.....

Na madrugada do seguinte dia, Sebastião de Melo, com uma guia militar, entrava a bordo dum brigue espanhol que levantava a âncora para Gibraltar.

Ao terceiro dia de viagem passaram avante dum iate português, e chegaram à fala.

Sebastião de Melo reconheceu entre a matalotagem Azarias Pereira: fez-lhe um ligeiro aceno de mão. Pouco depois, conheceu Cecília, acenando-lhe com um lenço, que também lhe servia de enxugar as lágrimas. Seriam saudades? remorso? pressentimento? o grito do pai moribundo que lhe ecoara no coração?

«Como os desgraçados se avizinham de mim! Vou ferindo de lepra as pessoas que recebem o meu hálito! O filho do conde de Viso neutralizava a vitalidade do remorso com a exaltação da embriaguez! Encontrou-me... Morreu!

»Azarias Pereira gozava a reputação dum cavalheiro: jogava com o mundo um jogo atraído!... Conheceu-me!... Ele aí vem, arrancando a filha e a vida a um velho, e ouro com infâmia a uma pobre mulher que o amava.

»Francisca Valadares sonhava com a felicidade do mosteiro: achava o mundo ingrato às suas virtudes angélicas: fazia-se para Deus, que a chamava desde a infância. Ouviu-me!... Ela aí fica no desespero duma paixão sem a paciência do mártir!...

»Que significação tem isto, Providência?»

.....

Ao oitavo dia de viagem, o brigue abicara em Gibraltar, deixando após si um mar tempestuoso.

Sebastião de Melo alcançou que o transportassem a Tânger, porque a perspectiva lúgubre do castelo derrocado harmonizava com o crepe sombrio da sua alma.

Dous dias depois, o duque de Cliton descobriu das ameias da fortaleza um iate desmastreado, à mercê das ondas, que o abismavam, depois que roçavam nas nuvens.

– E o esquife dos desgraçados que se aproxima! –murmurou ele.

Perto do iate negrejava e desaparecia uma lancha com três vultos. Os gritos de

socorro ouviam-se em terra. De Tânger e Gibraltar saíram chalupas, que vieram balroar nos fragedos, acoissados pela onda insuperável. O iate sumiu-se, e reapareceu no dia seguinte. E os brados de socorro, e o bracejar dos náufragos, cada vez mais perto.

O iate queria fazer-se ao mar largo, para evitar a costa; mas não tinha leme. As rajadas do Sul impeliavam-no, e o dorso verde-negro da vaga rolava-o como a bóia da rede, arrastada na ressaca. E a lancha com os três vultos ia-lhe na esteira. Os práticos de Tânger reputaram perdido o navio e, talvez, salva a lancha. Os israelitas, que o reconheceram, ofereciam mil onças pela salvação de cada marujo. E que a bandeira do rabi tremulava nos galhardetes.

Esta agonia de mar e de terra durou duas horas.

Parecia serenar o vento. Renasceu a esperança. A sede do ouro animou a tripulação dos navios ingleses ancorados na baía.

Desatracara de terra uma frota de chalupas. Estavam já bem perto, quando o iate recebeu de proa um vagalhão, e mostrou o cavername de ré. Alguns marujos resvalaram ao mar, e desses alguns saíram cadáveres no dia seguinte. A lancha fugia das chalupas. Uma rajada de vento escondeu-a vinte e quatro horas. No dia seguinte, animavam a tripulação a lançar-se ao mar, antes que o vigamento do iate os matasse num repelão.

Azarias Pereira saltou da lancha com Cecília desmaiada entre os seus braços e os de um marujo corajoso. Quando uma corda os arrastou para bordo duma chalupa de Tânger, Cecília estava morta, e o marujo também.

Sebastião de Melo desceu à praia.

Azarias Pereira olhava os circunstantes com terrível aspecto, sentado ao pé do cadáver da filha de Cristóvão Coelho.

Os judeus de Marrocos descobriram-se na sua presença, e murmuraram palavras do rito.

Quiseram transportá-lo numa cadeira de coxins amarelos, e conduziram umas andas para o cadáver.

Azarias repeliu com um gesto os serviços que lhe ofereciam.

– Que queres, pois, fazer? disse-lhe Sebastião de Melo.

– Segue o teu caminho! – respondeu com horrível sobrececho o amante de Anacleto.

– Seguirei: mas que fazes tu ao pé desse cadáver?

– Morro.

E começou a cavar com as mãos uma sepultura.

Sebastião de Melo aproximou-se para o consolar. O judeu tirou do seio um punhal.

– Está doudo! – murmuraram todos, afastando-se.

CONCLUSÃO

Sebastião de Melo experimentou dois agudíssimos sofrimentos: saudade e remorso. As tréguas que o espectro moribundo da duquesa parecera conceder-lhe tinham acabado. Talvez lhas dera para que no espírito do infeliz se criasse uma esperança, que deveria ser, depois, o seu tormento, morta ela. E morrera bem cedo: o amor de Francisca Valadares fora-lhe um engodo, o sonho padecente no oratório, sonho de vida, que desperta sob a mão do carrasco, que o chama.

E, para que o amante de Francisca sentisse bem no íntimo da alma que a hora da expiação soara, seis anos depois do crime, nunca do pensamento lhe fugia essa bela imagem, esse anjo de desconsolável amargura, essa pálida virgem dos incompreensíveis desgostos, que, raio de sol do Outono, viera na folha mirrada da sua alma enxugar os prantos, que deviam ser a seiva com que os espinhos reverdecem, quando a flor da esperança está fanada.

O filho de Silvina vagou ao acaso dezoito meses, sempre com os olhos fitos no Ocidente, onde se lhe afigurava, entre os arrebóis do horizonte, distinguir a mortalha alvíssima que ele vestira ao seu novo holocausto, à abandonada mulher, que seria, àquela hora, mais uma larva do seu cortejo.

Ao descer do Sol para esta orla do globo, Sebastião de Melo, nos visos do Calpe, mergulhava o olhar profundo no brilhar argentino, além do qual a fantasia alucinada lhe afigurava um leito, e uma agonia, uma luz a esvaecer-se, e um sorriso de perdão, agradecendo o ósculo da morte.

O véu da noite desdobrava-se além, e então a tristeza era escura como ela, o sofrer tinha o terrível irremediável, o coração queria invocar alívios do céu; mas a consciência dizia ao desesperado que nunca o Senhor, na cerração da noite, fizera coar um raio límpido do Sol.

E o desalento, quando as lágrimas o não desafogavam, passava ao frenesi da loucura. Sebastião de Melo corria longas caminhadas até matar a energia do corpo, caindo exausto.

A morte, porém, não vinha, e o homem não tem sobre si mesmo o império de um Deus.

Teresa dos Anjos recebeu, um dia, ao cabo de dezoito meses, sem novas do seu benfeitor, uma carta, que devia ser respondida, pelo veneziano que a trazia. Perguntava Sebastião de Melo pela filha de Filipe de Valadares.

Disseram-lhe que, quinze dias antes, entrara no Convento de Santa Apolónia, na modesta Ordem das Carmelitas; e que era público, em Lisboa, que uma paixão por Sebastião de Melo, paixão não apreciada pelo misterioso cavalheiro, a reduzira a ser levada ao mosteiro mais para dar-lhe um túmulo que uma cela.

Teresa dos Anjos pedia ao «seu filho» que viesse receber-lhe o último abraço porque não podiam ser muitos os seus dias.

Sebastião de Melo veio a Portugal. A sua vinda foi muito tempo ignorada. Quase esquecido na alta sociedade, os que souberam da sua volta e quiseram satisfazer a curiosidade, procurando-o para sondá-lo, encontraram-no com essa frieza do tédio que repele; e, por muito favor, concederam-lhe as mais definidas disposições para demente.

Francisca Valadares ignorava também a vinda de Melo. Julgando-se em apressado recuar para o nada, donde os livros franceses lhe disseram que saíra, a sua paixão tinha, ainda assim, aquela serena resignação que muitos imaginam só poder-se dar nos que expiaram invocando o nome de Jesus. Francisca Valadares morreria como Carlota Corday, se Sebastião de Melo tivesse um Marat como o marquês de Luso. Restos de fé,

se os tinha, apagaram-se como o lampejo duma luz de túmulo, quando a lufada passou por ela.

Muitas freiras, que não tinham sentido nunca em si o antagonismo do coração com o impossível, não concebiam que se pudesse ser desgraçado com aquele sorriso angélico, com aqueles olhos de piedade sempre enxutos, e com aquela imperturbável fisionomia diante da morte, que vinha acelerada. Queriam que ela consumisse o resto dos dias em purificações do espírito, contaminado por cousas da terra, e ainda, ao que parecia, preso a saudades que não deviam roubar o coração às esperanças místicas.

Não a conheciam: duas só eram as privilegiadas testemunhas do seu passado, que ela lhes contava sem queixume, nem lágrimas. Eram a prelada, e Soror Adelaide.

Esta, mais que a outra, lhe soubera a vida; porque também a conhecera no mundo, e de lá viera para o claustro, aos empuxões da tirania paternal, que a sacrificou às conveniências de partilhas.

É esta quem, nos *Mistérios de Lisboa*, conta o desenlace destes amargurados amores, à condessa de Santa Bárbara.

Um dia, ao fim de dois meses de noviciado, Francisca Valadares recebe este bilhete:

Quando o amor de Deus tiver vencido o amor dos homens, no coração da noviça de Santa Apolónia, falaremos do céu, e perguntaremos ambos ao Altíssimo se as lágrimas aqui choradas são, na eternidade, um triunfo ou um martírio.

Sebastião de Melo.

Foi soprar a chama que se escondera nas cinzas de uma grande paixão!

Nesse dia, o duque de Cliton recebia uma carta de Francisca. Eram, também, poucas as linhas: o coração fora violentado a mentir, na branda frase, onde se lê a resignação.

Perguntaremos, pois, a Deus o nosso destino. Esta é a hora solene de o interrogarmos: a minha vida vai fugindo: o vaticínio realiza-se. Sebastião de Melo, se me não encontrasse viva, deveria descer ao claustro, e ouviria dos lábios dum cadáver o adeus que não pude dar-lhe.

Francisca Valadares.

Foi.

Deus criou as dores supremas, e convenceu o homem da sua fraqueza, negando-lhe o poder de contá-las. Expira o coração, e a expressão nos lábios falece com ele. O mártir, quando tocou a estrema, gemendo, apenas, morre como o cristão nas fauces do tigre.

No *Livro Negro* apenas encontramos palavras sem nexos, e essas diluídas em lágrimas. São as páginas que deviam contar-nos as tribulações dum ano, nas grades do Mosteiro de Santa Apolónia. Foi Soror Adelaide que, dezasseis anos depois, levantou uma dobra desse doloroso mistério, mostrando padre Dinis ajoelhado sobre o túmulo da filha de Filipe Valadares.

E pouco, bem pouco foi o que ela soube dizer!

Ela ouviu as blasfêmias da agonizante: mas não soube quantas súplicas ferventes gemeu primeiro a fé.

Não soube que delírios de amor, que radioso lume a noviça projectou dos olhos abrasados sobre os de Sebastião de Melo, que poderia salvá-la da morte, se a desgraça o não levasse ao fanatismo, se a imagem de Branca Ihe não segredasse que seria o assassino da sua segunda mulher.

A religião salvou-o mais tarde; mas forçou-o a não ter uma fibra sem um espinho, quando a última se partiu no leito do hospital.

.....

Teresa dos Anjos adormeceu para sempre nos braços do homem que já podia recitar-lhe, como ministro de Deus, as orações da agonia. Quando cerrava os olhos, ouviu estas palavras:

– Vai encontrar teu filho, santa! A misericórdia do Senhor deve tê-lo recebido, porque foi mártir antes de ser parricida.

Parricida!... – disse Teresa convulsivamente.

– Perdoai-lhe.

Deus ouça o perdão de sua mãe, e receba as minhas penas em desconto do seu crime.

.....

Para quase todos que o conheceram, Sebastião de Melo tinha morrido.

Naquele semblante, nem um contorno do antigo homem!

O mundo transfigura-se diante da sua transfiguração.

D. Pedro da Silva, a condessa de Santa Bárbara, Anacleta dos Remédios são as consolações que Deus lhe manda.

A sua expiação será um longo prazo. Morrerá vinte e dois anos depois. O mundo verá um santo. A expiação dar-lhe-á um altar, a lei ter-lhe-ia dado um cadafalso.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
